CASA ANISIO BRITO
Biblioteca Pública
TERESINA

DEZEMBRO DE 1936

Anno XIX — N. 15

REVISTA

DA

ACADEMIA PIAUHYENSE DE LETRAS

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:

Hygino Cunha —:— João Pinheiro
Christino Castello Branco

Bibl. Sec. do Museu Histórico do Piauhy
Reg. 354
Data 11-7-77

337
CASA ANISIO BRITO — BIBLIOTECA PUBLICA

IMPRENSA OFFICIAL
TERESINA

13-A

falange de
talentos de es-
do Martins Ju-

m
Tob
col,

O LIVRE-PENSADOR ADEPTO DE TOBIAS BARRETO

(Traços autobiographicos)

HYGINO CUNHA

A liberdade, que é principio essencial da ordem publica, encerra alguma coisa de análogo á alma humana no systema dos animistas: dá-se um corpo ,articula-se, organiza-se a si mesma.

TOBIAS BARRETO

Este ponto já foi abordado num capitulo anterior, referente ao estudante do Lyceu maranhense; mas é preciso insistir nelle por ser um dos mais importantes das minhas memorias autobiographicas.

Desde 1880, operou-se a minha completa libertação da crença avoenga, haurida na infancia calcada sobre o inconsciente da tradição **hereditaria**. Todos os esforços do meu lente de philosophia naquelle instituto de ensino secundario, padre Raymundo Alves da Fonseca, para demonstrar os principios metaphysicos e osdogmas religiosos fundamentaes, segundo a **Summa Theologica** de S. Thomaz de Aquino, compendiada pelo doutor José Soriano de Sousa, foram contraproducentes. Desmoronou-se todo o edificio da antiga fé, demolido pelas idéas do materialismo de Buchner, cujas obras, especialmente **Força e Materia** e **O Homem segundo a Sciencia**, traduzidas do allemão para o francês, já circulavam, áquela data, nas mãos de alguns estudantes do Lyceu maranhense.

Ingresando, em 1881, na Faculdade de Direito do Recife, meu posto estava predestinado desde o Maranhão na falange de Tobias Barreto, onde já sobresaiam, então, diversos talentos de escol, principalmente Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Martins Ju-

nior, Phaelante do Camara e tantos outros que figuram na **Memoria Historira** de 1903 da Faculdadt, obra do ultimo acima nomeado. Registrando a profunda renovação que se operou no ensino juridico, o chronista enthusiasta assim a caracterizou: "A velha praça fora abandonada, e os rapazes, numa patrulha que se tornou célebre e de que faziam parte — Clovis Bevilaqua, Martins Junior, Arthur Orlando, Gumersindo Bessa, Oliveira Telles, Cesar Monteiro, João Freitas, Hygino Cunha, Alfredo Pinto, Viveiros de Castro, Anizio de Abreu, Thomaz Gomes, José Carlos, Claudio dos Santos, Pereira Simões, Fausto Cardoso, Urbano Santos, Benedicto Leite, Virginio Marques, Alcedo Marrocos, Carlos Porto Carreiro, João Bandeira, Germano Haslocher, Methodio Maranhão, Fernando de Castro, e, em ultimo logar, o autor destas linhas—encarregaram-se de fazer a ronda nas amcias da fortaleza conquistada. Foi verdadeiramente o que se póde chamar a idade de ouro desta Escola".

Os vultos principaes da grande caravana de estudantes vindos de S. Paolo continuaram a distinguir-se no sul do paiz depois da conclusão do curso no Recife, de 1884 a 1885, e do regresso aos penates. Não se identificaram, porém, com a sociedade recifense, acossados ademais pela febre amarella reinante na capital pernambucana. Entretanto, o ambiente renovador da Faculdade nortista não deixou de influir poderosamente nos seus futuros triumphos. Reconheceu-o o testemunho insuspeito de Eloy Pontes na sua recente **Vida Inquieta de Raul Pompeia**, nos termos seguintes: "A Academia do Recife era laboratorio ruidoso de enthusiasmos, viveiro de intelligencias, ponto de sotura de grandes espectaculos". Muitos estudantes paulistas, que se incompatibilizavam com os seus professores escravocatas e ultramontanos intransigentes, demandavam as plagas pernambucanas, onde pontificava Tobias Barreto. Só na turma de Raul Pompeia vieram mais de noventa, como o affirma o seu biographo.

Raymundo de Farias Brito, caboclo cearense, mal amanhado, de estatura média, moreno bronzeado, pallido, muito retraido e muitissimo feio, lecionando mathematicas, publicou, depois de formado, diversas obras sobre assumptos filosophicos, que a corrente catholica de Jackson de Figueiredo procurou adaptar aos seus

interesses reaccionarios, sendo elle, aliás, producto genuino da escola de Tobias Barreto, tão malsinado ainda hoje pelo elemento clerical recalcitrante.

Os professores José Hygino, João Vieira e Tavares Belfort formavam grupos á parte, influenciados pelo positivismo de Comte e Littré e pelo evolucionismo de Spencer, que o dr. Coêlho Rodrigues tentou adoptar na sua cadeira do primeiro anno, procurando rejuvenecer o antigo direito natural. O dr. João Vieira lançava as suas vistas reformadoras do direito criminal até á cultura juridica italiana. Todos esses professores tinham adeptos entre os academicos, collaborando assim na inauguração de uma nova éra nos estudos juridicos e sociaes. Mas o prestigio de Tobias Barreto, culminando em 1882, por occasião do seu celebre concurso, sobrepujou todos os outros, deixando profundo sulco na seara das disciplinas juridicas, literarias e filosoficas. A esse fausto acontecimento se refere com enthusiasmo toda a geração intellectual que lhe soffreu o influxo indelevel. Graça Aranha, no seu livro posthumo — **O meu proprio romance**, publicado em 1931, assim o descreveu: "Abria-se o concurso para lente substituto da Faculdade. Era o concurso de Tobias Barreto. Eu já havia iniciado os meus estudos na Academia. O que me ensinaram de filosofia do direito eu não entendia. Era superior ao meu preparo, e professado sem clareza, sem o influxo da communicação. José Hygino, o pesado mestre spenceriano, nos enojava e nós não o entendiamos. A outra materia era o direito romano, mais compreensivel, porém que professor calamitoso era o velho e ridiculo Pinto Junior. O concurso abria-se como um clarão para os nosos espiritos. A electricidade da esperança nos inflammava. Esperavamos, inconscientes, a coisa nova e redemptora. Eu saia do martyrio, da oppressão, para a luz, para a vida, para a alegria. Era dos primeiros a chegarem ao vasto salão da Faculdade e tomava posição junto á grade que separava a Congregação da multidão dos estudantes. Immediatamente Tobias se tornou o nosso favorito. Para estimular essa predilecção delle o apoio de alguns estudantes ao candidato Freitas, bahiano, vinhado do lente Seabra. Tobias, mulato desengonçado, era ou do o delirio das ovações. Era para elle toda a admiração do mundo cia, mesmo a da emperrada Congregação. O mulato vivo

transformou-se na arguição e nos debates do concurso. Os seus olhos flammejavam, da sua bôca escancarada, rôxa, movel, saia uma voz maravilhosa, de múltiplos timbres, uma gesticulação transbordante, porém sempre expressiva e completando o pensamento.

O que elle dizia era novo, profundo, sugestivo. Abria uma nova época na intelligencia brasileira, e nós recolhiamos a nova semente, sem saber como ella fructificaria em nossos espiritos, mas seguros de que por ella nos transformavamos. Eses debates incomparaveis eram pontuados por continuas ovações, que faziamos ao grande revelador. Nada continha o nosso enthusiasmo. A Congregação, humilhada em seu espirito reaccionario, curvava-se ao ardor da mocidade impetuosa. Proseguiamos impavidos, certos de que, conduzidos por Tobias Barreto, estavamos emancipando a mentalidade brasileira, afundada na theologia, no direito natural, em todos os abusos do conservatismo retrógado. Para mim era tudo isto delirio. Era a allucinação de um estado inverosimil, que eu desejava, adivinhava, mas cuja realização me parecia sobrenatural. Tobias Barreto fez a sua prelecção oral. O orador attingiu, para minha sensibilidade, o auge da eloquencia. Quando terminou, recebeu a mais grandiosa manifestação dos estudantes, a cujo enthusiasmo adheriram os lentes unanimes".

Classificado em primeiro logar, nomeado e empossado na sua cáthreda magistral, Tobias crescia cada vez mais a todos os olhos com as suas prelecções doutoraes, que repercutiam por todos os angulos do paiz. Um dos seus maiores triumphos oratórios foi o discurso pronunciado numa collação de grau em 1883, sobre a **Idéa do Direito.** Mas a reacção obscurantista não se fez tardar. Surgiu, então, nesse mesmo anno, a grande luta pela imprensa, provocada por todo s os elementos jesuiticos, embuçados sob o patrocinio dos padres da **Civilização** de S. Luiz, orgam do clero maranhense. Transcriptos no **Diario de Pernambuco** os artigos daquella reverendo clerical, acrescidos por outros forgicados no Recife, travou-se a mais renhida peleja, em que foram empregadas todas as armas costumeiras, baseadas no velho ódio theologico. Tobias fez frente á grande e improba. Toda a mocidade academica tomou parte no memoravel, cujo resultado final foi a consagração solen-

CASA "[illegible]" BRIT
(Biblioteca Pública
TERESINA

ne das idéas emancipadoras da mentalidade brasileira, coroando de loiros immarcesciveis a fronte do heróe.

Aqui vem apello desfazer uma ballela muito espalhada pelos detratores do egregio sergipano. No correr da discussão, Tobias affirmara que os padres não sabiam mais latim, a lingua official da sua propria religião. Em resposta, a **Civilização** deu á estampa uma versalhada macarronica para disfarçar a ignorancia do latim classico. Ahi mesmo Tobias apontou erros de grammatica e de metrica. Pois os seus antagonistas inverteram os papeis, espalhando, á bôca pequena, que os padres lhe ensinaram latim, lingua em que Tobias era provecto, mas em que nunca escreveu um só artigo. E' verdade que escreveu muitos em puro allemão, destinados aos seus amigos tedescos, com quem mantinha correspondencia epistolar e jornalistica.

Mas a ballela correu mundo sorrateiramente para gaudio dos parvos, que a inventaram e divulgaram. No **Diario de Pernambuco,** appareceu um longo artigo em latim, que foi attribuido a um sacerdote estrangeiro, recem-chegado de Roma, mas a quem ninguem deu a menor importancia. E nada mais houve a respeito do caso.

Tobias Barreto foi um grande polyglota. Tal o reputou Clovis Bevilaqua, na sua **Historia da Faculdade do Direito do Recife,** vol. II, pag. 118: "Professor de latim ainda na adolescencia — disse o insigne autor do Codigo Civil Brasileiro — era eximio latinista. Escrevia allemão com elegancia, segundo affirmam competentes, e deixou livros na lingua de Goethe. O francês lhe era familiar, e ás vezes recorria a esse idioma para as suas criticas ligeiras. Conhecia o inglês, o russo e o grego, segundo se vê dos seus trabalhos, sem falar no italiano, que é lingua irmã da portuguêsa, mas devendo notar-se que Tobias tinha conhecimento perfeito da literatura italiana, antiga e contemporanea".

Tobias foi sobretudo um lutador valente, sempre prompto a sacrificar-se pelas idéas que abraçava. "A luta — escreveu elle — é o meu elemento. Deixo a outros, mais felizes do que eu, viverem a vida placida e serena do kágado dentro da concha ou do carangueijo dentro da toca. Para mim, so ha uma força no mundo com quem não quero lutar e com quem me esforço por vive

paz: é a consciencia". De outra feita, no fragor da luta atraz ferida, depois de classificar os seus agressores em três grupos — ministros do Senhor, jesuitas de casaca e testas de ferro, reagindo com justo orgulho, disse: "Mas estes três grupos, separados um do outro nos planos de ataque, estão todos reunidos na infamia commum de injuriar, calumniar, morder sempre ás occultas, sem ter jámais a coragem de assumir em publico a responsabilidade dos seus ditos. O sentimento da força empregada para reagir contra a acção do mundo exterior é a primeira manifestação da consciencia. Só sente bem o vigor dos seus musculos quem já sopesou uma clava. Pela primeira vez tambem levanta-se em mim a consciencia da grandeza, desde que me vejo acomettido por **cem cães damnados** e tenho força bastante para esmagal-os. O meu filosofo americano (Emerson) disse que a estima de si mesmo é a primeira fórma, sob a qual a grandeza apparece. Quando um homem defende sósinho a sua opinião contra toda uma assembléa, todo o mundo se sente attrahido para elle. E, si um homem affronta sósinho os rancores de uma classe inteira, com os seus appendices e adherencias, que se sente por este homem ? Para nada sentir-se por elle, seria mistér que a sociedade fosse toda composta de calumniadores anonymos e pusillanimes. Mas, nesta hypothese, ella não poderia existir nem siquer um dia". São ainda palavras suas apostas ao final da nota **H** do **Discurso em mangas de camisa**: " A sociedade em que vivo não tem força bastante para levar-me comsigo, como um madeiro arrastado pelas aguas selvagens dos nossos rios, mas tambem, por minha vez, não sou bastante forte para desvial-a do seu caminho, para affeiçoal-a á minha imagem e semelhança: dahi uma perpetua inconciabilidade entre nós, dahi alguma coisa de tragico na minha vida, que me faria misantropo e infeliz, si a natureza não me tivesse investido de uma indole expansiva e mil vezes mais propensa ao prazer do que á tristeza". Cumpriu assim o seu destino heroico até morrer cardiaco, na extrema pobreza, em 20 de junho de 1889, com 50 annos de idade completos.

Iefelizmente essa attitude combativa na demolição dos idolos convencionaes do dia levou-o algumas vezes a ser injusto com adversarios de merito real, já consagrado pela estima e a venera-
dos competentes, como succedeu nas polemicas ruidosas com

Escragnolle Taunay sobre o compositor allemão Meyerbeer e com o professor José Hygino sobre o jurista allemão Gneist e o **selfgovernmeut.**

Sylvio Romero, o seu maior apologista, impoz a sua gloria aos potentados literarios do Rio, numa faina indefessa de quarenta annos continuos. Já lhe vão fazendo alguma justiça depois de uma impugnação sem tréguas. Ronald de Carvalho, ha pouco fallecido depois de eleito principe dos prosadores brasileiros na vaga de Coelho Neto, na sua preciosa **Pequena Historia da Literatura,** publicada no Rio em 1919, fez referencias elogiosas a Tobias, nas diversas modalidades deste genio polymorpho. Tratando especialmente da critica literaria, sustentou que "a elle é que devemos, em grande parte e depois a Sylvio Romero, Arthur Orlando e Clovis Bevilaqua, todos intimamente ligados ao **movimento** do Recife, uma compreensão mais verdadeira e consciente daquella disciplina, um sentimento mais claro e positivo das nossas possibilidades, uma razão mais penetrante dos nossos destinos." E Ronald de Carvalho completou o seu juizo com estes conceitos justos e magistraes: "A critica literaria firmou-se depois do movimento do Recife. A obra de Tobias Barreto, que, infelizmente, ainda não foi devidamente considerada, pois, na sua biographia, os exageros no elogio ou no vituperio, não lhe deixam perceber a physionomia complexa e superior, é uma das que apresentam mais relevo ao observador imparcial. Tobias preparou uma geração de homens fortes no mais alto sentido da palavra. Fortes, porque eram sãos, longe da intriga das facções politicas e da camaradagem partidaria, procuravam a razão das nossas coisas, as bases profundas do caracter nacional e as infimas raize s da nossa raça, na sua poesia, nos seus costumes e na sua lingua. A' religião, á politica, á literatura, á glótica, ao direito e a todas as manifestações do saber Tobias prestou o concurso de seu talento combativo, audaz e eloquente, e, com elle, os seus discipulos e companheiros de polemicas ruidosas, talice perfeitamente **desinteressadas,** o que hoje pareceria quasi incrivel vosso

O professor Joaquim Pimenta, cathedratico da Faculdade de Direito do Recife e hoje da Universidade do Rio, consagrando Mestre inolvidavel os conceitos seguintes: "Tobias, quando ensinava a cadeira, de onde projectou a luz renovadora de

dade nacional, tinha, na sua frente, a julgal-o, uma synagoga de sombrios doutores ,para os quaes a **Summa** de S. Thomaz marcava o ponto maximo, terminal do saber humano. Si metaphysicos havia, esses mesmos não iam além do racionalismo dogmatico, tão intolerante e fechado quanto o seu émulo — o theologismo. Tobias desflardou a bandeira de um novo credo filosofico, novo e desconhecido para aquelle tribunal de letrados — o monismo de Haechel. A ousadia das suas affirmações doutrinarias e mais ainda os seus golpes implacaveis, desferidos no arcabouço millenario das veneraveis concepções dualistas do mundo e da vida davam a impressão de um assalto brusco, vigoroso, heróico a uma cidadella até então inexpugnavel e confiante na solidez granitca das suas muralhas. Era natural que os primeiros arrancos não desconcertassem aquella guarnição, que, impassivel e de beca, sorria superior para o adversario insolente em investir contra a fortaleza de quasi vinte seculos de resistencia ás hostes inimigas. Não era possivel que os attingisse, através de montanhas de dogmas, que os protegiam, a ferrea logica de um plebeu obcuro, bohemio tocador de violão das serenatas sertanejas. Esse engano não durou muito: a impassibilidade dos senhores cathedraticos cedo se transmutou em pasmo; e aquelle sorriso sereno e olympico, que communicava á douta assembléa uma linha de ingenua solemnidade, desmaiava, perdia-se nas faces que se enrugavam graves e apreensiveis. Era que, em torno do denodado campeão, cerrava fileiras, compacta e vibrante, a mocidade forte daquelles tempos, em cujos braços se erguia o Mestre, annunciando ás consciencias a concepção monistica do Universo." — Vide **O Imparcial** do Rio de 26 de fevereiro de 1925 e a **Revista da Academia de Direito do Recife**, anno XXXIV, 1926.

A influencia da escola do Recife foi tão vasta como profunda em todo o mundo intellectual do Brasil, nas suas diversas manifestações, desde 1868 até 1889. Nella filiaram-se directamente muitos vultos eminentes da politica e das letras nacionaes, como Alencar, Lacerda Werneck, Luiz Murat, Rodrigo Octavio e outros convencidos. Em alguns delles póde-se notar certa independencia de adversarios e mesmo nequelles mais distanciados, como Ruy Barbosa, Epitacio Pessoa, Esmeraldino Bandeira, Anni-

bal Freire e Pedro Lessa, não foi, nem podia ser indifferente o influxo de Tobias Barreto. Assim pensava tambem outro Mestre, João Ribeiro, numa chronica publicada em **O Jornal** do Rio de 14 de setembro de 1927 sobre a **Historia da Faculdade do Recife** de Clovis Bevilaqua. Elle falava de sciencia propria, com a sua immensa autoridade, como conterraneo e contemporaneo.

Tobias é patrono da cadeira n.º 38 da Academia Brasileira de Letras, da qual Graça Aranha foi o primeiro occupante. O Estado de Sergipe, sua terra natural, erigiu-lhe uma estatua numa das praças de Aracajú, e o presidente Graccho Cardoso mandou reeditar as suas obras completas em dez grossos volumes.

Terminada a luta com os padres, tomara mnovo incremento, no mundo academico, as duas campanhas civicas pela libertação dos escravos e pela republica, em comicios, pamphletos e jornaes. Em todos esses movimentos, dentro e fóra da Faculdade, tomei parte activa, attitude que continuei a manter n avida publica, com as devidas attenuantes locaes.

O decennio de 1880 foi o periodo culminante e decisivo das duas campanhas simultaneas da abolição e da republica, que fizeram o 13 de maio de 1888 e o 15 de novembro de 1889. Tornando-se reaccinaria a Faculdade de S. Paulo, muitos estudantes paulistas insubmissos vinham concluir os seus estudos no Recife, liberto do jugo ultramontam pelo verbo potente de Tobias Barreto. Paranympho de uma collação de grau em 1883, encerrou a sua oração magistral com estas palavras memoraveis: "Agora vós, senhores doutores, ao concluir, acceitai um conselho de amigo. Não adormeçais sobre os loiros, mas trabalhai, continuai a trabalhar sómente na direcção do futuro. Quanto a vós, sr. dr. Hermenegildo, vós que, por meio de escriptos, que são outros tantos actos, outras tantas affirmações do vosso bello talento, já tendes dado provas de pertencerdes á grande familia dos trabalhadores valentes; vós que, ainda tão moço, já tivestes occasião de haurir o calice amargo da injustiça dos homens, deveis estar satisfeito: o vosso merito foi reconhecido. Tratai agora só de elevar-vos e engrandecer-vos mais e mais, para que assim possais melhor compreender os homens e melhor perdoar-lhes as fraquezas. Nada mais. Sêde felizes."

Elle bem sabia que a sua vez cycopica ia repercutir no sul do paiz, orgulhoso da sua escravatura millenar e da sua sapiencia ultramontana.

Supponho que o dr. Hermenegildo que figurou na collação de grau acima referida é o mesmo insigne magistrado Hermenegildo de Barros, actual presidente do Superior Tribunal de Justiça Eleitoral.

Nos dois primeiros annos do meu curso academico, antes de Tobias assumir o cargo de lente da Faculdade, frequentei, assiduamente as suas prelecções juridicas, as suas aulas particulares, os seus discursos na praça publica, nos clubes e recepções familiares, sempre com grande affluencia de ouvintes, principalmente de estudantes. Depois, frequentei a sua casa particular no bairro dos Afogados, participando da convivencia intima dos seus discipulos e admiradores.

As citações contidas nesta chronica de saudade justificam-se com os cocneitos de um notavel escriptor francês; citado pelo eminente criminalista brasileiro Evaristo de Moraes num dos seus trabalhos juridicos magistraes: "Citer c'est le fait d'em esprit qui doute de soi,, qui, se défiant de sa propre autorité, s'abrite derriére des esprits consacrés et s'éfface pour leur laisser la parole." — Edouard Founier, **L'Esprit des autres,** ed. de 1879, pag. 5.

Vide Gilberto Amado — **Tobias Barreto** (conferencia proferida no Centro Oswaldo Spengler na inauguração do curso de extensão academica), 1934, Rio; Macario de Lemos Picanço — **Clovis Bevilaqua,** sua vida e sua obra, 1935, Rio.

Dois estudos magistraes, em que o vulto de Tobias é posto em máximo relevo entre os de Teixeira de Freitas e Clovis Bevilaqua, na cultura das letras juridicas no Brasil, desde a segunda metade do seculo passado até aos dias actuaes, rasgando novos horizontes para o futuro. Esplendida constellação de sóes, illuminando o campo da consciencia juridica brasileira com irradiações para além das fronteiras nacionaes. E' a consagração da gloria pósthuma, a justiça da posteridade, imparcial e indefectivel, desfazendo o nevoeiro das paixões e dos preconceitos reaccionarios e obscurantistas. E' a apotheose, embora tardia, que nunca falta aos verdadeiros genios bemfeitores da humanidade.

Teresina — 1935 — 1936.

SPLEEN, inédito

CELSO PINHEIRO

Ao dr. João Emilio Costa, um lindo espirito do meu affecto e da minha admiração

Tem a apparencia lirida da morte
A minha vida ! Sim, tem a apparencia
Do Nada, a minha misera existencia,
Sem sorrisos em mágico transporte !...

Destino, amor, idealidade, norte,
Tudo que é bello e attinge uma eminencia,
Tudo, tudo, perdi sob a inclemencia
Dos aguilhões e trépanos da Sorte !...

Eu sou como esses bêbedos cansados,
Que têm cancros de dôr e de amargura,
Nos velhos corações tantalisados !...

Minha agonia é a tétrica agonia
De quem perdido numa noite escura,
Nunca mais conhecesse a luz do dia !...

Ha em mim uma gana de torcidos
Vultos de heroes jungidos á Materia,
Torturando-se ao latego da arteria,
Investigando os céos desconhecidos ! ...

São meus sonhos — os magicos tecidos
Da minha dór ! E' o surto da Miseria,
Que quer subir á claridade etherea,
Pela escada de seda dos Sentidos !...

E' a labareda tremula das Ansias,
Na acha humilde da carne insatisfeita,
Prescrutando o segredo das Distancias !...

São crateras, revoltas impollutas,
De alma forte, alma lyrica, alma eleita,
Sob a forja dynamica das Luctas !...

BIBLIOTECA E ARCHIVO PUBLICO DO PARANÁ

Vivo dentro de mim como isolado
De todos ! Vivo só, unicamente,
Como o homem que ficou para semente
Do aureo trigo do Amor e do Peccado !...

E como é bom viver abandonado
A si mesmo ! Viver como um poente,
Na transição da luz, na redolente
Graça de um sonho doce e confortado ! ...

Que importa a farpa da Neurasthenia,
Se tenho o senso loiro da belleza,
Se tenho o loiro senso da harmonia !...

Vibre-me a dôr o golpe mais profundo,
Que não me attinge ! Eu sou a natureza,
Eu sou a humanidade, eu sou o mundo !...

Eu sou o poéta, aquelle illuminado,
Aquella aranha da Delicadeza,
Que com fios de ténue subtileza
Une o Presente á gloria do Passado !...

Meu ser é como o vinho derramado
Na toalha do Sonho e da Belleza,
Almo linho dos teares da Certeza,
Servindo á rude ceia do Peccado !...

Ninguem ha de saber o meu mysterio,
Que a minha vida é noite escura, escura,
E o meu amplo solar, o Cemiterio !...

Pão de lagrimas, sou, entre os abrolhos,
O amarissimo pão da Desventura,
Que se come com lagrimas nos olhos !...

Por que o Christo não disse que a verdade
E' o amor, este amor suave e brando,
Que me vae conduzindo, vae levando
Para os confins azues da Eternidade ?...

Pobre poeta do Amor e da Saudade,
Via-lacteas de lagrimas chorando,
Eu soffro a dôr do mundo sobraçando,
Que soffrer é se ungir de Caridade !...

O coração é o passaro radioso
Que vae beber na limpida corrente,
Como um sol fecundante e carinhoso !...

Viver, mas sob a graça da Belleza:
Eu e a minh'alma, nós, unicamente,
Unicamente nós e a Natureza !...

Julgam-me os homens todos millionario
Porque o oiro do verso tenho ás minas
Do coração, e ha fontes chrystallinas
De estrellas, no meu limpido rimario !...

Esquecem-se, porém, de que o Fadario,
Em meio a tantas graças peregrinas,
Estrangulou-me aspirações divinas,
Renegando-me a um plano secundario !...

Ai, supplicio de Tantalo, tremendo !
Quem diria que fosseis uma ethereа
Crôsta de craneo rutilo, fervendo ! ...

Valha-me ao menos esta singelleza,
Que mais vale ser rico na miseria
Do que ser miseravel na riqueza !...

Por que é que me não cabe o hotel do mundo,
Se vim de longe, pálido, sonhando,
No comboio dos Seculos, viajando,
Para esse instante magico e profundo ?...

Para esse instante de meditabundo
Extase loiro como um dia brando,
Tapeçarias rutilas bordando
No tear do Tempo, lyrico e fecundo !...

Sou como os homens de infimas camadas,
Que se intoxicam de alcool nas tabernas
E dormem rudemente nas calçadas !...

São meus irmãos os bêbedos dementes,
Que as minhas culpas, asperas, eternas,
São dobras millenarias de serpentes ! ...

Pesa mais do que o bloco do Infinito
A minha dôr ! Sou o Atlas do Tormento,
Mil seculos de dôr e soffrimento,
Conduzindo nos hombros de granito !...

Eu sou, talvez, um pálido proscripto,
Na agua-furtada do meu Pensamento,
Brechando a torre astral do Sentimento,
Com a flecha dolorosa do meu grito !...

Fuido disperso pela humanidade,
Sou germen, seiva e humus florescente,
Na floresta de luz da Eternidade !...

E depois de aspirar o Azul e a Serra,
Vou fecundar, ainda, indifferente,
Os ovarios humillimos da Terra !...

Peregrino das Ansias, peregrino
De rebanhos perdidos nos arrancos,
Aos solavancos vou, aos solavancos,
Na carroça infernal do meu Destino !...

Ao sol e á neve, á poeira azul de um hymno,
Commoveram penhascos e barrancos,
A minha aureola de cabellos brancos
E a minha alminha fragil de menino !...

Que aventuras doiradas e imprevistas
Surpresas ! Como ergui a verde palma
Dos martyres, dos santos, dos artistas !...

Que miragens, que poentes de velludo !
— Inda conservo, como um beijo n'alma,
A saudade de tudo ! ...

Pálido e triste, cão do Desconforto,
Cordoalha de tôdos os gemidos,
Eis-me um farrapo ténue de tecidos,
Sem ter ao menos onde cáia morto !...

Jardim das Oliveiras, o meu horto,
Está cheio dos echos e zumbidos
Da minha Dôr — a concha dos sentidos,
Um calice finissimo do Porto !...

Na floresta dos Seculos, quem ha-de
Ouvir, como eu, no seio da floresta,
O murmurio do Sonho e da Saudade ?...

Minha vida é de cardos e de abrolhos,
Que ha me imprimindo uma feição honesta,
Monumentos de lagrimas nos olhos !...

Desprendi-me de tudo... Como o alado
Fremir das folhas lividas ao vento,
Eu sou a imagem do Desprendimento,
Pareço-me com o Christo Despregado !...

Cansei na vida. Sim. Estou cansado.
Os meus versos, meu lyrico talento,
Lá vão elles ao léu do Desalento,
Sumiram-se na curva do Passado !...

Pobre acha do Sonho e da Miseria,
Vou consumindo, á flamma da Fraqueza,
Residuos da resina da Materia !...

Commungarás, porém, alma do Norte !
A' branca eucharistia da Certeza,
Na communhão dos barbaros da Morte !...

Quem me vir, sob a restea da bondade,
Ha de convir que sou um vagabundo
De mim mesmo, um nómade profundo
Das steppes do Sonho e da Saudade ! ...

Porque principio sou de eternidade,
A alavanca dos Seculos a fundo
Cravei no dorso magico do mundo,
Num lindo testemunho de verdade !...

Na peleja da Vida — a estranha guerra,
Hei de ser sempre um fluido, uma harmonia,
Da grande flôr selvatica da Terra !...

Se só o amor é todo o Sentimento,
Bemdita seja a Morte — essa utopia,
A solenne expressão do Soffrimento !

A vida... Sim, e o bébedo, risonho:
"Mas, afinal, que vem a ser a vida ?
E' uma celeste e magica bebida,
Um calice finissimo de sonho !..."

...E o mar gemia. O sol, ermo e tristonho,
Parecendo uma enorme margarida,
Punha laivos de sangue na florida
Face do abysmo tetrico e medonho !...

Em torno á mêsa, — pálidas auroras,
Inclinavam-se lyricas senhoras...
E o bêbedo, de fronte esclarecida,

Erguendo a voz sentimental: "Mulheres !
Crysanthemos de carne ! Malmequeres !
Vós sois a graça e a affirmação da Vida !..."

Venho de longe... Sim, venho de um ermo,
Onde não brilha nunca a luz do dia !
Venho do inferno da Melancolia,
De alma cansada e coração enfermo !...

Se o espirito immortal pudesse ver-m'o
Alguem, través a dôr que me crucia,
E' bem certo, talvez, que encontraria
Uma noite vastissima, sem termo ! ...

Perdi-me na trincheira dos abysmos,
Alanhado, ferido, ensanguentado,
Sob os roucos canhões dos cataclismos ! ...

Meu ser é como o velho mar convulso,
O velho mar em furias agitado,
Erguendo maldições em cada pulso !...

Nada tenho de meu... A alma exponho,
Porque me apraz a lyrica nudeza
Desse vacuo do azul! Minha pobreza
E' um clarão dionisíaco de sonho! ...

Vive-me, embora, o temporal medonho,
Na casa de Meu Pae — a Natureza,
Eu sou modalidade de belleza,
Sou calix de crepusculo tristonho!...

Peregrino dos Seculos, a esmo,
Em todos os caminhos hei deixado
Pedaços luminosos de mim mesmo!...

O meu somno é mais doce, mais profundo,
Aos farrapos do céu illuminado,
Sobre o colchão miserrimo do mundo! ...

Dóe-me devéras, brada aos céos, delira,
Ser inferior a todo ser humano,
Eu que conduzo, no meu ser ufano,
O orgulho luminoso de uma lyra!...

Por que minh'alma tudo quanto aspira
Tem a fórma chimerica do engano?
Por que vivo a correr a todo o panno
Na pista de uma nêsga de mentira?...

Ai, destino sem fé e sem constancias!
Ha fremitos, nevrozes e estertores
A' forja sideral das minhas Ansias!...

Têm raizes nos Seculos, raizes
Ultrapassando a Terra as minhas dôres,
—Confraternização dos Infelizes!...

"A minh'alma está cheia de tristeza
Até á morte!" Jesus disse em prece!
Disse Jesus, tal como se o dissesse
O violino da Graça e da Belleza!...

Tambem minh'alma, pela natureza
Do sentimento humillimo que tece,
Tem algo de uma esplendida kermesse
De Sensibilidade e de Certeza!...

Unge-me a fronte o beijo do Infinito!
Sobre a flamma dos vinhos, languescente,
Na taberna dos Seculos medito! ...

Paladino do Verso e da Cruzada,
Eu sou, talvez, Senhor, uma dolente
Melancolica lampada velada!...

DESCENDO O RHENO

Desço o Rheno, a sonhar, nesta enlevada viagem ...
De Moguncia á Colonia em jubilo me inflammo:
Pelo fluido horizonte o meu olhar derramo,
Deslumbra-me o esplendor constante da paysagem ...

A' uma miragem linda, outra linda miragem
Succede, á doce luz dos amplos céos que eu amo:
Cidades e jardins, cuja graça proclamo,
Castellos medievaes entre a verde folhagem ...

Mas, subito, recordo as guerras e as façanhas,
As historias de amor, enfeitadas de lendas,
Que são a vida ideal dessas bellas montanhas ...

E num velho castello, a divina chimera
Do meu sonho entremostra, emergindo de rendas,
Formosa castellã que os meus beijos espera ...

Pedro Borges

28/8/1929

BIBLIOTECA, ARQUIVO PUBLICO E MUSEU HISTORICO DO ESTADO * Teresina-Piauí *

O Pseudo-Presidente

(PAGIGAS DE ANTANHO)

Foi só depois de aferrar no acanhado e, aliás, naquelle tempo, quasi inaccessivel porto do Estreito, quando talvez pela vigesima vez, lhe perguntaram se não trouxera o presidente que, a subitas e de um modo inteiramente casual, lhe occorreu a pilheria.

Ah ! Sim... Sim... Deve ser isso... E quem poderá contestar ? Hein ?

Attentou, como distrahido, abstracto, uma pequena canôa equipada por duas mulheres que atracara á margem, um pouco abaixo e, a seguir, alçando rapidamente o rosto num grande riso de satisfação que lhe illuminou, por um momento, a larga face escanhoada: Ha de ser interessante ! continuou no mesmo tom e inveterado costume que tinha de, por vezes, pensar em voz alta, piscando os olhos pequenos e brilhantes na rutila e seductora previsão do surprehendente effeito que, certo, lograria a traça magnifica, emquanto se afastava, muito delicado, para dar passagem a uma senhora e varias creanças que desembarcavam.

— O que, commandante ? inqueriu approximando-se, ao lado de outro mais baixo, meticulosamente vestido e barbeado, um rapagão moreno, de bonet de casemira batido na frente e barba muito negra e espessa que no pequeno jogo não o perdera de vista um só momento.

— O presidente.

— Que presidente ?

O presidente da provincia. Então não sabem ?

Não. Não sabiam de cousa alguma o que, aliás, não era de

admirar, explicou, num sorriso, muito calmo, o mais alto, porque estavam ha nunca menos de tres annos ausentes do Piauhy.

—Pois escutem ! continuou o commandante accendendo o seu charuto e fazendo-os sentar, em amplas cadeiras de panno, a seu lado:

Reina, actualmente, em toda a provincia, grande anciedade pela chegada do dr. Manoel do Rêgo Barros Sousa Leão, presidente por ultimo nomeado, sobretudo entre os liberaes que o suppõem extremado correligionario. E' só em que se fala.

O proprio dr. Manoel José Espinola Junior, vice-presidente em exercicio, logo que teve conhecimento de que elle estava a chegar na cidade de Parnahyba, dirigiu um officio á Gerencia da Companhia solicitando-lhe que mandasse, sem demora, um vapor transportal-o á Theresina e, para que isso se effectuasse com a maior presteza, accrescentava que não devia aquelle receber carga nem reboque de especie alguma. Prepararam-se festas ruidosas, manifestacões surprehendentes. Entretanto, dias depois, apesar de grande demora naquelle porto, regressava o barco requisitado, com certeza, em consequencia de algum rebate falso, sem que, até então, alli tivesse chegado o presidente.

Avaliem o desapontamento e as explorações que surgiram em torno desse acontecimento. Meio pequeno... Vocêis bem sabem como são essas cousas.

Escassearam noticias, sem duvida pela difficuldade de communicação. Surgiram desconfianças. No seio do proprio partido circularam commentarios alarmantes. Os jornaes da opposição, especialmente **A Patria** e **O Amigo do Povo** nos seus ultimos numeros metteram o caso num ridiculo extraordinario. Ninguem sabe a que attribuir semelhante demora.

Suppunha-se, aliás, com fundamento, que eu o trouxesse agora o que, de certo modo, não deixa de justificar a anciedade com que me assediam em todos os portos. Não tem notado ?

Torna-se, portanto, imprescindivel preencher, quanto antes, a lamentavel lacuna, condescendendo, pelo menos em um, no ultimo de alguma importancia que ainda nos resta. Que lhes parece ? Vou fazer desembarcar o presidente em União,

—O presidente ?

—O presidente e respectivo secretario.

—Mas o presidente e o... o...

—Está claro ! Já sei o que vae oppor. Mas nada mais simples. Tenho-os abordo.

—A bordo ?

—A bordo e nos senhores, continuou fitando-os intencionalmente.

—Em nós ? ! ...

—Nos senhores mesmos, accrescentou aquelle num grande riso estrepitoso. Pois não comprehendem ? Deixaram porventura de ser estudantes ? Hein, grandes malandros ? ! ... E' uma peça admiravel ! Ha pedaço que a combino e lhes a haveremos de pegar quer queiram quer não. Para cumulo de felicidade temos até o ajudante de ordens em um desses camaradas, concluiu referindo-se a dois officiaes do exercito que se approximavam, a graves passos, conversando.

Quanto aos outros passageiros e tripulantes, poderemos agir á vontade. Mas não precipitemos os acontecimentos, vamos tomar o nosso aperitivo que o almoço não deve tardar.

E na mais cordial camaradagem, sempre a rir sobre os mais pittorescos motivos, o jovial commandante Antonio Tavares da Costa, os academicos de direito, em ferias, Joaquim Moreira de Barros Oliveira Lima, filho do então chefe de policia dr. Umbelino Moreira de Oliveira Lima e João José da Silva Sarmento e os dois officiaes que por ultimo se lhes haviam encorporado, penetraram á cabine daquelle onde, em frente de uma alentada botija de genebra **Saudades de Altona**, se detiveram pilheriando até que a sineta de bordo tilintou alviçareiramente chamando para o almoço.

Dias depois, quando o **Piauhy**, com a bandeira nacional arvorada á ré, signal de presidente da provincia a bordo, se approximava garboso do arenoso porto da então villa de União, já o aguardava alli crescido numero de curiosos.

Havia grande agitação muito naturalmente determinada pelo imprevisto da novidade.

Riscavam cavallos, a cada passo, represos, á pressa, pelas redeas muito tensas. Affluiam carregadores apressadissimos, numa

algaravia. Alteravam-se vozes. Por vezes explodiam gargalhadas. Aqui e alli, pela margem sinuosa, quasi a se metterem pela agua, agglomeravam-se creanças ou insinuavam-se insoffridos indiscretos levando as mãos em pala sobre os olhos como procurando protegel-os contra os raios solares no sentido de melhor devassarem o interior do vapor que, dado o ultimo apito prolongado, agudissimo, acabava de ancorar.

Ao ser lançada a prancha, por entre atabalhoada concorrencia de quantos immediatamente a invadiram e apinharam o limitado convés do pequeno barco numa algazarra tremenda, os chefes liberaes tenente coronel Francisco Barbosa Ferreira, padres Simpliciano e João Manoel de Almendra e outras figuras de menor reapresentação accorreram pressurosos ao encontro do presidente e, depois de, pelo commandante, lhes serem muito cerimoniosamente apresentados bem como ao respectivo secretario e ajudante de ordens, quando, para o homenagear conduziam-no, amavelmente, á villa em companhia daquelles e comitiva constituida por quasi todos os passageiros:

—Estavamos anciosos pela chegada de vossa excellencia. Tambem ha tanto estava ella annunciada... disse, muito delicado, o padre João Manoel de Almendra procurando emparelhar o seu cavallo com o de Moreira Lima, imponente no desempenho do seu papel.

—E' verdade! concordou este num sorriso. Mas o senhor não póde calcular o que são viagens com os meios de transporte de que actualmente dispomos. Ha muito partimos da Côrte. Entretanto...

—Que noticias nos dá vossa excellencia do novo gabinête? inquiriu, muito curioso, do outro lado o tenente coronel Francisco Barbosa Ferreira.

—As melhores possiveis. E não podia ser de outra forma. Sua majestade o imperador, faz sempre que se o observe, mais elevado criterio nas organizações ministeriaes. Ninguem o põe ignorar. Então agora. O barão de Cotegipe, o Paranhos e o Itaboraí são nomes que valem um programma. Mas a politica... O senhor comprehende... Certas incompatibilidades... Interesses que se chocam... Entretanto...

SIO BRITO"
Fa Publica)
E SINA

Espoucaram foguetes; arrancaram cavallos assustadiços; estrugiram instrumentos metalicos.

Era defronte da casa do tenente coronel Francisco Barbosa, logo por traz da egreja.

A **Euterpe Uniense** atacava fortemente o hymno nacional. Approximavam-se pequenitos curiosos; senhoras muito cautas olhavam por entre rotulas. Affluiam cavalheiros de todos os pontos. Não faltava quem não quizesse ver o novo presidente. Uma joia ! affirmava, convictamente, entre amigos, o padre Simpliciano.

—Agora sim ! Haveremos de mostrar ! accrescentava o padre João Manoel de Almendra alludindo a assumptos locaes.

O Chico Barbosa já indicou os nomes dos amigos que devem ser nomeados.

—E elle ?

—Promette tudo ! Faz tudo ! E' uma joia ! concluiu num tom de voz adocicado, amolecido pela satisfação que o dominava, o outro, pouco depois do banquete que terminara, approximadamente, ás oito horas da noite quando se iniciaram as danças que correram muito animadas até o fim.

—Esplendido ! asseverava, já muito tarde, pelo meio das contradanças, ao ouvido do pseudo-presidente o commandante Tavares. Nunca pensei ! Você é um homem extraordinario ! Olhe que a quadrilha de honra que você dançou com a senhora do Barbosa esteve na altura ! E o Sarmento ! Quem diria ! Que effeito ! Vae tudo ás mil maravilhas ! Só tenho receio dos militares que já estão pesadotes. Soldado sempre é soldado. Em todo caso... Estou no leme...

—Homem ! Você... Com effeito ! A cousa tem sahido d muito além da minha espectativa. Mas, depois, as consequencias !

— Que consequencias ! Que nada ! Não seja molle !

vora Quando levantaram ferros, já ás quatro da manhã, ainda xima tigadissimos do baile, que terminara ás duas, á cautela, preveniu aguar commandante aos companheiros de que alli terminara a pilheria.

—Que pena !

pelo im —Na verdade !

R Mandou, immediatamente, tocar a toda velocidade para a redeas mui, dirigindo-se a um grupo de passageiros que, debruçados

na amurada, alongavam a vista para a acaçapada casaria da pequena villa que, a pouco e pouco, se distanciava:

—Que tal, hein ?

—Magnifico ! Mas commandante, você não tem receio ?

—De que ?

—Ora, de que ! Então depois de uma destas !

—Não tem nada. Vocês hão de ver !

Como o rio já tivesse bastante agua, o vapor andava com relativa velocidade.

Serviu-se café. No alto, muito em cima, a bom bordo, esgarçavam-se nuvens alvissimas. A estribordo, confinando com o horizonte onde a vista mal podia alcançar, destacavam-se apenas, esbatendo-se no verde-negro da selva infinda vagas, indecisas, silhuetas de morros avermelhados. A' prôa, o pratico, um mestiço ligeiramente estrabico, com pequenos gestos commedidos, orientava as manobras. A espaços, abriam-se valvulas; espadanavam tumultuosos, revoltos, descendo em cachões, volumosos rolos dagua impeuosamente batidos pelas robustas pás das rodas.

Pelas margens, de onde em onde, descortinavam-se paizagens magnificas. Aves aligeras cortavam o céo purissimo tocando, por vezes, ao de leve, a superficie calma das aguas. Entrecruzavam-se esguias canôas e côxos não raro tripulados por creanças ou, a vagar, desciam grandes e carregadas barcas de madeira á caprichosa mercê da corrente. Pela altura da Barra dos Cavallos, já para a tarde, avistaram, descendo, á toda velocidade, um vapor em que, immediatamente, reconheceram o **Paranaguá.**

Este facto, aliás naturalissimo num rio tão trafegado, não podia, de modo nenhum, despertar a attenção de quem quer que fosse.

Entretanto, subito, tomados de indescriptivel surpresa, os passageiros do **Piauhy** notaram que, daquelle, que cada vez mais delles se approximava, subiam foguetes e, por entre as mais ruidosas e vivas acclamações e prolongados apitos da sereia do vapor irrompiam magnificos acordes do hymno nacional quasi ao mesmo tempo em que de um escaler que ao proprio vapor acabara de atra-

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA

car saltava o gerente da Companhia dr. Deolindo Mendes da Silva Moura, o qual dirigindo-se ancioso ao commandante:

—Que é do presidente ?

—Não veio.

—Como ? Não veio ! . . . Então o presidente . . .

E relanceando um olhar pirquiridor:

—Não o recepcionaram em União ? Não houve banquete e baile em casa do tenente coronel Francisco Barbosa ? concluiu em tom rispido, sibilante, encarando, fixamente, o commandante Tavares.

—Sim ! Não ! Effectivamente . . .

—Não é possivel ! Então o Chico Barbosa está doido. Não resta duvida. Olhe !

E, as faces afogueadas, os olhos em chammas, mostrando-lhe a carta em que, por positivo, lhe communicara aquelle o facto que o induzira a vir com outros amigos, ao encontro do presidente em barco mais veloz e confortavel:

—Como se explica isso ?

—E' . . . Sim . . . E' verdade . . . Não ! Foi brincadeira. Brincadeira sem fundamento. Eis o que foi. Entretanto . . .

—Brincadeira ! Brincadeira ! . . . Então isso é cousa com que se brinque, seu Tavares ? Como conserva ainda a bandeira nacional arvorada a ré ?

— A bandeira . . . Ah ! Mas . . . Com effeito . . . Cabelludo ! Cabelludo ! continuou chamando, instantemente, um pequeno taifeiro que despercebido passava sobraçando uma prodigiosa rima de pratos.

— Já não precisa, atalhou, com uma frieza cortante, o gerente percebendo-lhe o intuito. O senhor está suspenso por trinta dias, continuou volvendo displicente para bordo do **Paranaguá**. Mas reconsiderando sob a perspectiva do escandalo imminente, ao chegar á Theresina, mandou lavrar-lhe a demissão.

JOÃO PINHEIRO

Aguas...

Aguas descem dos morros ás estradas
Para fortificar as dos regatos ...
Mobilizam-se. Marcham aceleradas
Quebrando as orlas, arrastando os mattos ...

Passam troando á frente das moradas,
Pesando no sentir d'antigos factos
Das que passaram em épocas passadas,
Quebrando as orlas, arrastando os mattos.

Descem barrentamente para o mar,
A evoluir a evoluir, a arfar a arfar,
A fraldear sob alterosas fraguas ...

Fazem rios ... pelejam nos caminhos ...
Levam a flôr silvestre ... Levam ninhos ...
Incapazes ! Não levam minhas máguas !

Baurélio Mangabeira

O PIAUHY NO PRIMEIRO CONGRESSO DAS ACADEMIAS DE LETRAS E SOCIEDADES DE CULTURA LITERARIA DO BRASIL, REUNIDO NO RIO DE JANEIRO

— I O CONGRESSO E A REPRESENTAÇÃO PIAUHYENSE —

O nosso correspondente especial no Rio de Janeiro envianos curiosas informações sobre a reunião e os trabalhos, que se realizaram na capital da Republica, de 3 a 13 de Maio ultimo, do Primeiro Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil, convocado pela Academia de Letras Carioca, e patrocinado pela Academia Brasileira de Letras. Empreendimento nesta ultima aventado pelo notavel academico Prof. Fernando Magalhães, ha mais de três annos, a este coube a presidencia do Congresso, de cujos resultados completos se encontrarão noticias minuciosas nos respectivos Annaes, que vão ser publicados.

A nosssa Academia nelle se fez representar pelo seu seu illustre membro, o Prof. Dr. João Chrysosthomo da Rocha Cabral; e o honrado Governo do Estado, pelo não menos illustre Senador Federal, Dr. Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, tambem nosso estimado confrade.

Neste artigo, de accôrdo com as notas que nos foram enviadas, diremos apenas de como o primeiro se desempenhou da commissão. Aliás, é o que se lê, em synthese, na seguinte carta, que o Presidente da Academia Cariosa de Letras escreveu ao da nossa:

"Rio de Janeiro, 18 de Junho de 1936.

Sr. Presidente da Academia Piauhyense de Letras,

Realizado, felizmente com raro brilho, o Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria, cumpre esta Academia o subido dever de agradecer a esse cenaculo a efficiente collaboração ao mesmo prestada, principalmente pelo facto de ter designado para seu delegado, nessa assembléa de intellectuaes, o illustre academico João Cabral, a quem coube, em homenagem a esse instituto presidir uma das sessões do Congresso, e realizar esplendida conferencia a respeito da intellectualidade piauhyense, além do prestigio que sua presença, autoridade e capacidade emprestavam aos respectivos trabalhos.

A Academia espera contar sempre com a prestimosa solidariedade da sua collega do Piauhy em tudo quanto planeje em proveito de nossas letras e cultura, ao tempo em que vos asseguro os protestos do meu sobrelevado aprêço.

a) **Affonso Costa**

Conhecida a austeridade do illustre presidente da Academia Carioca, e a magnitude do assumpto, não ha como deixar de considerar muito relevante a referencia especial, que elle faz na carta supra, ao nosso querido representante, e á sua actuação no Congresso.

De facto, basta dizer que o conhecido parecer juridico-literario do Prof. João Cabral, sobre a "Reforma Ortographica", editado em nitida plaqueta pela Livraria Marisa, serviu de subsidio decisivo para as conclusões da these a respeito do assumpto, como affirmaram os relatores, entre excepcionaes elogios.

II Festas literarias

Em meio dos trabalhos do Congresso, propriamente ditos, houve uma notavel festa literaria na séde da Academia Carioca, e outra na da Academia Brasileira de Letras ,em honra dos delegados congressistas, que tambem foram recebidos solennemente pelo Instituto Historico Geographico Brasileiro e outras corporações.

Entendemos que a nossa "Revista" deve perpetuar em suas paginas a allocução proferida na primeira pelo nosso delegado. Elle disse bem do nosso meio e de algumas figuras nossas no scenario das

letras. Em bellas syntheses, porque o tempo era escasso e distribuido, em minutos, a muitos oradores.

Temos noticia de que, os applausos extraordinarios, da numerosa e selecta assistencia, naquella memoravel reunião de letrados, foram repetidos na segunda recepção, que teve lugar no magnifico salão da Academia Brasileira de Letras, ao ser ouvida uma referencia especial, feita pelo academico Prof. Fernando Magalhães, no discurso de saudação, em nome da casa, aos delegados ali presentes, das associações congeneres de todo o Brasil. Elle disse com elegancia quão importantes e proveitosos corriam os tradalhos do Congresso, na sua finalidade literaria e patriotica, em beneficio do progresso cultural, belleteristico, e, ao mesmo tempo, da approximação, da intercommunicação do pensamento e da estesia dos homens de letras dos varios circulos regionaes, formando o todo magnifico da literatura nacional.

Foi na confirmação desta sua these que elle deu, como exemplo do sentido regionalistico harmonizando-se perfeitamente com o nacionalistico, a allocução, que na outra festa ouvira, do representante piauhyense. E della repetiu, entre salvas de palmas, grande parte das quadras melodiosas e pitorêscas da composição poetica "Nostalgia", devéras aquillo que de mais original se pronunciara na douta e selecta reunião anterior.

Abrimos espaço de honra em nossa "Revista" para o discurso do representante da Academia Piauhyense, que fallou depois do da Maranhense:

Senhores da Academia Carioca de Letras.

Minhas Senhoras.

Meus Senhores.

O representante do meu Estado junto a este doutissimo Congresso, o Exmo. Sr. Senador Ribeiro Gonçalves, ora, infelizmente, retido numa estação de cura, conforme tive a honra de communicar á Mesa, haveria de trazer, com as galas do seu espirito dobradamente culto, perito nas sciencias e na literatura, na politica e na administração, os alegres saudares da gente piauhyense e do seu honrado Governo, cujos anseios de cultura mal poderei interpretar, sob o peso da representação de que me incumbiu a nossa Academia de Letras.

CASA "VISCONDE DE BRITO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

De terra e homens tão grandes, que poderá dizer perante os maiores do Pais o representante apoucado e triste, de ha longo tempo ausente, de saudade pungido, posto que de patriotismo inquebrantavel ?

Ordenam-me. E eu obedeço.

Pela minha enfraquecida voz, é a terra de Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco, que vos saúda, Senhores Embaixadores das letras e da cultura brasileiras. E eu quisera poder pintar-vos della, em miniatura, as maravilhas da sua natureza, como, em grande, as descreveu elle, com os rythmos da Biblia, no seu tão pouco lido poema da "Creação Universal".

E verieis que, devéras, a bacia do Parnahyba é o Paraiso terreal, sublimado no Livro dos Livros, pelo genio de Moysés. Ao menos, a verdadeira Arcádia tão decantada nas outras ficções das Musas pagãs, nos livros tambem immortaes, dos Gregos e Latinos.

Terra de pastores e caçadores, de homens da pesca e da lavoura primitivas; onde o leite e o mel, a caça e o pescado, o sal e o azeite e os suculentos fructos silvestres á mão se acham dos seus habitantes, como tudo mais para a sua alimentação e resguardo. Dahi, terra de poetas e philosophos, de trovadores e romancistas. Terra de José Coriolano de Sousa Lima, o poeta das "Impressões e Gemidos", cujo bêrço — o formoso sertão de Crateús — os estadistas do Imperio transferiram para o Ceará, dando em troca ao Piauhy os areiaes da Amarração;

Terra de David Moreira Caldas, o precursor e adevinho da nossa Republica de 1889;

Terra de Herminio e de Theodoro de Carvalho e Silva, ambos Castello Branco; êste, o "Poeta Caçador", e aquelle, o da "Lyra Sertaneja";

Terra do grande orador sacro Padre Joaquim Sampaio, tambem Castello Branco, o "Padre Castello", que o auditorio carioca absorveu, applaudiu e viu precocemente subir á Eterna Morada.

Terra de Luisa Amelia de Queiroz Nunes, a romantica de Parnahyba, onde sabeis que germinou o talento precoce de Humberto de Campos.

Terra de Clodoaldo Freitas, Hygino Cunha, Abdias Neves e

outros philosophos e historiadores; de Jonas da Silva, o poeta das "Anforas"; de Felix Pacheco, João Pinheiro, Nogueira Tapety; de Beriflo Neves, o querido e contumaz detractor da "Costela de Adão", que elle tanto ama.

Terra de Antonio Bugyja Britto, o das "Muralhas", que apenas começaes a conhecer aqui.

Terra dos mallogrados irmãos Freitas (Alcides e Lucidio) espiritos fortes e livres, como o do pae Clodoaldo, e flebeis corpos ardidos como tochas, no templo da Arte, no curto espaço de uma juventude.

Terra, sobretudo, materna do **primus inter pares** dos nossos poetas de raça, desse empolgante Da Costa e Silva, inspirado cantor do Parnahyba, o Rheno brasileiro, de aguas castalianas, tantos e tão bons poetas, os que elle tem banhado ao nascer . . .

Não resisto ao desejo de recitar ao distincto auditorio, que assim despertará do narcotico desta minha desataviada, posto que breve, allocução, o incomparavel sonêto, em que o poeta do "Sangue" assim descreve o nosso legendario

RIO DAS GARÇAS

Na verde cathedral da floresta, num côro
Triste de canto-chão, pelas naves da mata,
Desce um rio a chorar o seu perpetuo chôro,
E o amplo e fluido lençol de lagrimas desata.

Caudaloso a rolar, desde o seu nascedouro,
Num rumor de orações no silencio da oblata,
Ao sol — lembra um rocal todo irisado de ouro,
Ao luar — rendas de luz com vidrilhos de prata.

Alvas garças a piar, arripiadas de frio,
Seguem de absorto olhar a vitrea correnteza;
Pendem ramos em flor sobre o espelho do rio . . .

E' o Parnahyba assim, carpindo as suas maguas,
— Rio da minha terra, ungido de tristeza,
Reflectindo o meu ser á flor movel das aguas.

E, para mostrar-vos ainda a influencia fecundaria desse rio e do aspecto bucolico de toda a sua bacia sobre os nossos poetas, — não vos peço permissão, porque ella se impõe a completar o quadro — direi do mesmo autor o celebrado "Saudade", um dos melhores sonêtos da lingua portuguesa, contendo, ao meu ver, o mais bello verso brasileiro:

SAUDADE

Saudade ! Olhar de minha mãe rezando
E o pranto lento deslizando em fio . . .
Saudade ! Amor de minha terra . . . O rio
Cantigas de aguas claras soluçando.

Noites de Junho. O caboré com frio,
Ao luar, sobre o arvorêdo, piando, piando . . .
E á noite as folhas lividas cantando
A saudade infeliz de um sol de estio.

Saudade ! Aza de dor do Pensamento !
Gemidos vãos de canaviaes ao vento . . .
Ai ! mortalhas de nevoa sobre a serra !

Saudade ! O Parnahyba — velho monge
As barbas brancas alongando . . . E ao longe
O mugido dos bois de minha terra . . .

Terminaria assim, com chave do oiro, o meu saudar á doutissima Academia Carioca, agradecendo-lhe em nome da sua coirmã do Piauhy o gentilissimo convite e acolhimento ao representante que vos fala, si não visse nos olhos dos confrades maranhenses, marejados de lagrimas de saudade, como os nossos, a dúvida sobre quem mais se inspira, e plasma os seus cantares, nos aspectos parnahybanos.

A este proposito, recordo umas notas por mim appostas no volume publicado recentemente, de incognito poeta piauhyense.

"Para elle, o vale do Parnahyba seria a Rhenania de um

Wagner, de um Becker, de um Musset, ou de um Hugo, que elle desejaria ser. Na falta de um secular dissidio internacional, a rivalidade fraternal entre piauhyenses e maranhenses em relação, principalmente, ás bocas do "Rheno brasileiro", como lhe chama o poeta, deveria produzir excitações do estro patricio, assim como já tem produzido raptos da eloquencia politico-geographica."

Numa epistola daqui do Rio escripta a um amigo de Teresina — e isto deve interessar ás duas Academias, a de cá e a de lá — fazia elle confidencias e o presente de versos cantantes de "Nostalgia".

"Não penses, meu caro amigo, que ensaiando estou uma auto-biographia para as obras posthumas. Não quero mais do que explicar-te como jorrou dessa fonte profunda o filête de inspiração dos versos a seguir, e propor-te, ao mesmo tempo, a questão, que elles encerram, de "alta indagação" ornito-melodico-regionalistica.

Sempre julguei que o Poeta dos Timbyras, sendo caxiense, confundia os palmares do Itapicurú com os do nosso Parnahyba, certo como estou de que, não sendo aquelle rio deste confluente, mas collateral, são mais estreitas suas similitudes e relações do que as, de ordinario, existentes entre filhos e pais. Agora o meu achado se confirma.

Nos arredores desta incomparavel cidade fluminense, onde (seja dito de passagem) de tudo que é belleza tropical se vê mostra, excepto de um rio, pela fatal contradicção dos nomes com as pessôas e coisas denominadas, existem matas seculares, montanha do Corcovado acima; bosques acolhedores, de sombra e fragrancia deliciosas. Lá nos pontos mais altos, aonde não chega o reboliço da cidade, não é muito raro escutar-se o grasnar de curicas e o guinchar de saguis. Mas, em todo arvoredo, não raro se ouvem as notas plangentes do sabiá da mata.

Num dos ultimos domingos do anno findo, quando buscava o frescor daquellas paragens, acima da nossa modesta morada, no morro de Santa Terêsa, lugar bem chamado "Silvestre", ouvi o canto do sabiá. E então, ao som de suas três notas chorosas, á sombra do arvoredo abrigado o corpo aborrido, naquelle dia calmoso, entristeceu-se-me o espirito de filho da chapada.

— Piauhy ! Piauhy ! pus-me a dizer, não sei bem si murmurando, ou assobiando. O pensamento, porém, cantava, cantava ou gemia súpplice, como o poeta: -

"Não permitta Deus que eu morra
Sem que volte para lá".

Copio da minha carteira de notas, e remetto-te, paranymphadas por algumas reminiscencias de poetas piauhyenses, as quadras, que então perpetrei, e a questão, que ellas encerram.

E' tempo de festas, e lembrei-me de ti. Nem eu posso, nem precisas tu que eu te regale com outros dons preciosos.

Sem a pretensão de imitar o mavioso Horacio, ouso servir-me daquella sua Ode a Censorino, para dizer-te: — Gostas de versos; posso presentear-te com estes, que, apesar de mal feitos, podem, pelo sentido, ser dignos de estimação:

"Gauds carminibus: carminas possumus
Donare et pretium dicere muneri."

Escreve-me uma das tuas sempre inspiradas cartas, e dize-me tua opinião: se é verdade que o sabiá, consagrado pelo rei dos poetas brasileiros como o cantor selvagem da nostalgia, é mesmo, como penso eu, uma ave essencialmente piauhyense, pois sua garganta maviosa, em qualquer parte do Brasil, não modula outras notas sinão Piau-hy ! Piau-hy ! "

A nossa hospede, Senhores, é princêsa. E eu temo ferir-lhe os zêlos e os dos seus poetas consagrados, bem assim abusar da vossa benevolencia, recitando-vos mais versos, agora do poeta desconhecido.

São elles, tambem, de saudade, e concernem ao thema desta minha falla: — a poesia piauhyense.

Direi, pois, com brevidade, as quadras que o autor intitulou.

NOSTALGIA

"Não mandas os teus gemidos
Ao regio passo do rei;
Só cantas a nossa patria,
Nossa gente, nossa grei . . .

Só cantas a nossa patria,
O nosso bello Brasil,
E êsse teu berço querido,
Que vestes de cores mil !

Eia ! canta essa provincia,
Seus costumes, tudo seu:
— As caças, os caçadores,
O pintassilgo e o soffreu . . . "

(J. M. de Freitas, a José Coriolano)

"Lindo sertão, meus amores,
. . . . . .
Que saudades, que rigores,
Soffre meu peito por ti !

E' terra que tem primores,
A terra dos meus amores,
Onde nasci !
As aves de lá se falam,
Cantam, suspiros exalam,
No Piauhy ! "

(José Coriolano)

Nesta selva angustiada,
Minha alma se entenebrece.
Eu sou filho da chapada,
Toda mata me entristece.

Na planicie, ou na campina,
A alma se alegra e porfia,
Dentro na mata se inclina
Ao pêso da nostalgia.

Da minha terra adorada,
Os morros não vejo aqui;
A serra verde-encarnada,
A serra do Piauhy.

Verde — esperança do pobre,
Rôxo, da côr da agonia,
Azul, no céu, que te cobre,
Quer de noite, quer de dia !

A lua branca, de prata,
Resplandece no areial;
E, mesmo no chão da mata,
Rendas tece de christal !

O seu retrato se espêlha
Nas aguas mansas do rio.
Aqui a lua é vermelha,
Num céu trevoso, ou sombrio.

Na minha terra adorada,
Tudo é luz e melodia:
Canta sempre a passarada,
Quer de noite, quer de dia.

Nenhuma noite é mais longa;
Os dias são sempre iguais.
De dia, canta a araponga
E a orquestra dos carnaubais:

E a orquestra dos carnaubais:
Craúnas, chechéus, canarios,
Jandaias, pêgas, cardiais,
Elementos orquestraes,

No scenario da chapada,
As frondes multicolores
Occultam papagaiada
Em côres de mil cantores.

E a partitura phantastica
Abre espaço a extranho thema:
A gargalhada sarcastica
Do canto da seriema

De noite, geme a coruja,
Arisco, estrida o tetéu,
E a marrecada maruja,
Chilrando, passa no céu.

Quando o sol, inda escondido,
Nos manda as côres da aurora,
O canto repercutido
Ouvimos, da sericora.

E o gallo, ao romper do dia !
E o bem-te-vi matinal ! . . .
Como é dôce a melodia
Do soffreu, no laranjal ! . . .

Nas horas da soalheira,
Geme, á sombra, a jurity.
E o sabiá, na palmeira,
Solfeja: — Piauhy ! Piauhy ! . . .

Lêdo filho dos palmares,
Meu estro descanta aqui,
Saudoso dos patrios lares,
Como a triste jurity.

Minha alma é como o sabiá,
Nas matas, geme, não ri.
Curte as saudades de lá,
Cantando: — Piauhy ! Piauhy !

(Prolongados applausos. O orador é vivamente cumprimentado e abraçado pelos congressistas presentes.)

Não poucos leitores piauhyenses já sabem que a poesia por ultimo recitada pelo orador pertence a collectanea por elle publicada no Rio, em caprichado volume, sob o titulo — **PALIMPSESTOS**", e o sub-titulo — "Poesias de JOÃO NULUS, colligidas, explicadas e annotadas, a rôgo do autor, por J. Cabral".

-- III Curioso episodio --

O livro acima citado tem despertado excepcional interesse nos meios litterarios nacionais. Desenvolvidas noticias criticas, todas assás laudatorias, têm apparecido na imprensa carioca; e muitos criticos descobrem o "segredo de Polichinelo": As producções poeticas no livro contidas são do proprio commentador.

O Prof. Fernando Magalhães, membro eminente da Academia Brasileira de Letras, naquella tarde memoravel, ao citar o nosso representante, disse com sagacidade: — "E' um velho professor, alto magistrado e conhecido cultor das letras juridicas, o que assim nos revelam as delicadissimas producções de um **poeta desconhecido** . . . " E sublinhou com ironia as ultimas palavras.

Ora, elle devia saber, com toda a sua douta companhia, o valor extraordinario do livro, pois que fôra presente, desde os fins do anno passado, aos membros da Academia Brasileira de Letras. Isso, sem levar em consideração as noticias e criticas da imprensa, que acima referimos.

O autor fôra tambem candidatado a uma cadeira no "Petit Trianon". Mas é vóz corrente no meio carioca, e até nos mais distantes, ser a illustre instituição, como a celebre creação de Richelieu, tambem muito "francesa", dama de muitos requestada, apesar, ou mesmo em consequencia do seu indecifravel complexo feminino, que a muitos ha causado decepções quasi mortaes.

Dahi, cêrca de um mês após aquella festa, escreveu o Dr. João Cabral ao Prof. Fernando Magalhães a seguinte epistola acompanhada de novas estrophes de João Nulus, onde se destila dupla e finissima ironia, nevoa de amor e despeito, cobrindo o symbolo, o ademan da mesma Academia. Suave perversidade, castigando, ao

mesmo passo e quasi sorrindo, a medicina official e a jactancia academica.

A sátira de João Nulus não tem nem a arrogancia pagã de Juvenal, nem a fingida moralidade horaciana. Foge do burlesco de Moliére e do picaresco do nosso Gregorio de Mattos. Prefere a ironia philosophante de Petronio, de Voltaire, de Anatole. E não deixa de soccorrer-se ás imagens do sertanismo brasileiro, — esta a sua caracteristica propria, que tanto apreciamos no seu poema "João Fula."

Temos a primazia desta publicação da "Homeopsicoterapia" e da carta, que a precede e a conduziu ao eminente destinatario. Ellas fazem parte, como um epilogo, da nossa feliz representação no magnifico Primeiro Congresso das Academias de Letras.

Ei-las:

Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1936.

Rua Petropolis, 115

Exmo. Sr. Professor Dr. Fernando Magalhães, Rua Pinheiro Machado, 76.

Egregio Mestre,

Transmitti, com effusivo júbilo, ao meu amigo João Nulus, a noticia da bondosa e eloquente distincção, com que V. Ex. honrou aquelle poeta piauhyense, e ao seu desageitado interprete infra assignado, referindo-se especialmente a elle e aos seus versos da "Nostalgia", dos quaes tão bem disse alguns, naquela memoravel sessão da Academia Brasileira de Letras, em honra dos delegados ao Primeiro Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil.

Com a grata noticia, adeantei que havia logo, naquella mesma occasião, apresentado a V. Ex. os nossos agradecimentos.

Pede-me elle agora que os reitere como de muito bom coração homologados, e entregue a V. Ex. a prova melhor da sua gratidão, nas quadras aqui juntas, que elle em vossa honra compôs.

Cumprindo esta grata incumbencia, quero aproveitar-me da

opportunidade para reaffirmar a V. Ex. os protestos da grande consideração e particular estima, com que costumo subscrever-me

De V. Ex.

Atto. admirador e amigo

(a) **João Cabral**

HOMEOPSICOTERAPIA OU PRATICA DA PSICANALISE

Ao inclito professor Dr. Fernando Magalhães

No bom tempo, em que me amaste,
Me exultava o coração.
Assim que me atraiçoaste,
Quasi que perco a razão.

Impossivel parecia-me
Viver sem pensar em ti.
E, pensando em ti, perdia-me
De dor, porque te perdi.

Hontem, carinhos me déste;
Hoje, o fel da ingratidão.
E's o contrario de Alceste:
— Pagas amor com traição !

Talvez desejes poupar-me
Duro e longo padecer,
Odio tentando injectar-me
Para o amor amortecer.

Dose contrária, maciça . . .
Não poderei supportar.
E' medicina sediça,

Medito agora: — E' loucura
Soffrer assim por tão pouco . . .
Dobraria a desventura:
Além de perder-te, — louco !

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

E's bella, és rica, és potente,
Mas humana, e isto me faz
Pensar na lei contingente,
De que ao pó reverterás.

Teu lindo corpo, e teus membros,
Em seus abraços mentidos,
— Envergonhando-me, lembro-os —
Já estavam compromettidos !

Devo, pois, felicitar-me
Do perigo que passei:
Poderia infeccionar-me
A hypocrisia — tua lei.

Morreu-me o cão, meu amigo
Fiel, na bôa e má sorte.
E a dor, que deixou commigo,
Supportei de animo forte.

Roubaram-me a arma de fogo,
Que nunca me atraiçoou;
Fortuna perdi no jôgo,
E a calma não me deixou.

Ora, porque me fugiste,
Hei de morrer de pesar ?
Outra mulher existe
No mundo, que eu possa amar ?

Darei mais campo a libido,
E, por curar-me de vez,
Do amor de uma, fementido,
Amarei duas . . . ou três

"Amor com amor se paga",
Diz o vulgo, e com razão.
Só amor tambem apaga
O fogo de outra paixão.

Proceso hanemaniano ?
Talvez sôroterapia . . .
Certo, menos deshumano
Do que tua alopatia.

Prefiro automedicar-me;
É a propria malinconia
Espero que ha de curar-me
A homeopsicoterapia.

João Nulus

Maio de 1936.

Meu Pai

Nasci, cresci, vivi á sombra augusta
De meu Pai, cuja limpida moral
Em mim se projectou com força igual
A' luz forte do sol na terra adusta.

Companheiro sem par, avêsso ao mal,
Sem deslizes, sem falhas, de alma justa,
Foi tão bom, quasi santo, que me assusta
Crêr como entre homens houve esse mortal.

Ante o assombrado olhar da minha dôr,
Apagando-se aos poucos, lentamente,
Num padecer cruel, cheio de horrôr,

Parou, findou-se para sempre a lida
De quem me era no mundo luz potente
A illuminar os pincaros da vida ! ...

Christino Castello Branco

19|11|1933.
Teresina

O Estudante na Comunidade Brasilica

Conferencia realizada pelo prof. Edison Cunha no dia 28 de abril de 1935, num festival em beneficio do "Centro Estudantal Parnahybano".

Numa pagina evocativa de Martins Capistrano, depois de considerar, com delicadeza de critica, tudo quanto os nossos prosadores e poetas teem escripto sobre a saudade, não encontrou nelles o singular chronista, u'a emoção, uma phrase, um conceito, um pensamento, uma imagem que dissesse de sua saudade, da saudade como elle a considerava e sentia.

Certa vez, porém, casualmente, deparou com uma definição que deu em cheio com o seu gosto esthetico.

Fôra em visita a uma escola primaria do Districto Federal.

A professora, gentilmente, mostrou-lhe varios trabalhos escolares de seus alumnos; e, apanhando ao acaso o caderno escolar de uma garôta de 10 annos, em que fazia os seus exercicios de composição, alli deu de olhos Martins Capistrano com umo definição da saudade, a qual, na simplicidade e na innocencia de suas idéas, resumia, todavia, um profundo conceito, uma encantadora verdade, de uma precisão inconfundivel.

E elle repetiu a definição que sahiu do cerebro da innocencia: "Saudade é a vontade de ver de novo".

Não se conteve o delicado chronista ante tanta singeleza de mistura com a espontaneidade e a precisão do pensamento infantil, que não accrescentasse:

"Sim, a saudade é isso: é esse desejo ansioso e ás vezes,

impossivel, de rever trechos do passado... E' essa vontade de ser feliz novamente, de novamente conhecer a doce amargura de uma illusão que se foi, de um sonho que morreu..."

A vida de todo estudante é um manancial, uma caudal perenne de evocações quasi sempre cheias de felicidade, de episodios pittorescos, de doçura, de espirito e de tranquillidade. Não ha quem, tendo passado annos nos salões de uma escola, de um gymnasio, de uma universidade, não deixe guardado, no acervo de suas recordações da vida despreoccupada de obrigações e de deveres, a lembrança de passagens, de occorrencias interessantes, sentindo, depois, quando lhe cae aos hombros a realidade dura da vida pratica, uma vontade incontida de ver de novo tudo aquillo que viveu nos dias felizes dos estudos.

Assim pensando, tendo para mim que a verdade está com a garôtinha carioca, sinto que sou irresistivelmente arrastado a rever o meu passado de estudante, para focalizar episodios de uma vida que só a memoria conserva; eu que estudo desde os seis annos de idade, que tenho mais de 35 annos de estudante e continuo como tal, visto que, como Socrates, "eu só sei que nada sei".

E falando sobre a felicidade do estudante, vejo-me impellido a dizer-vos passagens que caracterizam a vivacidade, o engenho, a intelligencia de uma época estudantina da qual fui testemunha, sinão conparticipante.

Na primeira década do nosso seculo, viviamos sob o regime dos exames parcellados. Estudavamos em collegios particulares e, em vindo a época dos exames, eram elles requeridos no Lyceu Piauhyense.

Em consequencia disso, prosperavam os collegios, preferidos pelos paes, ao Lyceu, para a educação dos filhos.

Em Teresina, havia, então, cinco estabelecimentos particulares, dirigidos pelos professores Nestor Conrado, Benedicto Francisco Ribeiro, Leoncio do Rêgo, Acrisio Véras e Luiz Sabino de Mello.

Desnecessario é dizer que a disciplina, si não era mantida pela vara ou a férula romanas, o era por meios mais duros e que maiores soffrimentos provocavam, commandados pela palmatória.

Naquella época, em todas as esquinas de Teresina havia

tóros de madeira eneerrados, que serviam para os sertanejos amarrarem a montaria ou os animaes de carga. Eram os frades.

Luiz Sabino de Mello, director do collegio "São Luiz", era o mais severo dos educadores.

Sentia um prazer sádico com o soffrimento das crianças, estudando mesmo os mais requintados processos de maltrato e humilhação de seus alumnos. Certa vez, os transeuntes foram surprehendidos com um menino mettido em cabresto e atado a um frade na esquina do seu collegio. Fôra mais uma originalidade sua.

De outra feita, a tranquilla capital fôra abalada por uma noticia surprehendente: Luiz Sabino havia feito sangrar, com a palmatória, as mãos de um alumno interno, natural de Caxias. A criança, levada á casa paterna, alli fallecêra em consequencia das sevicias que lhe applicára o famoso educador, diziam.

Dahi partiu o ocaso, o declinio do collegio "São Luiz".

Mas estava escripto que o furibundo professor teria de soffrer o castigo por tantas perversidades.

Era elle funccionario federal, escripturario da Delegacia Fiscal.

Fôra transferido para Pernambuco.

Em alli chegando, resolvêra estudar direito, matriculando-se na tradicional Faculdade do Recife.

Naquella época, já veteranos, cursando séries superiores, lá estavam varios moços piauhyenses que, aqui, haviam sido seus alumnos, victimas de suas deshumanidades.

Sabedores de que Luiz Sabino ingressára na Escola, como caloiro, tramaram uma vingança. Era elle circumspecto, portador de um respeitavel bigode negro e uma barbicha bem tratada.

No primeiro dia de aula, procurou approximar-se de seus ex-alumnos, soffrendo a mais fragorosa decepção:

—Quem é você ? Luiz Sabino de Mello ? Conhecemos no Piauhy um individuo de máus bofes, que castigava estudantes, sorrindo. Você aqui não é mais do que um caloiro a quem não ape tamos a mão para não enxovalhar as nossas. Tire estes bigod esta barba que caloiro não tem direito de apresentar-se como grande, de importancia.

tric-

Viravam-lhe o paletó pelo avesso, enfeitavam-no com papel de embrulho e sahiam com elle em charola pelas ruas do Recife.

Foi todo um anno de humilhações.

Vingança completa.

—Alli pelo comêço do seculo actual, cursou o Lyceu Piauhyense o estudante mais endiabrado que já pisou as salas de aulas do velho pardieiro da rua Ruy Barbosa, deixando registado nas tradições da casa o aneditario mais variado de que ha memoria na vida do estudante piauhyense. Era elle o Manoel Lustosa de Freitas ou sómente o Lustosa.

A'quelle tempo, estavam em moda os punhos e collarinhos posticos, de celuloide ,peitilhos duros sobre as camisas, e os collêtes, obrigatorios nas festas. Lustosa possuia um terno de casemira. Comparecia aos bailes sem camisa e demais peças internas, inclusive as meias. Mettia-se na casemira com o peitilho por baixo do colête, collarinho preso áquelle, punhos nas mangas do paletó.

E assim apparelhado, dansava todo o baile. A' falta das meias, porém, era obrigado a passar a festa inteira em pé, ou sentado, incommodamente, com as botinas escondidas sob a cadeira.

Era director do Lyceu e professor de Francês, o Dr. Arthur Pedreira. Eternamente brigando com os seus estudantes, aos quaes lançava os epithetos e descomposturas mais tremendas, não admittia, todavia, que alumno do Lyceu soffresse qualquer offensa. Era o primeiro que apparecia a desaggravar o estudante maltratado, tomando attitudes decisivas, indo por vezes, e quando necessario, ao pugilato.

Era por isso, o idolo da mocidade, que tomava por pilheria todos os seus impetos de descomposturas.

No velho Lyceu, o gabinete do director tinha janellas para as ruas Ruy Barbosa e Coêlho odrigues.

Quando o director vinha ao expediente, o porteiro Candido Jacú abria todas as janellas e a rapaziada formava grupos em volta dellas. O dr. Arthur Pedreira, de longa data, mantinha em sua seperia um vidro de Peitoral de Cambará, do qual tomava, de hora maica, um pequeno cálice. No acto de enchê-lo, porém, queida maldita bronquite que lhe estava consumindo as ener-

gias e offerecia sempre um cálice aos estudantes, recostados ás janellas.

Lustosa um dia desconfiou daquelle interminavel Cambará e disse aos collegas:

— Si o Arthur Pedreira ainda offerecr, hoje, o Peitoral, eu vou acceitar.

Dito e feito. Todos estavam curiosos pela partida de Lustosa.

A' hora costumeira, collocou-se o endiabrado estudante bem á frente, numa das janellas, todas ellas repletas de collegas.

Arthur Pedreira fez a lamuria de sempre contra a moléstia; encheu o cálice e offereceu:

— Vocês não querem um cálice, rapazes?

Lustosa promptamente:

— Acceito, director.

E antes de mais conversa, deu volta ao edificio e apresentou-se no gabinete.

Arthur Pedreira não teve para onde fugir: encheu o cálice, entregou-o a Lustosa, limitando-se a segredar-lhe ao ouvido:

— Beba e não diga nada.

O estudante sorveu o liquido de um trago, deu um estalo na lingua, virou-se para a rapaziada e explodiu:

— Qual Cambará, qual nada! E' cognac, negrada.

A gargalhada, franca, espontanea, gosada, retumbou de todas as janellas, gabinete a dentro.

Lustosa recebeu mais uma desenfreiada descomponenda de parte do director, retirando-se do gabinete em disparada, rindo a bom rir.

Tambem nunca mais appareceu na secretaria do director o extravagante vidro de Peitoral de Cambará.

João Pais Pinto Pereira Junior, o "Capote", foi estudant chrônico, de intelligencia inaccessivel á comprehensão dos as elementares ensinamentos, mas se comprasia em passar anno "" nos sobraçando livros, a caminho do Lyceu. Era estudan[illegible]nte" quistára a posição almejada, estava sactisfeito, [illegible] res-

CASA[illegible]s.
(B[illegible] restric-

Por occasião do exame de Português, chamado á prova oral nada fez, nada disse, nada respondeu.

Procurando auxiliá-lo, arrancar de "Capote" uma resposta certa, que lhe justificasse a approvação, o presidente da banca passou da analyse logica á grammatical, dizendo:

— Vamos, Snr. Paz Pinto, analyse grammaticalmente a primeira palavra do periodo.

Capote leu:

— Aqui. Dissyllabo agudo.

E estacou. Meditou, concentrou-se, soltando, afinal:

— Verbo.

— Verbo? Dê-me o indicativo presente.

E o examinando respondeu, convencido:

— Eu aqui, tu alli, êlle acolá.

Não houve quem contivesse o riso.

O examinador, verificando inutil a tentativa de salvação, entrou a gracejar:

— E o plural?

— Não tem, foi a resposta; o verbo é irregularissimo e por isso não tem as três pessôas do plural do indicativo presente, nem as outras fórmas.

Desnecessario será dizer que Capote, com satisfação sua, teve de renovar o estudo da lingua pátria.

A **tropa**, entretanto, que a tudo assistira, não se conformou com a impiedade de Capote, amputando o curioso **verbo**, e completou o presente:

— Eu aqui, tu alli, êlle acolá, nós adiante, vós atraz, êlles no meio.

Leonardo Motta, em recente conferencia realizada em Fortaleza sôbre "A Vida do Estudante", em beneficio do Centro Estudantal Cearense, entre innumeros outros, narra os dois seguintes episodios, de um cômico extraordinario, em conjuncção com a bonomaica, cessiva de Sylvio Romero e Raul Pederneiras, como Pro-

da

"Sylvio Romero, que, no dizer de Humberto de Campos, era desbraguilhado de bocca, tem o seu nome de professor ligado a uma série de casos annedocticos.

No seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, narra Osório Duque Estrada que, certa occasião, Sylvio Roméro chegou de cara amarrada á Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Occupou a cáthedra, abrindo a aula e, quando os alumnos esperavam a prelecção do Mestre, êste se ergueu bruscamente e fallou para os alumnos:

— Hoje não dou aula. Estou muito burro para fallar, e vocês ainda mais burros para comprehenderem . . .

Essas crises de mau humor eram, porém, raras em Sylvio.

De uma feita, elle devia arguir em exame oral a um irmão do poeta Raymundo Correia.

— Você é mesmo irmão do Raymundo?

— Sou.

— Pois recite o soneto "As Pombas".

O rapaz recitou o quatorzeto famoso e só com isso mereceu ser approvado plenamente em Direito Costitucional.

Outro examinador de quem se contam muitas facécias é Raul Pederneiras. Apezar de humorista e até de caricaturas, o Raul dá-se ao luxo de solennemente ensinar Direito Internacional. Espichára elle, sem dó, um discipulo, mas finda a perversidade, condoeu-se do infeliz e lhe propôs:

— Olhe: sua prova foi deficientissima. Entretanto, você não será reprovado, si me disser qual é a differença que existe entre um homem espaduado e um sujeito espadaúdo . . .

— Ora, dr., o individuo espaduado tem a espádua fóra dos eixos, quero dizer, deslocada. E o camarada espadaúdo tem a espádua fora da bitola commum, isto é, larga ou reforçada . . .

— Perfeitamente! Dou-lhe grau 6 em Direito Internacional e o felicito pelos seus conhecimentos . . .

Não nos detenhamos, porém, por mais tempo, nessas reminiscências dos bons tempos em que se amarrava cachorro [illegible] linguiça, porque então será um nunca acabar, visto que [illegible]mica cial é inesgotavel. Outrora estudante era simplesmen[illegible]tre as [illegible]omité" [illegible]rar res- [illegible]-las. de restric-

Agrupavam-se oito ou dez numa republica ou em uma pensão, recebendo pontualmente a mesada paterna e os extraordinarios para roupa. Vivia-se só para a escola, para os mestres, para os livros, para o espirito, para a intelligencia.

Em 5 lustros, a situação transfigurou-se, radicalmente, arrastada a mocidade das escolas na voragem da inquietação universal..

Os sociólogos e historiadores contemporaneos remontam o desconcerto mundial á guerra franco-prussiana de 1870. Outros á revolução de 1789. Amputada a patria de Victor Hugo, que perdeu a Alsácia e a Lorena, o maior erro politico de Bismarck; constituido ás portas da Gallia o arrogante e poderoso Allemão, o tradicional orgulho patriotico dos francêzes se não conformou com a humilhação e reclamou vingança.

Inicia-se, então, a vertigem dos armamentos continuos e crescentes das nações do Velho Continente.

Sob Guilherme II, o campo de acção das ambições germanicas dilata-se, amplia-se, surgindo os embates de ordem economica e commercial, e a expansão colonial, arrastando ao campo da luta a Inglaterra, a Russia, a Italia . . .

A chama crepitou nas campanhas balcanicas de 1911, 1912 e 1913, para o grande incendio de 1914 a 1918, que abalou, até hoje, os alicerces de todas as construcções democraticas que se firmaram na tomada da Bastilha.

Destronada a paz, desorganizadas as instituições, sacrificadas gerações de energias humanas, desequilibradas as fôrças productoras e a economia das nações, avolumando-se por todos os recantos do globo a onda dos desoccupados, — peso morto no organismo dos povos,—radicando-se triumphalmente por toda parte a miseria, a fome e, consequentemente, o desepero e a afflicção universaes, de certo, a humanidade passou a viver dias de febricitante agonia e necessario se torna que todos vejam e sintam o dever imperioso de lutar, de agir, de fazer, de produzir, de marchar, afim de não serem absorvidos na voragem do momento angustioso

pe[illegible]a o mundo terrestre.

mai[illegible]estudantes, e os operarios da intelligencia tambem fo[illegible] turbilhão do desassossêgo geral, chamados desde

cêdo á luta, pensando nos concursos, nas colocações, no desdobramento da energia physica ao lado da cultura do pensamento.

E a situação das gerações novas scffreu profundas modificações em todos os paizes civilizados, notadamente nos da Europa, velha, gasta, cançada.

O socialismo foi a táboa de salvação encontrada e a que se procuram agarrar todas as actividades collectivas do momento que atravessamos.

Por toda parte, buscam-se os estudantes, procuram aggremiar-se, approximam-se, associando-se com finalidades de defesa da classe, amparo mutuo, obtenção de vantagens de ordem moral como de ordem material, pela assistencia, trabalho, auxilio detoda a especie.

Assim, na França, assim na Allemanha, na Suissa, na Italia, na Austria, e alhures, apresentando taes associações estudantaes, caracteristicas e expressões nacionaes proprias.

As difficuldades sempre crescentes impuseram a esses jovens obreiros do cerebro mais efficiente organização, já não nacional, mas estabelecendo uma cadeia de defesa da classe, de caracter internacional, interessando todos os estudantes do mundo no seu plano de acção, instituição esta que tem como cellula central, funccionando em Genebra, séde da Liga das Nações, o "Comité das Organizações Internacionaes de Estudantes".

Trabalhando continuamente, o "Comité" vem desempenhando sua acção de benemerencia, no sentido de proteger os que estudam e seguem na vida uma profissão intellectual.

Ainda neste mês realizou elle a sua decima sessão, finda a qual foram approvadas e tomadas as seguintes decisões, conforme communicam telegrammas de Genebra:

Embora reconheça que o problema da falta de trabalho dos jovens diplomados constitue um aspecto da crise economica mundial e resulta em parte da má repartição do trabalho entre as diversas actividades humanas e entre diversas regiões, o "Comité" chegou á conclusão de que era prejudicial e perigoso procurar restringir o accesso ás universidades, dos que desejam cursá-las.

Manifesou-se igualmente contra a applicação de restric-

ções ás mulheres ou a certas cathegorias da população em virtude de consideração de raça ou de credos.

O "Comité" resolveu pedir ao "Instituto Internacional de Cooperação Intellectual" e á "Repartição Internacional do Trabalho" que proseguissem a sua acção em harmonia com o "Instituto Internacional de Educação", afim de harmonizar as diversas cathegorias de ensinos tanto para a preparação profissional como para o desenvolvimento da cultura geral.

O "Comité" propôz ainda, entre outras, as seguintes medidas para remediar a crise de trabalho intellectual e profissional:

1) — Creação, nos diversos paizes, de centros de documentação universitarios e profissionaes.

2) — Adopção de medidas destinadas a preparar os jovens trabalhadores intellectuaes para o exercicio das suas profissões nos meios coloniaes e ruraes, ou em paizes novos.

3) — Conclusão de accordos bilateraes ou plurilateraes sobre a equivalencia de diplomas e exercicio de uma profissão no estangeiro, bem como de accordo com a collocação effectiva de trabalhadores intellectuaes de um paiz em outro.

Vemos, deante dêsses factos positivos, aqui desenvolvidos para firmar a argumentação que me propuz expor, que é das mais delicadas a condição do estudante, nas nações que se dizem supercivilizadas, do homem que terá de viver apoiado na maior ou menor doze de conhecimentos que enthezoirar no cérebro.

Concluimos, de tudo quanto se passa nos dominios da perfeição intellectual, que é bastante sério o momento que vivemos, e que a conquista de uma relativa felicidade dependerá do maior cuidado que se dispensar ao preparo das gerações que nos terão de succeder, por um aperfeiçoamento integral dos seres, desde a vida gestativa até ao pleno desenvolvimento da razão, na mocidade refeita.

Qual o caminho a seguir, para obter-se essa perfeição ?

A resposta salta aos labios:

Pela educação. Mas uma educação séria, feita sob respon-

sabilidade daquelles que vieram ao mundo com a missão de realizá-la, de ministrá-la: pais e mestres, o lar e a escola.

Uma das definições mais precisas que temos lido de educação ainda é a de Carneiro Ribeiro, o incomparavel mestre do idioma patrio, quando lhe estabelece os diversos conceitos, na **Estante Classica**, (1) dizendo:

"A educação em seu sentido lato comprehende tudo o que esclarece o entendimento, corrige a têmpera, tonifica a vontade, ameniza e purifica os sentimentos, cultiva e aprimora o gôsto e fórma as maneiras e os hábitos; em sentido mais restricto é a educação a acção ou arte de disciplinar, seguida por pais e mestres, consoante certos principios, no desenvolvimento de todos os germes e aptidões, que farão do menino ou adolescente o futuro cidadão, util á patria e a si mesmo; mais resumidamente ainda se define a cultura integral e harmônica de todas as faculdades humanas".

Eis ahi está uma grande verdade, uma verdade que todos nós, pais e mestres devemos reconhecer e tentar sempre e esempre por em pratica, na preparação dos seres humanos que o destino pôs sob nossa vigilancia, entregou aos nossos cuidados, ao nosso carinho.

A puericultura e, melhor ainda, a pedologia mostram que a educação se revella desde os primeiros instantes da vida á luz do sol, pela submissão do recem-nascido ao regime de lactação adequado, que progride e se modifica á proprção que se processa, no tempo, o desenvolvimento organico.

Considerando que desde êsse instante entra em actividade a acção educativa; considerando, ainda mais, que até aos seis ou sete annos aos pais, unicamente, incumbe encaminhar e executar aquella arte de disciplinar, com obediencia a certos principios no desenvolvimento de todos os germes e aptidões que farão o futuro cidadão, de que nos falla Carneiro Ribeiro; considerando finalmente, que nessa primeira idade muitos instinctos tumultuam no cerebro da criança, já em condições de aperceber e recalcar um esos que a ignutrição sci-

---

(1) **Apud** "Lingua Vernacula", de José de Sá, pag. 192.

manifestar e trescalar inclinações e phenomenos multifarios, — verifica-se a responsabilidade tremenda que pesa sôbre o lar domestico, no aperfeiçoamento dos filhos, dos cidadãos que a patria espera lhe sejam entregues dentro nos mais acabados e rigorosos preceitos da educação: fortes, subordinados, cultos.

Ao penetrar os humbraes da escola, a criança, homem de bem do futuro, já deve levar no cérebro uma respeitavel dose de noções, de preceitos educativos que se irão aprimorando e enriquecendo, progredindo, á medida que forem crescendo as responsabilidades e apparecendo o discernimento, como consectário dos conhecimentos adquiridos pela instrucção recebida.

Deve assim ser. Hoje mais do que nunca.

Vejamos o espectaculo contristador que nos mostram as condições afflictivas da mocidade estudiosa da Europa e não sejamos os ultimos a fechar portas.

O Brasil, a partir de 1922, vem sendo arrastado na cauda das inquietações mundiaes. Não podemos prever até aonde chegaremos. Mas os factos ahi estão comprovados pelo sangue derramado em 22, em 24, em 30, em 32 e nas scenas que, ainda agora, lizando-se, para conseguirem as posições de mando, não o embate se nos exhibem em varios Estados, para a escalada ao poder, reados principios, das idéas, mas empregando-se como arma a felonia, a metralha, a fôrça, o sequestro, e até processos inedicts do craneo raspado e coronhaços de revolver.

E deante do que se passa, a responsabilidade da geração actual avulta, pela felicidade da patria futura, que reclama u'a mocidade em condições de suportar os entrechoques das competições e dos malles que, da outra banda dos mares, como nuvens sombrias de tempestades, ameaçam o Brasil.

Educar é preparar para a vida em condições de substituir-lhe as vicissitudes pelo bem-estar, pela tranquilidade, pela felicidade que o progresso conduz.

A especialização profissional é prerogativa de uma reduzida ria. Os cursos superiores e profissionaes não são accessiveis ao da massa de um paiz.

Não se pode ter um povo de bachareis, de medicos, de en-

genheiros, mas pode-se formar uma multidão de humanistas ou de homens e mulheres aptos para todas as actividades productivas.

Mostrando as vantagens do curso gymnasial, que dotâ o educando do cabedal necessario de conhecimentos humanisticos, Olavo Bilac argumenta:

"A educação gymnasial é a que mais approveita, é a que mais contribue para formar o homem; e que quase sempre ella sozinha basta para dar ao cidadão todos os recursos mentaes necessarios para viver, pensar, agitar-se e vencer.

Não vos illudaes sôbre o valor que possaes fazer depois destes; daqui a pouco, não achareis facilmente, no escasso tempo de vossa vida, muitas horas que possaes dedicar á meditação; a rêde das necessidades multiplas da existencia vos colherá nas suas malhas apertadas; o trabalho, lei fatal, impo-vos-á a sua tyrannia; e escravizando a vossa attitude, empolga-vos-ão deveres civis, deveres profissionaes, deveres de familia, deveres de sociedade.

Que seria de vós, de vosso cerebro, de vossa dignidade de animaes pensantes, se daqui não houvesseis levado uma bôa provisão de idéas geraes e de noções precisas sôbre as leis que regem o meio e o vivente, a natureza physica e a natureza moral?

Sahindo daqui, ireis talvez cursar academias, faculdades superiores; mais ahi tereis estudos especiaes, applicações restrictas da intelligencia a uma area limitada do campo scientifico — engenharia civil ou militar, ou medicina, ou pharmacia, ou jurisprudencia; isso apenas ditará a vossa capacidade para um certo e determinado raio de acção, e não poderá de modoalgum supprir qualquer falha quetenha havido em vossa instrucção secundaria.

A cultura geral, a que dá o conhecimento, não perfeito e minucioso, mas claro e sufficiente da vida, — essa somente o curso gymnasial a pode dar: esta educação é o sedimento indestructivel, o substracto permanente que conservareis no espirito até a velhice e a morte.

Complemento e coroamento da escola primaria, o gymnasio é verdadeiramente um fabrica de homens; entra para elle um espirito débil, mas constituido, exposto a todos os perigos que a ignorancia gera e mantem — ao cabo de pouco tempo, a nutrição sci-

entifica e o exercicio das faculdades mentaes transformam êsse esbôço de espirito em um animo fertil e creador". (2)

(2("Conferencias Litterarias", *apud*—José de Nunes — *Lingua Vernacula*, pags. 225 e 226.

Pagina lançada ha 25 annos, é de uma actualidade flagrante nos seus conceitos, uma antevisão da agonia da hora actual.

E por serem de apprehensão os dias que passam, a mocidade brasileira deve de encarar a situação com mais seriedade, conjugando esforços no sentido de estabelecer uma forte cohesão da classe em que todos, ao mesmo tempo que procurem adquirir a maior dose possivel de conhecimentos, sem desperdiciode te tempo, se unam para discutir principios e realizar utilidades, que sejam proveitosas a si mesmos, á brasilidade, á familia.

A instituição dêsse dever já vai manifestando, com a constituição de nucleos regionaes de estudantes, no Brasil, germens de uma pujante aggremiação que se esboça.

Quando viajei pelo Ceará, com algunsas alumnas, em Janeiro deste anno, muito me surprehendeu o progresso da terra de Alencar e a visão nova de Fortaleza, crescida, moderna, prospera e movimentada.

A impressão mais forte, porém, que alli colhi, foi a produzida pela construcção realizada pelos moços estudántes de todos os institutos superiores, secundarios e profissionaes da encantadora capital, formando todos uma organização respeitavel e prestigiosa, no Centro Estudantal Cearense.

Cada instituto de ensino tem o seu gremio particular,—na Faculdade de Direito, como no Collegio Cearense, no Collegio Militar, etc., mas todos se solidarizam no Centro, impondo-se pela communhão de ideal, em meio ás actividades cearenses.

Os Estatutos, elaborados com sabedoria, consignam sadias disposições de ordem moral, educativa, protecionista e social.

A Casa do Estudante, a Policia Estudantina, a "Folha Estudantal", os varios favores obtidos, as escolas primarias mantdas pelo Centro e outras tantas realizações, são comprovantes de uma vitalidade exemplar da mocidade que encara com mais seriedade o futuro, com todas as suas responsabilidades e condemna o

desproveito de tempo e energia com futilidades, vadiagens e despreso dos deveres escolares.

Em Teresina, o movimento constructor se intensifica alviçareiramente, sob a orientação de Jonas Cavalcanti, joven estudante de Direito, que, da Terra do Sol levou á nossa capital a semente fecunda que já alli abrolhou no Centro Estudantal Piauhyense.

Pelo paiz inteiro surgem instituições congêneres, caminhando todas para a completa federalização da classe e seu maior conceito, não sendo indifferente ao movimento o proprio poder publico, o federal como o estadual, protegendo a mocidade das escolas com actos e medidas tendentes a dar-lhe o logar de relevo que lhes incumbe no cenario das actividades brasileiras.

Meus senhores e minhas senhoras.

Halperin, notavel professor da Universidade de Oklahoma, disse, em publicação recente sôbre o Mexico, que:

"De tempos a tempos a humanidade, cansada de soffrer, e agitada por uma onda de revolta, que se avoluma, derruba os diques que tentam contê-la, e na sua furia céga e innocente pilha, mata e destróe. (3)

A multimilenar historia do homem civilizado está referta de cataclismos sociaes, periodicos, confirmando o asserto do educador norte-americano, cataclismos que arrastam e anniquilam civilizações, para, de suas cinzas, surdirem dias tranquillos, sculos de concordia, reparo, reconstrucção, calmaria subsequente á tempestade, lembrando-nos o vate immortal dos **Luziads**:

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento.

Mas quantos povos não foram consumidos na voragem das dissoluções, do exterminio, nos grandes abalos soffridos pela humanidade?

Quaes foram êlles?

---

(3) *Revista Brasileira*, n.° 5, pag. 27.

As civilizações já moribundas, os povos já em decadencia, tangidos a ella pela desorganização, a anarchia, as agitações egoistas.

Venceram os fortes!

E' a licção da historia, severa, inconfundivel, lei fatal.

Meditemos bem, reflictamos maduramente nos exemplos desoladores que nos offerece o passado, e procuremos levantar o Brasil da apathia em que se emaranha, si queremos que êlle sobrenade, após a borrasca que devasta o orbe terrestre.

Devemos construir uma geração tenaz e resistente como a rocha, de homens e mulheres, christalizada na perfeiçãd integral, desambiciosa de si mesma. Passou a epocha do individualismo. Somos arrastados a viver mais para o todo, para a collectividade, que não para cada uma de suas partes.

A mocidade dos nossos dias tem u'a missão a cumprir, desde cêdo.

Ella deve ser erguida por três agentes poderosos: o governo, o lar e a escola, compenetrados da grande responsabilidade que lhes pesa.

Entre nós, no Brasil, o poder publico vai comprehendendo o imperativo de preparar a brasilidade, com as salutares providencias postas por obra, de ordem eugênica, cultural, educativa, politica e moral, em prol da mocidade das escolas.

O estudante já começa a ser considerado um problema nacional, pela ponderavel razão de lhe competir, em larga dose, a grandeza, o prestigio e a prosperidade da patria, no futuro.

Outorgando-lhe a maioridade eleitoral aos 18 annos, o govêrno teve o intuito de despertar na mocidade o sentimento da responsabilidade politica, por meio de uma das manifestações da soberania popular. Assim, mais facilmente ella entrará no conhecimento dos seus deveres civis e politicos, cuja ignorancia tem sido a causa de muitos males que se infiltraram na communidade brasilica.

E si portodos os recantos do Brasil; por todos os centros onde ha interêsse pela educação e pela cultura, uma aurora radiante se esboça nos destinos da mocidade estudiosa, aurora que lhe virá proporcionar um futuro melhor, mais quitessenciado na per-

feição, do que o nosso presente, não podemos nós, os do lar parnahybano, nós os da escola parnahybana, permanecer alheiados ao movimento novo e regenerador que se opera, porque temos de velar pelos destinos dos nossos estudantes, dos entes que são nossos filhos e nossos alumnos, afim de, com elles, constituirmos uma phalange de energia moça, forte, culta, esforçada e destemerosa, que seja uma céllula pujantemente vitalizada no formidavel organismo estudantal brasileiro.

BIBLIOTECA, ARQUIVO PUBLICO E MUSEU HISTORICO DO ESTADO *Teresina·Piaui*

a
in-

ás tradi-
lbôres da

CIVISMO...

Conferencia do Exmo. Sr. Desembargador Christino Castello Branco, a 1.º de Setembro, na Semana Militar.

Meus Senhores:

O exercicio attento, honesto, escrupuloso, da magistratura, não me deixa margem para outras actividades.

Não houve meio, entretanto, de fugir ao appêllo insistente desse homem de bem, que é o major Domingos Monteiro.

E aqui estou, nesta tribuna, lembrando-me da observação de Latino Coêlho, quando disse: — "Anda tão arrastada pelas praças e assembleias a arte divina de Lysias e de Demosthenes, de Cicero e de Hortensio, que, havendo safra de oradores, ha penuria manifesta de eloquencia".

Tenho, porém, como certo que a verdade, mesmo sem atavios de forma, nem resplandecencias de estylo, é sempre eloquente. E só a linguagem clara, serena, sincera, da verdade, vos falarei. Podeis, portanto, ouvir-me, sem constrangimento.

* * *

Napoleão, o genio militar por excellencia, acabou reconhecendo e proclamando que o espirito civil é que governa o mundo. E, de facto, assim é.

Relevantissima, porém, é a funcção social do Exercito, que cá é, ou deve ser, a nação em armas, alerta, vigilante, para salvaguarlica[illegible]a da sua honra, da sua integridade, da sua soberania.

Forte, imponente e disciplinado, heroico, brilhante e obeonde ha á lei, pilar da ordem, garantia da paz, escola de civismo, ante se est
virá propor

inimigo de motins, — assim deve ser sempre o Exercito, — pena de faltar á sua missão augusta, á sua finalidade esplendida, e se transformar no peor de todos os flagellos, germen de males sem conta e de dissolução social inevitavel.

Todos ao serviço militar, isto é, todos á defesa da patria e das instituições republicanas. Das instituições republicanas, sim. Porque só a Republica pode medrar sob o céu purissimo do continente americano; só a Republica pode viçar nas terras formosas do Brasil.

Não necessitamos de recorrer aos extremismos que ameaçam subverter a estructura politica da velha Europa, e que são apenas formas disfarçadas de dictadura, de governos de força, de violencia e de compressão, incompativeis com o idealismo construtor e sadio do homem das Americas.

O de que carecemos, o de que precisamos, é de realizar, concretizar, praticar a democracia, limpando-a, curando-a dos males que a afeiam e deformam no scenario da vida nacional.

Creio nos regimens constitucionaes de ordem e de liberdade. Creio nos governos que asseguram, dentro da lei, a livre manifestação da opinião publica. Creio nos governos de **élite**, eleitos, escolhidos, livremente, nas urnas, pelo voto consciente do povo. Creio nas leis sabias applicadas por juizes imparciaes. Creio no poder da justiça e no prestigio immenso das virtudes civicas e privadas. Creio na força moral dos homens, dos povos e das nações. E, crendo em tudo isso, creio naturalmente, inevitavelmente, na Democracia, na Republica Democratica, como a mais alta expressão de todos esses anélos immortaes, pois que nella, como disse Ruy, soberano é só o direito interpretado pelos tribunaes.

Mistér se faz, porém, que seja ella cumprida, respeitada, e não adulterada, cuspida, vilipendiada. "Para ella, gravitam constantemente todos os povos, sejam quaes forem as digressões que façam pelos regimens despoticos de varias denominações."

Assim, melhorar, aperfeiçoar a Republica, harmonizando-a com as novas necessidades sociaes, decorrentes do progresso mundial, e não extingui-la, — eis o problema politico brasileiro.

Tudo o mais é contrario á indole, ás tendencias, ás tradições do nosso povo, visceralmente republicano, desde os albôres da

nacionalidade, desde os primeiros movimentos em prol da independencia nacional.

A idéa de Republica sempre esteve ligada entre nós á idéa de Patria, á idéa de Independencia, á idéa de Governo, á idéa de Direito e de organização social. Nunca admittimos, em consciencia, que pudessemos viver sob outro regimen. O ideal republicano sempre viveu na alma e no coração do Brasil. E' o que está nas paginas luminosissimas da historia patria, conhecida de todos vós. E não se pode quebrar, de chôfre, violentamente, a tradição secular da nacionalidade.

Os inconfidentes de Villa Rica, sonhando com a Independencia, sonhavam, igualmente, com a republicanização do pais.

Em 1817, numa arrancada magnifica de civismo, proclama-se a Republica em Pernambuço. O padre Roma, um dos chefes do movimento, segue para a Bahia, e ahi paga com a vida o seu patriotismo. Ao ser fuzilado, exclama — **Viva a Republica !** — **Fogo !** , — respondem os soldados do Rei. E morre assim o padre glorioso, victima do seu ideal e da sua convicção. Pouco se lhe importava a morte, dês que a Republica vivesse, dês que se transformasse em realidade o sonho illuminado da sua vida.

Em 1822, proclamada a Independencia, não se proclama, igualmente, a Republica, como queriam Gonçalves Lêdo e outros grandes espiritos que lutavam na imprensa, na tribuna e na maçonaria, porque Pedro 1.º, lembrando-se do consêlho paterno, adherira á causa nacional, não por amôr ao Brasil, mas para se fazer imperador deste pedaço rico e cobiçado da America.

Entretanto, dois annos depois, em 1824, grita-se novamente a Republica em Pernambuco, alastrando-se o movimento pelas provincias visinhas, e organizando-se a Confederação Republicana do Equador. Novos martyres das idéas liberaes, novo sangue derramado, novos fuzilamentos.

Em 1831, o espirito liberal e a vontade consciente da nação forçam a abdicação do principe estouvado que aqui ficara. E, no periodo da Regencia, novo movimento republicano se verifica, rebentando a 20 de setembro de 1835, no Rio Grande do Sul, a Guerra dos Farrapos, que proclama a **Republica de Piratinim**, durando mais de nove annos, nos pampas, a luta pela ideologia republicana.

Depois, tivemos que contemporizar largo tempo com D. Pe-

dro 2.º, que se impôs ao respeito, á consideração publica, não pela idéa que encarnava, não pelo principio politico que representava, mas pelas grandes qualidades, pelas raras virtudes, pelo prestigio pessoal de que dispunha.

O rei sabio, o rei philosopho, o rei magnanimo, chegava, porém, ao periodo da decrepitude, approximava-se o terceiro reinado, e o Exercito de Benjamin e de Deodoro, aproveitando a questão militar, e querendo depôr o ministerio, sáe á rua, e proclama uma coisa que estava naturalmente feita, uma coisa que já vivia, que já existia na alma, na consciencia, no coração de todos os brasileiros amantes da sua patria.

Rocha Pombo disse muito bem que a Republica no Brasil não foi obra de nenhum partido, mas veiu em nossa historia como uma illação natural de toda a nossa existencia de quatro seculos.

E Euclydes da Cunha observa que, no 15 de novembro como no 7 de abril, o Exercito foi apenas a ordenança passiva da nação em marcha, — o que, longe de diminuir, de deprimir o Exercito, exalta-o, por mostrá-lo accorde, patrioticamente, com as mais lidimas, as mais nobres, as mais justas aspirações nacionaes.

Para a nova Republica, tão ardentemente desejada, e conseguida afinal, vota-se uma Constituição liberalissima, organizando um regimen livre e democratico, capaz de fazer a felicidade do povo brasileiro. Mas, a Constituição não se cumpre. Durante quarenta annos falseia-se o regimen.

As eleições más, ordinarias, da Monarchia, passam a pessimas na Republica Federativa.

As olygarchias estaduaes, estudadas e classificadas por Sylvio Roméro, e de que foi modêlo o accyolismo cearense, enchem o ambiente nacional.

Os valores moraes só excepcionalmente conseguem vencer.

Independencia mental e coragem de convicções, — elementos negativos do exito.

Nunca esqueci a impressão desoladora deixada em meu espirito, quando, ha alguns annos atrás, joven e idealista, entrei pela primeira vez o Palacio do Governo em minha terra. Individu[illegible] apparentemente respeitaveis applaudiam, incondicionalmente, [illegible] as palavras, todas as idéas, todas as opiniões do governa[illegible] este achava ruim alguma pessôa, os da roda contavam,

ou três factos desabonadores da conducta daquelle individuo. Se era, porém, o contrario, se o governante elogiava alguem, esse alguem era immediatamente glorificado e santificado por todos os presentes.

Uma alta figura das letras nacionaes confessou, não ha muito tempo, que, querendo subir e fazer carreira, adaptara-se ao ambiente, cuja miseria moral reconhecia.

Não se apercebera, entretanto, de que vencer pela bajulação, subir pela subserviencia, impôr-se pelo apagamento completo da personalidade, não é vencer, não é subir, não é impôr-se. E' degradar-se. E' baixar ao nivel dos invertebrados moraes.

Contra esse estado de coisas, contra a deturpação ostensiva do regimen, fêz-se, com derramamento de sangue, e esperanças alviçareiras do povo, a Revolução de 30. Contemplando a realidade nacional, Oswaldo Aranha gritou, então, atrevidamente, que o Brasil era um deserto de homens. E a verdade é que, apesar da existencia de homens integros e notaveis na primeira Republica, o descampado era grande, constituindo aquelles os oasis magnificos e eternos da nacionalidade.

Infelizmente, o retumbante movimento revolucionario não surtiu o effeito desejado. Delle nos ficaram apenas a melhoria do systema eleitoral, um fortalecimento maior do poder judiciario, e garantias amplas ao funccionalismo publico.

Passada a vibração patriotica dos primeiros mêses, em que houve uma febre de saneamento moral, manifestada em varios sectores da vida publica do pais, voltou quasi tudo ao antigo estado. Nem podia deixar de voltar, dada a insufficiencia manifesta da educação moral e civica do nosso povo, em todas as camadas.

* * *

Abrir estradas; levantar edificios; incrementar a lavoura, a industria, a pecuaria; melhorar as finanças ... tudo isso é necessario, é imprescindivel, e é titulo de benemerencia.

Mas, não bastam as realizações materiaes. Precisamos, tambem, das realizações moraes.

A cultura do caracter, a cultura civica, os bons exemplos dos de nobreidão, justiça e moralidade, antes e acima de tudo.

Premiemos a virtude. Estimulemos os bons. Afugentemos

os maus. Convençamos os homens de que elles realmente o são, e que devem ter personalidade, idéas sãs, opiniões sensatas, sentimentos nobres, e coragem de affirmá-los, haja o que houver, custe o que custar. Sem isto, seremos eternamente um pais fraco, desorganizado, em via de dissolução.

A nação vale pelos seus homens. E o homem vale, principalmente, pelas suas virtudes, pelo aperfeiçoamento da conducta, pela nobreza das attitudes, pela sinceridade dos gestos, pela lealdade brilhante, pelo bem que espalha, pela affirmação radiosa e consciente da personalidade. A intelligencia vale muito, mas sem o caracter, sem a virtude, sem a coragem moral, sem a hombridade necessaria, é um aleijão e uma calamidade.

O maior homem, affirma Guerra Junqueiro, é o mais virtuoso, o mais altruista, o mais fraternal; e a maior nacionalidade a que mais largamente realize o bem.

Convençamo-nos todos dessa grande e bella verdade, proclamada pelo poeta immortal, que nos fala como um instrumento maravilhoso de Deus. E della convencidos, melhoremos, aperfeiçoemos a nós mesmos.

Combatamos a hypocrisia. Harmonizemos os actos com as convicções. Pensar de um modo e agir de outro, é a maior das ignominias. Censurar a alguem, na intimidade, e elogiá-lo, homenageá-lo de publico, por conveniencia, por interesse, por covardia, por commodismo, por frouxidão, por tolerancia injustificavel, é uma diminuição, um attentado á nossa propria consciencia.

Sejamos sinceros. A sinceridade é o pão dos homens de bem, e o estalão por onde se afere a verdadeira nobreza humana.

Tenhamos a coragem das nossas convicções. Affirmemo-las sempre, em publico e em particular, no lar e na rua, na escola e na caserna, no campo e na cidade. Soffremos por ellas. Dignifiquemo-nos por ellas. Elevemo-nos por ellas.

A sinceridade com os homens, com as idéas, com as doutrinas, com as crenças, com as religiões, com as philosophias, com as politicas, com os partidos, com os amigos e com os inimigos, — essa sinceridade assim, pregada e praticada, impondo-se, vencendo, inspirando confiança, despertando sympathias, é o sol do mundo moral.

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

Nunca, em tempo algum, devemos sacrificar nossas convicções sinceras, verdadeiras, a interesses, a conveniencias de qualquer natureza.

Farias Britto, na **Finalidade do Mundo**, sustentando que a virtude é o fim que o homem deve ter sempre em vista em todas as vicissitudes da vida e que ella se adquire pela vontade, pela paciencia, e sobretudo pela razão, escreve: — "Devemos proceder sempre, e em todas as coisas, de conformidade com as nossas convicções. Aquelle que nunca sacrifica suas convicções a conveniencias, é um homem perfeito. Pode-se estabelecer como regra que o grau de moralidade está na razão inversa do sacrificio das convicções a conveniencias".

Ingenieros, por sua vez, observa: — "Todo erro sincero merece respeitosa consideração. E', porém, desprezivel a hypocrisia de quem occulta suas idéas por motivos venaes; e é criminosa a mentira daquelle que a ensina, conscientemente, por tôrpes conveniencias. O homem que adhere a mentiras correntes, sem crer nellas, é immoral; não o é menos aquelle que suspeita que as suas crenças são falsas, mas se nega a investigar, preferindo medrar no erro a soffrer pela verdade. Desgraçados os que não concebem a Socrates, que morre ensinando, nem a Galileu, que repete na hora do tormento o seu **eppur se muove**, como um appêllo á justiça da posteridade. A covardia moral é, por si só, tão infame, que castigo algum poderia augmentar a sua vergonha; e a maior de todas as covardias consiste em calar a verdade para recolher as vantagens que offerece a cumplicidade com a mentira."

Senhores: — Não basta pregar, doutrinar, ensinar a bôa moral. E' mistér praticá-la. Combater os vicios e ser um ebrio; combater a hypocrisia e ser um hypocrita; censurar as falhas dos subordinados, dos inferiores hierarchicos, e incorrer nas mesmas falhas, — é uma degradação.

Já houve quem dissesse que atrás do escriptor, do tribuno, do pregador, do moralista, do soldado, deve estar o homem, pois nenhuma confiança podem inspirar as bôas palavras de quem pratica acções más. E' conhecido o caso do vigario, de vida irregular, que se queixava ao Bispo, de que a religião desapparecia na sua parochia, apesar de elle sempre, em todas as occasiões, pregar o

vangelho. Qual, filho, responde-lhe mansamente o Bispo, — é reciso combater mais pelo exemplo do que pela palavra. Esta ôa. O exemplo fica, permanece, é eterno.

Cumpre-me, agora, salientar que a moral é uma só, na vida ublica e na vida privada, pois o homem é um só, a personalidade a mesma. A duplicidade de moral, pregada por insensatos e praicada por cynicos, é immoral.

Bluntschli, na sua obra classica sobre politica, já dizia que sta não se póde pôr em contradicção com a moral, e que a moral rivada e a moral do Estado têm a mesma base geral; sãos gaos da mesma arvore. O successo, como regra unica dos homens le Estado, repugna a todas as consciencias.

Seguiria longe nessa ordem de considerações.

Não quero, entretanto, cansar a vossa attenção.

A gentileza obriga muitas vezes a ouvir um mau orador. eselegante, porém, é abusar dessa gentileza, com palavras, palaras e mais palavras.

Resta-me accentuar, nesta palestra de meia hora, que o Brasil e a Republica confiam no Exercito como força moral disciplinadôra de primeira ordem.

O soldado consciente do seu dever, compenetrado da sua responsabilidade, é o cidadão perfeito. Ninguem o excede. Ninguem o sobreleva. Ninguem o avantaja. Elle symboliza a propria honra, a propria coragem, a propria dignidade da patria.

Convencido disso, dessa verdade brilhante, Bilac se fizera, nos ultimos tempos da sua vida, um apostolo, um evangelizador, um propagandista ardente, enthusiasta, intemerato, do serviço militar obrigatorio, pois esse serviço, generalizado, fazendo do Exercito a Nação, e da Nação o Exercito, é, como elle disse, o triumpho completo da democracia.

Fuja, corra, porém, a todo o panno, o Exercito, da politicalha sem ethica, sem elevação e sem brilho. Não se deixe explorar. Não se deixe enredar nas malhas da indisciplina, pois a indisciplina é a morte, é a antithese, é a negação do Exercito.

Cumpra o seu dever. Seja, dentro da patria grande, bella, forte e unida, a sentinella da paz e a garantia da ordem.

Não queira, não aspire ao mando, ao Governo da Republi-

ca. Isto seria o militarismo, e o militarismo é o Exercito fóra da su orbita, fóra da sua acção, fóra do seu campo de actividade.

Cumpra a Constituição e as leis. Defenda a ordem civil, a ordem juridica, a ordem estatal. E assim fazendo, e assim procedendo, será grande, immenso, respeitado e querido. E com elle, grande, immensa, respeitada e querida, a Patria de todos nós, este Brasil que não morre, este Brasil que marcha para o futuro, sobranceiro e altivo, certo de que nelle, no seu solo, á luz do seu sol e das suas estrellas, só vingarão a paz, o bem, o amôr, a liberdade e a ordem.

A' ZEZÉ

E's para a minha vida e para o meu destino
Um sereno refugio, um céu radioso e largo,
Nobre e pura visão, cujo olhar diamantino
Transmuda a treva em luz, converte em sonho o encargo.

Se no frio da vida os meus ideaes alargo
Para além deste espaço esplendente e azulino,
E' porque tenho o sol do teu beijo divino
Que aquece o meu viver, ora doce e ora amargo.

Ai ! a tua bondade é tão grande que espanta !
Anima e exhorta, alegra e beija, arrulha e canta,
Fazendo-me vencer barreiras e impecilhos.

Por isto, na existencia, és meu sonho perfeito,
Razão por que te trago aqui dentro do peito,
A ti, que és minha esposa e és a mãe de meus filhos.

ANTONIO CHAVES

Uma interessante poesia de Vespasiano Ramos

Publicamos, com satisfação, nesta pagina, uma interessante poesia de Vespasiano Ramos, o fulgurante poéta maranhense, já fallecido, dedicada ao nosso eminente confrade des. Cromwell Barbosa de Carvalho, ao tempo em que exercia, na Comarca de Caxias, do Estado do Maranhão, o cargo de Promotor Publico.

A 28 de dezembro de 1915, data natalicia do festejado jornalista e homem de letras, actualmente Director da Faculdade de Direito do Estado, a sociedade caxiense, além de outras homenagens de affecto e apreço, que lhe prestou, offereceu-lhe um sumptuoso baile, sob a iniciativa de vinte e quatro senhorinhas daquela legendaria e importante cidade transparnahybana.

Grande amigo do cel. João Castello Branco da Cruz Filho, de sua virtuosa esposa, exma. sra. d. Sinhá Castello Branco, tinha lhe muito apêgo a mimosa criança Benjamin, um dos queridos filhos do feliz casal, infelizmente arrebatado pela morte, ainda no verdor dos annos.

O poéta Vespasiano Ramos, cunhado de João Castello Branco, se achava, naquella epocha, em Caxias, em visita á sua conceituada familia, e, a pedido de seu digno parente, compoz a formosa e original poesia, que recitou no baile a que alludimos, saudando o homenageado, em nome do "Benjamin da Sinhá, do Benjamin do Castello":

AO DOUTOR CROMWELL

Doutor Cromwell, Doutor:
Imagine o senhor
Que dentro em mim o coração consome
Forte alegria ardente desde já,
Neste momento magestoso e bello,
Porque venho fallar-lhe, agora, em nome
Do Benjamin da Sinhá
Do Benjamin do Castello.

E vou ver se comsigo,
Para fallar, sentir dentro de mim,
Ao seu bondoso coração de amigo,
O coração em flôr do Benjamin.

Você, Doutor, Você que tem sabido
Viver n'alma de todos, satisfeito,
Você que tem vivido

Na mais viva e formosa perfulgencia,
Considerado e muito bem querido
Pelo talento másculo e perfeito,
Pela bondade e pela intelligencia,

Você, que hoje recebe, sem vaidade,
O que merece com satisfação,
A mais sincera prova de amizade,
A mais brilhante manifestação,

Você, homem de bem, distincto moço,
Que em nossas almas vive simplesmente,
Que é deste nosso coração, que é nosso,
Porque prendeu o coração da gente,

Você, Doutor, Você
Deve sentir leal contentamento
E sentir-se orgulhoso, já se vê,
Pela festa de luz, que no momento
Se lhe faz a Você.

São vinte e quatro corações, e cada
Coração de mulher esconde-se, Doutor,
Numa formosa e rútila alvorada,
Numa alvorada esplendida de amor.

Tem lampejos de Sol, vida e fulgores,
A manifestação em flôres envolvida.
Surge do coração purissimo das flôres,
Porque as mulheres são,
Pela bellesa d'alma enternecida,
No meu modo de ver, na minha opinião,
As mais formosas flôres desta vida.

Abro, agora, um parenthesis: eu peço
Licença ao Benjamin,
Para pedir, confesso,
Ao seu bondoso e puro coração,
Uma excellente e vivida lição
Para mim.

Ensine-me, Doutor: com gesto esclarecido,
Uma licção me dê:
Como se deve ser para se ser querido
Assim como Você ?

Eis fechado o parenthesis: e agora,
Na alegria cantante,
Neste recinto que o prazer enflóra
A sua alma purissima e brilhante,
Acceite, desde já,
Os parabens que manda neste instante,
Pelo meu verso timido e singello,
O Benjamin da Sinhá,
O Benjamin do Castello.

101
108

DISCURSO DE RECEPÇÃO

da senhora Yara Neves de Mello no Cenaculo Piauhyense de Letras — cadeira Jonathas Baptista

Meus Senhores:

Eu não poderia começar sem que as minhas primeiras palavras fossem para vós. A grande distincção que me conferistes, recebendo-me na vossa companhia, alteou-me, por assim dizer, as forças mesmas do meu espirito. Ennobrecida e exaltada por ellas, sinto que se apagou de mim aquella parte furtiva de nossa alma, que é a substancia dolorosa e covarde do nosso ser, e é, tambem, aquella que, nos grandes momentos de humilhação, se entremostra em desesperos inuteis e em renuncias estereis. Creastes-me, assim, essa doce superstição que, como um deus magnifico, augmentará de uma vez o dialogo sereno ou inquieto de minha vida.

O affecto do vosso acolhimento deu-me a grande responsabilidade de trabalhar ainda, e muito, para merecel-o e de transformar este aceno da vossa condescendencia em um gesto intenso de bençam pelos meus esforços ou pelas minhas audacias.

Eis porque estou comvosco.

Na lista dos nossos intellectuaes, mais por um sentimento impulsivo de admiração do que pelos laços de parentesco e sympathia affectuosa, escolhi, para patrocinar a minha cadeira, nesta casa, o nome de Jonathas Baptista, cujos principaes traços biographicos aqui alinho, sem minuncias desnecessarias e sem exaltações descabidas.

Jonathas Baptista nasceu na povoação de Natal, municipio de Teresina, aos 18 de abril de 1885, sendo filho legitimo do

tenente-coronel João José Baptista e d. Rosa de Jerichó Caldas Baptista, iflha do grande e inolvidavel piauhyense David Moreira Caldas. Tendo cursado as primeiras aulas naquella povoação, o poeta teve, depois, de vir para esta capital, para continuar os seus estudos em collegios particulares e, em seguida, passar para o Lyceu Piauhyense, estudos esses, infelizmente interrompidos aos 18 annos, porque, e é o proprio Jonathas quem o diz — fallecendo meu pai em 1903, deixou-me o encargo de uma familia numerosa e pobre, composta de minha mãe e 9 irmãos, inclusive o Zito Baptista, que chegou, annos depois, a se impôr no meio intellectual do Rio de Janeiro, como jornalista e poeta. Jonathas, apezar de attingido sempre pela adversidade, não esmureceu nunca.

Em abril de 1907, contrahiu casamento com a senhora Durcilla Cunha, filha do consagrado polygrapho e mestre dr. Hygino Cunha, tendo ingressado, antes, na carreira burocratica, aceitando, para iniciar a vida publica, o cargo pouco rendoso e pouco representativo de official do registro civil. Fundou, depois, com Deodoro Sarmento ,outro espirito brilhante e pouco submisso, o "Externato David Caldas", que, muito embora de curta duração bem serviu ao preparo de novas e victoriosas intelligencias. A alma sensivel de Jonathas, porém, não se deixou prender pela monotonia da vida burocratica; não pôde conter os impeto sdo seu temperamento, o seu pendor para as letras e ás letras se entregou. Tornou-seu um dos nosso s mais combativos homens de imprensa. Foi, sobretudo, um rebellado.

Vendo o mundo e a vida através do prisma de uma objectivação individual, exercendo a critica ao seu modo, com absoluta liberdade, Jonathas Baptista é nobre como jornalista, emotivo e simples como poeta, observador e vivaz como theatrologo, humano— tendo falhas e virtudes como homem. A penna, que aponta horizontes e desperta emoção, é tambem, ás vezes, a clava que contunde.

Si, entretanto, "o fim do homem é ser sincero", como dizia Ibsen, nehum peccado pesa sobre os hombros do meu patrono, porquanto si as suas attitudes levaram o sello de uma franqueza por vezes rude, foram tambem marcadas por uma sinceridade sem refolhos, que é bem uma das suas caracteristicas. Espiritualmente

forte, cordialmente bom, um homem assim não pode deixar de soffrer as injustiças dos seus contemporaneos, e o autor do "Jovita", como já o fizera antes Zito Baptista, teve de exilar-se.

Foi promotor publico de Altamira, comarca do Xingú, no Estado do Pará, secretario da Intendencia naquella localidade, onde, nas horas vagas, segundo a sua propria expressão, em carta a pessoa amiga, exercia a profissão de advogado-rábula. Actualmente vive em Belem como escripturario da Fazenda Nacional, trabalhando e collaborando em devirsos jornaes e revistas.

* * *

Meus senhores:

O sabio philosopho do "Assim falou Zaratusta" conjugava a palavra á musica, a narrativa ao rythmo. Suppunha o grande illuminado achar a mysteriosa correlação organica que ha entre as emoções e as ondas sanguineas do coração; a continuidade da paixão produziria a diástole initerrupta daquelle músculo, e a necessidade de respirar; salvando a vida, creou o instincto do rythmo.

Em Jonathas Baptista, desde cedo, revelou-se esse grande segredo rythmico das emoções. Foi assim através da sua vida accidentada, e, por vezes, tormentosa. Será assim através do futuro desconhecido. Não ha quem não tenha pensado com o poeta nesses differentes corações que elle encontrou:

"Este é o ingenuo coração
No vivido esplendor
Da mais clara e radiante inspiração
Para o poema cantar de infindo amor."

E logo em seguida a desillusão:

"Tempo sem gloria de uma vida inquieta,
Já ninguem vos compreende, ó coração de poeta !"

Sim, poeta de amor e de revoltas, seu lyrismo é, somtudo, sincero e espontaneo. Os que um dia leram essa immortal "Tosca", admirarão, em qualquer tempo, esta synthese magnifica:

"Do negro ciume, emfim, na perfida agonia,
Tendo o peito a sangrar em dúvida constante,
Deixa Farnesio em festa — aristocrata orgia —
E parte a procurar, raivosa, o terno amante.

Scarpia a intriga tece, o enredo todoguia . . .
Genio servil e mau, o engenhoso farçante
Manda-a seguir de longe e, em felina alegria,
Descobre, então, de Mario o refugio elegante.

Está tudo acabado ! . . . Em desalento, Flora,
Sobre o corpo do amado, em desespero, chora,
Sentindo o sucumbir da ultima esperança.

De súbito se eleva a sua voz, bramindo:
Matei-o ! Desgraçado ! Scarpia é morto ! E rindo,
Na profundez do abysmo, a gargalhar, se lança.

Era o inicio dos versos formidandos, de clamor e de revolta, que já vinha do "Terra infecunda":

"Terra infecunda e má ! . . . Terra doente e amada,
Sem gorgeio feliz, sem perfume e sem flor . . . "

para os "Versos de um mau", inéditos, que enriqueceram o meu livro de autógraphos precisos. Escutai-os:

"Eu procurei da vida o goso, a luz, o encanto,
Para a vida viver, no maximo esplendor . . .
Mas encontrei sómente a magua, o tedio e o pranto,
Os gritos infernaes da mais pungente dôr . . .

Dos homens procurei a divina bondade
—Amigo coração para poder sonhar . . .
Apenas encontrei a mentira e a maldade,
A calumnia que fere e que nos faz chorar.

Das mulheres busquei o limpido sorriso,
Antevendo do amor o fulgido clarão . . .
Sumiu-se no deserto intermino, impreciso
O sasis que eu buscava, o sasis da illusão.

A gloria que nos leva ao pincaro da fama,
De longe, bem de longe, eu tambem lhe acenei . . .
Ai de mim, ai de mim ! Esssa orgulhosa dama
Nem siquer me fitou . . . e eu no pó me fiquei.

A fortuna, a riqueza, o dinheiro, a opulencia,
No meu delirio atroz ambicionei tambem
Tudo, tudo fugiu ! Oh rispida inclemencia !
Que espirito perverso ao meu encotro vem ? !

A' porta da justiça, em noite tenebrosa,
Chorando fui bater ! Ao primeiro degrau,
Surgiu-me a prostituta, hysterica e raivosa . . .
Quiz ser bom — sou descrente e sou mau ! "

Jornalista e theatrolólogo, Jonathas Baptista sabe manejar o verso com admiravel maestria. Não faz garbo na escolha das expressões peregrinas e rimas raras; nunca se dedicou ao labor torturante dessa ourevesaria do estylo e da metrificação, tão bella quanto fria. Nos seus versos, sentem-se as emoções vevidas pelo autor, sem preoccupação de fazer novo, ou de crear escola. Sua poesia, como toda poesia que merece o ajustamento dessa classificação, grande, generosa e humana, é clara, simples e natural. Sua rebeldia, é uma condição do soffrimento. Jonathas é uma alma de artista.

Vós, que o conhecestes entre nós, na sua cordialidade espontannea, communicativo, sabeis que falo a verdade. Conheci-o sempre enthusiasta e sonhador. Nunca a luta o intimidou, porque era um forte.

Seus livros, essas encantadoras peças theatraes, de que "Jovita" é o padrão no drama, como o é "Teresina de improviso" na revista, são attestados de quanto é dúctil seu talento. Na vida, força é confessar que meu patrono tem praticado a divisa de Adolfo Thiers: "O homem nasceu para agir".

"Homem, fito de frente o rosto da desgraça
E não me acurvo nunca aos embates da sorte;
Enfrento, sem temer, o furacão que passa,
Sorrindo, com prazer, dos esgares da morte.

Aprumo-me na terra, em destemido, porte,
Sem desmentir jámais as tradições da raça . . .
Arrojo-me, sem medo, ao mais rijo, ao mais forte,
Envolto o veja embora em rigida couraça.

Caminho sem parar, sem curva e sem rodeio,
Meu destino a seguir, sem encontros a temer.
Sem fraqueza ou pavor, sem cobarde receio,

A batalha me tenta, a guerra me allucina . . .
O movimento é a vida, a vida me illumina.
Nasci para lutar, na ambição de vencer ! . . . "

N. da R.

Este discurso foi publicado em edição especial da revista **Guajarina** de Belem do Pará; em 1931, sem mencionar a data em que foi pronunciado. Jonathas Baptista foi depois transferido como escripturario para a Recebedoria Federal de S. Paulo, onde falleceu em 15 de abril de 1935 de um insulto cerebral, tendo publicado em 1934 a sua ultima obra literaria, um volume de poesias sob o titulo **Alma sem rumo** . . ., que foi recebido com encomios pela imprensa daquelle Estado. A Camara Municipal de Teresina prestou-lhe uma homenagem pósthuma, dando o seu nome a uma rua desta capital, por iniciativa do vereador Ney Baumann.

FASCINAÇÃO DAS DISTANCIAS

(*MARTINS NAPOLEÃO*)

— I —

Ao mar ! ao mar ! — (Meu coração cansado
da melancólica monotonia
da vida quieta e da paisagem fria,
ouve por vezes êsse estranho brado,
subindo das distancias do passado,
num frêmito de intrépida ousadia . . .
Ouve e sonha com a gloria que irradia
da miragem de um mundo indevassado.

E' o mêsmo ardente anseio delirante
de outras terras e céus, que havia outrora,
levando a marinhagem para deante:
sonhos divinos e ambições escuras,
para o alto, para a frente, para fóra,
— para aventuras e desaventuras . . .)

— II —

Ao mar ! ao mar ! — (Sôltas ao vento as velas,
galhardetes e flamulas nos mastros,
quero vêr noutros céus mais claros astros,
e terras mais felizes e mais belas ! . . .

Para o Levante, as minhas caravelas,
pelo caminho móvel e sem rastros ! . . .
Ouros . . . . pérolas . . . pratas . . . alabastros . . .
e um céu coalhado de milhões de estrelas ! . . .

A Cipango, a Golconda, a Citeréa, —
paraísos perdidos entre as ondas,
com as ondas, como lobos, de alcatéa . . .

E ah ! quem vos já não viu, de olhos risonhos,
Citeréas, Cipangos e Golcondas,
como sonhos nascidos de outros sonhos ? ! . . .)

15 . 10 . 1936

BIBLIOTHECA E ARCHIVO PUBLICO DO PIAUHY THERESINA

VITA SEMPER BREVIS

Cromwell B. de Carvalho

Em tempos idos, lemos, não sabemos onde, ou alguem nos contou (a memoria não nos ajuda a dizer ao certo), que, em determinado paiz, existia um sabio que se dedicara á difficil e martyrisante idéa de descobrir o meio, seguro e infallivel, de prolongar-se a vida. E um bello dia, com surpreza geral e grande sensação de prazer do universo inteiro, annunciou elle que havia, afinal, attingido á meta ambicionada, com a descoberta do precioso condão, da virtude mirifica que abriria á sciencia novos e mais vastos horizontes. E todos esperavam, então, e com extrema anciedade, que se divulgasse o maravilhoso invento, o suspirado "elixir", por que tanto se batia a humanidade, e que traria, sem duvida, para o seu creador o primeiro logar da fama mundial, fazendo cahir sobre elle as bençãos, carinhosas e agradecidas, de todos os mortaes.

Mas, o sabio não acudiu, de prompto, á celeuma anciadora, e não querendo chegar, talvez, por excessiva modestia, á immortalidade em vida, que se lhe offerecia, de novo, annunciou que, só depois de sua morte, seria dado a conhecer ao mundo o fructo, magnifico e poderoso, do seu extraordinario esforço e das suas longas e fatigantes vigilias. Parecia querer, assim, deixar, num como testamento publico, de larga circulação por todo o orbe, o inestimavel legado de sua mente prodigiosa á humana creatura, avida, no momento, de logo entrar na posse da benefica e salvadora offerta.

Annos depois, e, relativamente, diminutos na sua duração

e ainda com admiração geral, o sabio morreu, e posto que tal desenlace viesse desanimar, e quasi extinguir, a crença anterior na sua propalada invenção, era immensa, a curiosidade, para della se ter a absoluta certeza. Por fim, e conhecido o espolio do sabio, achou-se nelle um livro intitulado: — "De como se viver, longamente"—

Cresceu, de ponto, a soffreguidão por se encontrar o promettido thesouro, e a primeira pessôa que no livro pegou, foi-lhe, sem demora, as paginas voltando. E folheou-o, paginas e paginas, em branco, perpassando, até que, na derradeira, leu o seguinte: — "Conservar os pés sempre quentes e a cabeça fria, eis o segredo da longevidade da existencia humana" — Da razão scientifica, e praticamente possivel, desse enunciado, nada poderemos saber. Supera o assumpto os nossos humildes e pequeninos conhecimentos.

Gyra em uma esphera para nós inabordavel. Anda em caminho differente do que palmilhamos, de modo que transcende ás nossas luzes, não obstante nos informarem os "esculapios" que "a temparatura da gente é uma só, ao thermometro, da cabeça aos pés, apresentando, apenas, variações muito leves, quasi subtis". Na epiderme é que se lhe nota, simplesmente, uma variante maior, mais sensivel. Como quer que seja, porém, o que se verificou, após o achado, tão freneticamente appetecido, foi que elle não trazia nenhuma vantagem, melhoria alguma, para o prolongamento da existencia. A ancia de viver é a mesma, e a vida, a cada passo, se encurta. Isso não quer significar, entretanto, que a arte de curar não haja evoluido.

Ha, e muito. A medicina, não só na therapeutica, como em todos os seus ramos, e principalmente, na cirurgia, tem adquirido apreciaveis progressos. A mal de seu grado, entrementes, e apezar dessas conquistas, não conseguiu alcançar ainda a finalidade que todos almejamos, e que se converte no poder de augmentar a nossa capacidade vital, alem dos prazos communs, alargando, por seculos, ou por tempo maior do que o ordinario, a nossa permanencia terrena.

Nesse sentido, e para exacta comprehensão da nossa assertiva, a **pedra philosophal** está ainda por vir.

Não nos favorece a eugenia de Galton, como nenhum beneficio nos importa o decalogo japonez, que já se tornou notorio, e segue por ahi, a fóra.

Não cabe, nesses preceitos ou mandamentos, o triumpho da vida, no seu rolar mais continuo e demorado. Para isso, não se lhe podem impôr regras, nem circulos precisos, a que ella se deva apegar.

O organismo é vario em cada individuo, e o bem que num se ajuste, e o felicite, pode ser mal que noutro se agarre, e o aniquille. Viver mais ou viver menos, é questão de temperamento individual, de idiosyncrasia de cada ser, sem obediencia a principos fixos, nem a determinações prestabelecidas. Está visto que, nesse opinar, não chegamos ao absurdo de proscrever ou condemnar o cuidado que devemos ter pela conservação da saúde, quando atacada por qualquer molestia. E, nesse momento, é que a medicina apparece com o seu auxilio. Estas considerações nos foram suggeridas pela noticia que nos offerece um importante orgam da imprensa carioca sobre um caso, até então desconhecido, de longevidade da existencia humana.

Trata-se, na verdade, do "homem mais velho do mundo", Zora Agrah que acaba de celebrar o seu seculo e meio de nascido. E' de nacionalidade kurda, do dominio da Turquia, e a sua edade **mathusalemnesca** se attesta, como verdadeira, pela recordação que ainda tem de factos desenrolados, em Constantinopla, num periodo de mais de cento e vinte annos, e pelo que asseveram pessôas bastantes velhas que o conheceram, em idade tenra, já "ancião veneravel".

Pelo habito de viver, já tão prolongado, estremece, mais ardorosamente, a vida, e sente, apavorado com a morte, a "rapidez com que os annos deslizam".

Nunca se tomou, affirma elle aos curiosos jornalistas que o interrogaram, da mais seria cautella, ou de "especial cuidado com a sua pessôa". O seu regimen alimenticio jamais apresentou qualquer singularidade: — era o mesmo e identico ao de todos os viventes — Confessou, todavia, que não se nutriu muito de carne, mas, logo ajuntando dever essa abstinencia parcial ao "facto de não ter tido sempre dinheiro para compral-a".

De vicios era avaro, porém. Jamais fumou, e de bebida levava, apenas, "muito chá que lhe substituia a agua". Mas, nisso não se queira ver o carinho ou a precaução de Zora Agrah pela vida.

A abstenção do fumo e do alcool nelle se operou, por uma questão somente de indole propria, uma como aversão organica ao uso dessas substancias, consideradas nocivas á saúde.

Mas, em compensação, era o seu libar o chá, elemento tambem excitante, e do qual elle abusava, bebendo-o, por toda a vida. A sua profissão fôra, ha mais de cem annos, muito penosa e exhaustiva — a de carregador —, pasando pelas suas costas, como elle assevera, "um peso, talvez, egual ao do Hymalaia".

Teve cinco esposas — "fraco algarismo, accrescenta, numa terra de polygamos" — A sua mocidade extendeu-se até aos oitenta annos, periodo em que viveu, simultaneamente, com tres mulheres. Na epoca actual, supporta "uma velha rabugenta de sessenta e cinco annos que não corresponde, de nenhum modo, ás necessidades do seu affecto, que nelle crescem, de mais a mais". Não tem religião, "vivendo, por isso, sem temores".

A eternidade nunca o preoccupou, e analphabeto, não conhece o Alcorão, deixando de lado, por esse motivo qualquer "pratica religiosa, expressa em livros". Fôra-lhe a natureza a mestra unica da vida, e d'ahi o sentir-se feliz, porque ella lhe ministrou alguns "preceitos essenciaes que o conduziram a essa edade extrema, e os annos lhe infiltraram no espirito uma infinita experiencia dos homens e das coisas".

E, agora, aos cento e cincoenta annos, procura uma mulher jovem e formosa para a ella se unir, porque corre, em todo o seu ser, uma completa renovação, e almeja do sexo gentil e gracioso quem com elle possa "compartilhar as glorias dessa floração inesperada".

E eis, nessa ligeira descripção, como o segredo da vida longa, e constantemente florida e util, não reside em formulas positivas de tratamentos scientificos, ou de exercicios preconisados, na maneira de se conduzil-a.

Gosam-na, assim, os felizes, aquelles para os quaes a fortuna, na figura de Hygiéa, e na sua escolha dadivosa, entende de trazer a oblata excellente e provida das suas graças.

Casos, como esse, de Zora Agrah são raros, rarissimos: — resistencias formidaveis de constituições organicas privilegiadas. — Mas, no conjuncto, a vida ha de ser sempre, para supplicio nosso, na terra, a marcha apressada, e por vezes brusca, para a morte, que só ella é eterna, e a vida espreita, ferindo, esmagando, na sua rivalidade cruel e vencedora.

Fev. 1925

DOBRES...

Dobrar de Sinos,
Dobrar angustioso de Sinos,
Que commove e confrange ...
Sinos ! E' o sineiro que os tange,
Sim, o sineiro, o pobre do sineiro,
Que os faz dobrar, ás vezes, dia inteiro,
Indifferente, sempre, aos alheios destinos ...

Bã - ão ... Bã - ão ...
Voz compassada dos sinos !
Bã - ão ... Bã - ão ...
Voz gemedora que plange !
Voz de sombras e mysterios, clangorosa,
Repetindo a mesma historia dolorosa
Daquelles que se vão.

Dobres ! Soluços longos, desesperados ...
Psalmos de sinos, psalmos maguados
Pelas almas dos maus, pelas almas dos bons ...
Dobres ! A vossa voz plangente
E' bem uma navalha de sons
Cortando o coração e a alma da gente.
Ban - ban ... Ban - ban ... Bã - ão ...
Tristes sons ! Ouvindo-os, mudamente,
Numa funda tristeza me concentro,
E então chego a pensar que os sons, que vêm de dentro
Dos sinos, são palavras bronzeas de perdão.

Antonio Chaves

Na chapada das cruzes

ESMARAGDO DE FREITAS

Pelas duas horas de relogio, ali pelo amiudar dos galos, o cabra bateu com força na porta da casa da fazenda, chamando repetidas vezes:

— Sô Rogerio ! Sô Rogerio ! já é hora.

Muito tempo não se passou sem que a chave rangesse na fechadura e a pesada porta ineiriça de madeira tosca estremecesse e se abrisse para dar sahida ao fazendeiro já de grande patrona atulhada a tiracollo e abraçado com uma Laport de bom calibre. Mettido numa camisa de mandapolão branco e trazendo calças de brim listrado, Rogerio era um desses typos, dia a dia menos communs nos sertões do Brasil septentrional, de estatura meã e musculatura rija, cuja harmonia de feições elegantes, os cabellos despenteados e uns bigodes opulentos, cahidos desgraciosamente por sobre a bocca, não quebravam de todo.

— Avia, Victorino.

— E' já patrão !

Estava o Victorino acocorado numa das três carnahúbas jacentes — estendidas — nas goteiras da latada de palha em frente da casa de telha, como que limitando, em conjuncção com a grosseira parede frontal do edificio achamboado, o espaço quadrado sob coberta. Carregava a Lazarina. E, apenas acabou de socar a ultima bucha, em que envolvera pequena bala de chumbo, tirada á rede de pesca, e collocar no ouvido da cumprida espingarda uma espoleta que premeu ageitosamente, poz-se de pé e falou, animado:

— Tou prompto !

Tomou a guia e os dous palmilharam a areia resequida do extenso pátio em hemiciclo, ganhando o carreiro de gado que atravessava um pequeno morro e proseguia no rumo do nascente por entre a invariabilidade de um caapão ralo de árvores desnudadas pela estação. Algumas estrellas luziam, minúsculas, no firmamento meio ennevoado. Dentro do silêncio mal ferido ao longe pelos zurros periódicos de um jumento e pelo som rouco das águas do Parnahyba cachoando nas pedras invencíveis, de vez em quando um galho estalava, e era provocação para os grilos imbelles daquellas paragens o **lepe-lepe**, produzido nos calcanhares, pelas chinellas do fazendeiro e pelas alpercatas do aggregado. Nas faces de ambos batia, cortante, fria, a brisa sertaneja de agosto.

Caminhavam quase sem trocar palavra. Iam caçar veados de "espera". A noite parecia propicia á tarefa, e debaixo dos pequizeiros em flôr, segundo affirmava o cabra, o solo estava trilhado de rastros.

Costearam o morro, atravessaram em seguida uma grota cheia de carrascos e sem profundidade. Adiante o guia estacou. E, volvendo-se disse com voz preguiçosa:

— E' aqui, patrão. Vancê fica nesta espera e eu vou ~~p'r'ali, p'ró~~ outro pequizeiro.

Dicto e feito. Rogério trepou na copada árvore, em cujos ramos armou o fiango, e o outro metteu-se de matto a dentro.

Refez-se o silêncio.

Sentado na rêde, todo encolhido e com a respiração quase suspensa, em tenacissima pesquiza visual, o fazendeiro tentava debalde varar com o olhar de caçador noviço o véu de luto da noite.

Esperou, esperou e . . . nada de veado. Não era homem para aquillo. E demais — com aquelle frio que lhe alfinetava a carne. . . Faltava-lhe animo; esgotava-se-lhe paciência, crescia-lhe n'alma a ânsia de acabar logo e logo. Decidiu immediatamente, de si para si, que os veados não appareceriam. Ficou na espera, ainda alguns minutos que lhe pareceram longos e . . . não poude aguardar mais. Desatou a rêde, embollou-a, metteu-a na patrona, desceu do pequizeiro e, á procura do Victorino, tomou a rota por onde vira este sumir-se.

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

Entretanto, na outra espera, agachado numa pequena rêde escondida entre galhos altos, Victorino mantinha uma ansiedade reflectida de caçador affeito.

Toda preoccupação daquelle cafuz imberbe de physico apoucado, inteiramente illeso de grandes saudades e grandes aspirações, estava no futuro, nada remoto, do previsto lance cynegético. Dantemão via o cornipede pisar ao longe as fôlhas cahidas nas verêdas e approximar-se já, espantadiço e subtil. Fazia mentalmente a pontaria e atirava, por hypóthese, no animal imaginário.

— O bicho havia de vir ! E porque não? Prelibava as peripécias prováveis que o haviam de levar áquella satisfação, quando, de repente, de um certo ponto, distanciado, um ruído de folhas remexidas attrahiu o seu olhar de morcêgo e a sua attenção alvoroçada. Assentou com arguto esforço a vista contra a treva. Um vulto, mal entrevisto entre as sombras, buscava o pequizeiro. Victorino sem detença suspendeu a Lazarina, levou-a á cara e preparou-se para atirar. Segurou durante segundos a pontaria e fez fogo.

Ao troar do tiro, respondeu o baque de um corpo pesado. O cabra exultou: — confirmava mais uma vez a sua fama de bom escopeteiro, que toda a redondeza celebrava com singelo enthusiasmo. Avaliou, então, o contentamento do patrão . . . E quando lá na fazenda contassem a historia da "espera" daquella noite, dando um colorido especial aos pormenores, augmentando as difficuldades rompidas . . . seria um Deus nos acuda.

Parecia-lhe já estar ouvindo o Zé Vaqueiro nos seus gabos de sempre:

— Ah ! bom, gentes ! E' mais facil faltar chuva em Janeiro do que a pontaria do compadre Victo !

* * *

Emquanto pensava tudo isso, desarmava a rêde, enrodilhava-a e, pendurando-a á vaquêta da espingarda mortífera, encaminhava-se, pressuroso, para a caça feita.

A dois passos desta, porem, esbarrou, surpreso, horrorizado: — não tinha morto um veado e sim um homem: alli á sua vista estava emborcado o corpo ainda quente do fazendeiro. Custava-lhe

crer no que estava vendo; não havia, comtudo, duvidar: — á sua pontaria infallível não escapara o imprudente companheiro de caçada.

Occorreu-lhe a primeira idéa de afastar-se, correndo, daquelle scenário; sentiu, todavia, que força mysteriosa e inexplicada o retinha, como se elle estivesse enraizado ao solo, á semelhança dos typos vegetaes, grandes ou pequenos, esbeltos uns, torturosos outros, testemunhas reverentes, dispersas em derredor, pela alongada planície coberta de agreste, para as quaes não lhe aproveitava appellar naquella conjectura. Carecia de resolver qualquer coisa e perguntava a si mesmo que resolução haveria de tomar. O mais simples e acertado fôra regressar á fazenda e contar o acontecido sem omittir o menor incidente. Far-lhe-iam justiça provavelmente. E se não fizessem . . . Deus era grande ! Neste interim, uma previsão pungente relampejou no seu raciocínio: — ninguém o acreditaria, a começar pela fazendeira — a Dona Mariquinhas, que não mais o olhara com bons olhos desde a desavença que tivera com o marido delNa. Isto fôra havia tempos, annos já. Por uma "coisa de nada", Rogério mandara que o amarrassem, surrassem e levassem preso para a villa. Applacou por força da sua religiosidade o resentimento de furtivo rancor que a recordação lhe ia despertando n'alma atribulada e proseguiu nas reminiscências serenamente. Na occasião jurara que cêdo ou tarde se vingaria. Dona Mariquinhas e muita gente sabiam disto. Desistira, entretanto, com o tempo, do intento que a raiva de momento lhe ditara, e as coisas se teceram de tal modo, que o approximaram do homem, a quem fôra forçado a recorrer numa doença. Dahi para voltar á protecção e á confiança de Rogério muitos dias não decorreram. E voltara a querer bem ao fazendeiro . . . Sim, queria-lhe bem, era incapaz de deixar que outro o offendesse, quanto mais de atirar nelle por querer. Mas ninguem lhe daria credito. Tinha a dois passos de si a cadeia com seus horrores, as algemas, a corrente, o sabre do famigerado Cabo Tentação. Fugir ? Era difficil. E, si fugisse, que fariam mulher e filhos, corridos da casa e terras?

Tomado de insólito frenezi, fechava os olhos com isto lograsse não ver mais o que ia pelo seu espírito cor

Mas retornava aos pensamentos dolorosos e cada reflexão era um passo para o desespero. Porque diabo se mettera naquella caçada ? Antes tivesse ficado em casa a dormir socegado. E alcançava emfim a sua intelligência uma explicação para a catástrophe:

— Só sendo castigo . . .

Lembrou-se de que estava numa primeira segunda-feira de Agosto, dia aziago em que nada se devia fazer. Puzera de lado os conselhos dos mais velhos. Bem feito ! Agora que ficasse para toda vida com aquelle remorso. Fez um esforço para sahir da afflição em que estava, deu alguns passoos para o lado, levou as mãos á cabeça impacientemente e passou por diabólica transfiguração: — os olhos esbugalhados, resfolego acelerado, toda physionomia num aspecto torvo.

Resolvera qualquer coisa.

Inquieto, a olhar para todos os pontos da matta ainda em penumbra, começou a carregar a espingarda e fêl-o com a pressa exagerada de quem tivesse medo de desviar-se da resolução de súbito tomada.

Prompta a arma, descansou-a militarmente, com o cão levantado. Não tinha coragem de supportar os ultrajes da justiça humana: ia appellar para o julgamento de Deus.

Persignou-se, benzeu-se e balbuciou preces. Em seguida, apparentemente calmo, respirou com vagar, na volúpia de uma despedida definitiva, o ar dulcissimo da madrugada, embalsamado de aromas fortes de flores bravias e — resoluto e terrivel — baixou a cabeça para apertar nos labios o cano da espingarda carregada. Sem dar mais tempo á reflexão, levou o pollegar do pé direito ao gatilho da arma.

Um tiro soou, indo echoar surdamente ao longe.

E na areia suja da vereda silente ficaram estendidos dois cadáveres, que as formigas curiosas teriam de percorrer, e cujos membros enrijecidos haveriam de ser tocados pelos raios do sol.

Ah ! o sol ! Momentos após mostrou por entre os ramos pouco folhudos das árvores a sua magestade luminosa. Appareceu diamantisando as flores alvas do pequizeiro funesto e esclarecendo o horizonte.

Mas não esclareceu as almas sequiosas das gentes da fazenda, hoje extincta, e das cerranias, o enrêdo dessa tragédia que ainda hoje é enigma explicado por supposições vagas que se contrastavam a principio e se unificaram, por fim, numa evolução vertiginosa para a lenda.

Noivos

Noivos naquella idade em que a vida é tão bella
E' ter dentro do peito um mundo de explendores . . .
Vêde-os ! Que lindo par ! Vão falando de amores,
Ella, tão cheia delle ! Elle, tão cheio della.

A conversar baixinho entraram na Capella;
E, lá dentro, no altar da Senhora das Dores,
Ella, de joelhos, reza uma oração, aquella
Que pede a Deus allivio aos tristes soffredores.

Vendo-a assim, elle exclama: — "O' alma que eu bemdigo !"
E, já não mais de pé, mas tambem ajoelhado:
— "Ensina-me a rezar, quero rezar comtigo ! "

E ella, num tom de voz macio e aveludado:
— "Pois vamos, pronuncie as palavras comigo:
Padre nosso . . . que estaes no ceu . . . santificado . . . "

Antonio Chaves

BIBLIOTECA E ARCHIVO PUBLICO DO PIAHUHY
THERESINA

DA FELICIDADE

O que se vae ler, na despretenciosa chronica de hoje, não são "reminiscencias academicas", porque tal cousa, em nosso meio, e tambem nos outros centros litterarios, já se conhece como producto alheio — applaudidas lembranças, dadas á lume na imprensa indigena, e oriundas de um intellecto vibrante e sadio, no divulgar de factos daquelles saudosos tempos, fielmente guardados pela sua admiravel faculdade perceptiva —

"Reminiscencias academicas" já constituem, assim, um direito autoral de um nosso festejado e conhecido conterraneo.

E não seriamos nós que lhe roubassemos o estupendo triumpho, enfeitando os nossos hmuildes traços do dia, com aquelle tão pomposo qualificativo.

Não ! O que se vae ler é a ligeira narrativa de um interessante episodio, que surgiu, no curso de uma palestra amistosa numa casa de pastos, no Recife (não nos recordamos do nome), onde, com outros collegas da Academia de Direito, tinhamos, então, as nossas refeições. Velha passagem de um trecho de breve convivio social, simples e descuidoso, mas, gyrando em torno de um assumpto que tem sempre o cunho de actualidade, o sabor innegavel de occorrencia nova. Um dia em que todos lá nos achavamos, á hora do almoço, estabeleceu-se animada conversação, de que tomcu parte, além de outras pessôas, o Monsenhor Estanisláo, um dos mais cultos representantes, naquella epoca, do clero pernambucano, hacharel em direito, e já de idade avançada.

Em dado momento, e não sabemos por que motivo, ou a que proposito, atiraram ao Monsenhor a seguinte pergunta: — "Que é preciso ao homem para ser feliz, na vida" ? O virtuoso

ancião olhou, de frente, o seu interlocutor, e sem demora, lhe disse: — "Tres cousas, meu filho: — dinheiro, só dinheiro e dinheiro só —".

E explicava: — "O dinheiro é a mola real da existencia. Em todos os aspectos do nosso viver, na terra, delle precisamos, para satisfazer as nossas necessidades.

E como é elle o nosso anceio na vida — elemento capital da nossa mantença, de modo que sem elle não podemos subsistir, quem o possuir em abundancia, ou no preciso, ao menos, terá, por certo, a felicidade almejada". E concluiu, citando a phrase latina **— sine pecunia nihil agitur" —**

Ao terminar, porem, aos applausos e palmas de toda a assistencia, um outro lhe replicou: — "Perdão, Monsenhor. O dinheiro só, não é capaz de nos trazer felicidade. Sem duvida, delle não podemos prescindir, para nos manter na existencia. Mas, elle não é, não pode ser a condição unica e suprema da nossa ventura.

Ha outros factores, no meu entender, mais poderosos, ou antes, sem os quaes o dinheiro de nada nos valerá na vida, no sentido de nos conduzir á felicidade buscada. E ajuntou: — "Na minha opinião, para que a gente se possa julgar feliz na vida, duas cousas, somente, são necessarias: — ter saúde e ser branco" — E, a seu turno, explicava: — Sem que tenhamos saúde, na alma e no corpo, impossivel nos será dizer, ou sentir que somos felizes. O dinheiro, por vezes, não tem a virtude de nos curar dos males physicos, e jamais de nos afastar os soffrimentos moraes. Assim, a saúde lhe é causa superior, na conquista da felicidade, porque o dinheiro não nos dá, em muitos casos, a saúde, ao passo que esta sempre aquelle nos proporciona. Quem possúe saúde, ganha dinheiro, por força, não sendo, porém, verdadeira a reciproca.

E ser branco, porque a côr tambem inflúe, na vida social, para a felicidade de exito das nossas aspirações. E' ella um contingente de fortuna, ou de infelidade. A repulsa á côr negra é um facto.

O que della se cobre, já leva, só por isso, uma immensa difficuldade, em se suppor, verdadeiramente, feliz. São preconceitos de raça, que pesam na balança do nosso bem estar, neste mundo",

Os commentarios estabeleceram-se, então, em redor dos dous pareceres, que adquiriram, ambos, fervorosos adeptos.

Quanto a nós, pobre estudante que eramos, mettido, a cada passo, em serias aperturas pecuniarias, tomámos, de logo, o partido do Monsenhor Estanisláo.

Mas, agora, e ainda pobre que somos, philosophamos sobre a pendencia, para achar razão no que expendeu o adversario do illustrado sacerdote, mas, apenas, no tocante á primeira parte dos seus argumentos. No que respeita á outra feição da contenda, não nos parece acertado o asserto opinativo.

Questão de côr, branca ou negra, não importa para solucionar o problema da felicidade humana, se é que elle pode admittir qualquer solução.

A felicidade tem um conceito todo individual. Nesse particular, ella se exprime, e com admiravel criterio, nestas regras do Padre Antonio Vieira — "querer o que se pode, e estar contente com a sua sorte". E' secundario, e sem importancia, o elemento-côr. Na Africa, com certeza, seria, então, fonte de infortunios a côr branca, constituindo a negra origem poderosa de felicidade.

Segundo assevera Montesquieu, "em certas tribus negras, os deuses são pretos e o Diabo é branco".

E, consoante recentes noticias, os negros dos Estados Unidos, fazendo Christo á sua semelhança, resolveram, mediante proposta de um bispo da Egreja Orthodoxa Africana, no Congresso Universal de Negros, ultimamente reunido, em New York, substituir o nosso Christo branco, de cabellos alourados, por um Christo negro e de "carapinha". Nem, por isso, entretanto, pelo mudar de côr, com os negros, Christo deixará de ser, na sua essencia e na sua bondade, por todo o universo, e para os que nelle acreditam, o mesmo Deus a quem elevamos as nossas preces, pedindo as suas graças celestes.

E nem por ser branco o Satanaz, naquellas paragens, nem por ser preto, entre nós, a felicidade lhe deixa de ser, engariosa ou verdadeira, um dom extraordinario, com que as almas persegue.

Cromwell B. de Carvalho

Fev. 1925

MONSTROS

O' monstros de feições tenebrosas, sanhudas,
O' supremo terror das feras e das gentes,
Que viveis a infamar as almas innocentes,
Fazendo-as supportar as grandes dores, mudas...

O' panteras sociaes de garras ponteagudas,
Sois temiveis porque, a rilhar sempre os dentes,
Tendes a alma de lôdo e a lingua das serpentes,
O grunido do porco e a peçonha dos Judas

Raça de satanaz, raça maldita, raça
De viboras mais vís do que a propria vileza,
Mais nefasta talvez do que a propria desgraça...

Toda a vossa moral de espelunca e taberna
Aprendestes, a andar de torpeza em torpeza,
Entre a lepra do pae e a syphilis materna.

ANTONIO CHAVES

Jesus e os primeiros christãos

Artigo de Henry Lucien, publicado em "Amitié" de Paris, transcripto em "Pan" de Buenos Aires e traduzido do espanhol por Hygino Cunha, especialmente para a "Revista da Academia Piauhyense de Letras".

Quem estuda o christianismo primitivo, reflexo da decadencia do mundo antigo, tem que defrontar-se com alguns problemas importantes. Em que consistiu essa decadencia do mundo antigo ? Existiu realmente Jesus ? Foram revolucionarios os primeiros christãos ?

Examinemos rapidamente os dois ultimos, cujas soluções mais modernas collidem com algumas crenças inveteradas e ás vezes tambem com as idéas tradicionaes de alguns espiritos, que, não obstante, se consideram emancipados de preconceitos vetustos.

De Jeusus **homem** não temos prova, nem testemunho historico algum. Nenhum historiador, "livre da hypnose dos preconceitos ancestraes", poderia escrever hoje uma vida de Jesus, de quem não se conhecem nem o nome, nem a origem, nem as datas do nascimento e da morte, e cujo ensino não offerece originalidade alguma. Não ha nada fora dos milagres e da Paixão.

Mesmo sob o ponto de vista moral, que é o mais gabado geralmente, disse o celebre historiador inglês Thomas Buckle: "Não ha um homem mediananente instruido que não saiba que o systema de moral exposto em o Novo Testamento não contém uma unica maxima que não fosse anteriormente enunciada, e que

algumas das pasagens mais preconizadas dos escriptos dos apostolos são citações tiradas dos autores pagãos. Affirmar, portanto, que o christianismo revelou ao homem verdades moraes até então desconhecidas é fazer acto de crassa ignorancia ou de obstinada má fé. Remontando-se ás fontes, a gente se convence de que as nações barbaras possuiam o conhecimento das verdades moraes, independentemente do christianismo, e, pela maior parte, antes do seu apparecimento".

THESE MYTHOLOGICA

De maneira que são sempre mais numerosos os historiadores que se inclinam para a these mythologica, em todo sos paizes de alta cultura scientifica, como a França, a Allemanha e a Italia, sem falar na maioria dos historidores sovieticos.

Nenhum escriptor profano, contemporaneo do Christo, delle se occupou, nem tão pouco os escriptores judeus. O texto christão mais antigo que conhecemos — a primeira epistola aos thessalonicenses — não attribue a Jesus uma personalidade differente da de um Deus. Quanto aos Evangelhos, que verosimilmente não foram escriptos antes do anno de 132 da nossa éra nos revelam certamente a vida do Christo, mas á maneira de uma lenda. Estão cheios de contradições e de erros geographicos (Nazareth ainda não existia) e historicos (as relações que estabelece Lucas entre a vida de Jesus e a de Herodes são falsas); differe a genealogia de Jesus por Matheus da de Lucas, etc., etc.

Porém o que é mais interessante ainda é que a vida do Christo, segundo a contam os Evangelhos, foi fabricada a golpes de prophecias, tiradas do Velho Testamento, até nos episodios mais realistas: realizou-se a crucificação, porque a predisse o psalmo 22 e o mesmo succedeu com a repartição tirada á sorte das vestes do crucificado. No momento da prisão de Jesus, narrada por Marcos, XIV, 51-52, trata-se da fuga dos discipulos e de um mancebo que escapou nú, deixando o lençol nas mãos dos seus aggressores. Pois até este episodio insignificante está numa prophecia — Amos, 2, 16. Assim, tudo succedeu "para que se cumprissem as Escripturas", gostam de repetir os redactores do Evangeho segundo Matheus.

Dir-se-ia que um autor, não sabendo de Christo sinão que elle era o Messias, teria tirado sua biographia do Antigo Testamento, submettendo á tortura os textos mais simples, como opina Salomão Reinach. De sorte que tem razão santo Agostinho quando escreveu: "Si não houvesse a autoridade da Igreja, eu não acreditaria no Evangelho". — **Ego vero Evangelio non crederem, nisi me catholicae ecclesiae commoveret auctoritas.**

Logo, eliminando-se a morte e a Paixão, Jesus deixa de ser uma personalidade historica — dize mos que não crêem na sua existencia real. Que é, pois, Jesus ? Mau grado as divergencias entre os mythologos, para nós Jesus é o resultado da humanização de um segundo deus Judeu, cuja origem deve encontrar-se na declinação da sociedade primitiva, proveniente esse segundo deus dos cultos totemicos mais antigos, dos cultos de clans.

Existem vertigios primitivos muito claros no Jesus christão do totemismo ancestral — Jesus — peixe, Jesus — grão de trigo (recordemos a multiplicação dos pães e dos peixes), Jesus — cordeiro ,Jesus — ramo (de salgeiro ou de videira) etc., etc. são outros tantos écos de ritos totemicos (os mais antigos) ou agrarios-pastoraes (os mais recentes). De Jesus — peixe a Jesus — homem, o caminho foi longo e largo, e o culto mudou, muitas vezes, de forma e de contendo social. Conheceu eclypses quasi totaes na luta com Jehovah — o deus da sociedade hebraica em sstado mais avançado da evoução; porém sobreviveu mais ou menos secretamente nas lendas e nos dramas cultuaes. A Paixão, da qual nos offerecem exemplos edificantes outras religiões, é, de facto, a culminação desses dramas apropriados para seduzir a multidão dos opprimidos. (*)

(NOTA DO TRADUCTOR)

(*) **Totem** é o animal ou o objecto que os selvagens norte-americanos têm como sagrado, do qual se julgam descendentes e fazem um deus informe e grosseiro. Não será o mesmo **tabú** de muitas tribus primitivas como as da Australasia na Oceania ? E' provavel que, na evolução geral deste pensamento elementar, se observe a seguinte ordem: o homem venera o ani-

mal e acaba por uma theophagia, como fazem symbolicamente os chrisãos na eucharistia, esperando da manducação do deus prestigio e accrescimo de força e virtude sobrenaturaes. João Ribeiro — **Folk-lore**, cap. V.

A ethmologia adoptou o termo e os seus derivados — totemico e totemismo, como se vê no texto acima.

Mas porque essa "revivescencia", esse renascimento religioso no começo da nossa éra ? O mysterio de Jesus no povo judeu tem como analogos nos outros povos meditarraneos os mysterios da salvação, aos quaes tanto deve o christianismo. Esses mysterios derivam do mesmo passado prehistorico; intensificaram-se ao mesmo tempo que começava a declinar a sociedade antiga e experimentaram a mesma evolução e a mesma sorte, identica, mas distincta.

Prosperaram no final do mundo antigo, porque apparecera mais nitidamente o predominio da economia natural agraria, favorecendo o surto e o renascimento de antigos cultos agrarios, providos de novo contendo social. Os deuses soffredores, mortos e resuscitados — e Jesus tem esta caracteristica — deviam seduzir a massa dos opprimidos, que soffriam e sonhavam com um retorno ao passado e não viam nenhum remedio terrestre para os seus males. "Jesus — como escreve excellentemente Couchoud — não foi concebido num ventre de mulher, mas em cerebros de crentes". E venceu, porque as rebelliões de escravos, como a de Espartaco, e as dos povos opprimidos, como os judeus, foram todas juguladas, e tambem porque a luta de classes era esporadica, faltando-lhe programma e cohesão. Creou-se assim o mytho christão, producto de uma idealidade, que, sem ter tido autor, teve martyres, apostolos e panegyritas. Essa idealidade brotou do coração humano, opprimido por séculos de despotismo feroz.

IDEAL REACCIONARIO

Essa luta não cessará e conduzirá, com a invasão dos barbaros do Norte, a novas relações de explorações ao feudalismo. Porém o ideal dosescravos, como o dos camponezes arruinados, dos colonos, era reaccionario, voltado para o passado e não para

o futuro. "Dadas as condições historicas deste mundo, era impossivel a transformação social, que foi transferida para o além, para o céo na vida eterna, no millenario imminente". (F. Engels).

O christianismo é, pois, essencialmente, desde a sua origem, uma ideologia que préga a renúncia á luta terrestre, uma ideologia de gente fatigada, que, incapaz de fazer surgir um novo Espartaco, aceita como estrella palor um segundo deus, **humilhado, soffredor, morto e resuscitado,** e humanizado, porque os homens crêam os seus deuses justamente á sua imagem, ou, melhor, á imagem da sociedade, mesmo transviada por uma contradicção interna.

Não se pode compreender Jesus (eé o reproche que fazemos a todos os historiadores burguêses), si se olvidam, ao mesmo tempo, a derrota nacional dos judeus e a de Espartaco, si se não vincúla o nascimento do christianismo ás differentes ideologias da renúncia, aos differentes mysticismos, que engendrou a decadencia do mundo antigo, fundado sobre a escravidão.

OS PRIMEIROS CHRISTÃOS

Depois desta breve exposição, é-nos facil resolver o ultimo problema. Foram revolucionarios os primeiros christãos ? Não, absolutamente não. Revolucionarios, na sociedade antiga, foram Espartaco e mais tarde os bagodos da Galia e da Espanha, os circoncelliões da Africa, etc., etc., cujas revoltas, posto que locaes, inorganizadas, sem objectivos geraes, nem sequer precisos, ajudaram a derrocada final do mundo antigo, e foram factores da historia.

Toda religião é um ópio para o povo. Attingimos á velha fórmula marxista: Quando uma sociedade de classes projecta seus sonhos ideaes para um mundo imaginario, cae na indolencia humanitaria da não resistencia e do quietismo pessimista. Vê no Messias um vingador apocalyptico e renuncía á vingança por si mesma, a lutar contra Cesar e á classe dominante dos proprietarios de escravos; e assim, depois de submisso pela força, o escravo se torna submisso, pela persuasão e pela obediencia passiva.

Paulo, escreve aos çorinthios (I VI, 7): "Que cada qual

fique no estado em que se encontrava no momento em que Deus o chamou". Mantém-se o opprimido na obediencia com as promessas celestes, que o consolam da sua miseria material e moral. O christianismo foi, mau grado os seus ares demagogicos de começo, decisivo ponto de apoio das classes oppressoras.

Não nos devemos deixar levar por seus "arestos demagogicos", nem tão pouco devemos tomar por pratica corrente alguns textos e affirmações que nada provam. Por exemplo, admittindo que os **Actos dos Apostolos** tenham algum valor historico, o que é falso, a gente se enganaria si crêsse encontrar nelles a condemnação da pripriedade particular e uma apologia do communismo de consumo; em verdade, quando se collocam os textos em seu meio historico, se compreende que se trata — debaixo de uma forma religiosa — de uma apologia do parazitismo, esse flagello do mundo romano. A apparencia igualitaria das primeiras communidades christãs provem da extrema pobreza dos seus membros, que a crença no fim proximo do mundo afastava de toda preoccupação terrena. Nem as ordens mendicantes da edade média foram tão pouco jámais "instituições socialistas".

Entretanto é innegavel que o espirito do christianismo, por uma contradicção das que estão repletas as Escripturas, conduziu, em parte, a crise do mundo para um typo de sociedade progressiva, e que, sendo o christianismo. primitivo antes de tudo, um protesto dos humildes e opprimidos, pode-se achar, nos escriptos christãos daquella epoca, alguns elementos ideologicos de caracter progressivo, que serviram, mais tarde, de bandeira a certas heresias e á Reforma protestante, a religião do capitalismo nos seus passos iniciaes.

E' tambem innegavel que os primeiros christãos combateram a religião official nos seus templos, idolos e ritos, base da grandeza e poderio de Roma, incompatibilizando-se com o Estado, e foram por isso perseguidos pelos imperadores; mas desde que a nova religião fez aliança com o Estado por obra de Constantino, passou logo de perseguida a perseguidora, caracter que se aggravou cada vez mais durante mais de mil annos, especialmente durante toda a idade média e a renascença, e apenas contido pelo espirito liberal dos tempos modernos.

Ella, a Deusa das Alegrias,
A Rainha da Graça e das Magias,
— Venus do novo Olympo, aonde Zeus
Já não póde luctar com os Prometheus,
Ella sorria, calma e serena.
E, si falava, a sua voz suave
Era mais macia que a penna
Das azas de uma ave.
Sob os seus pés, cahida,
Uma aguia negra, arquejante e ferida,
De enorme bico aberto
E olhar esbraseado e incerto,
Recordava o Arhamita vencido
Pelo Anjo Bom dos Céos descido !
A cada passo,
A ave medonha estremecia,
E como quem procura desligar um laço,
As azas negras batia
E, feroz, teneava tocar com o bico os joelhos
Da Deusa. Em vão, coitada,
Nesses gestos furiosos,
Mal podia chegar-lhe aos artelhos
Enrodilhados numa enfiada
De carbunculos preciosos.
Em redór, a multidão
A gritar, a viver,
Rubra, frenetica, feliz, emfim !
Decerto, Napoleão
Jamais poude colher
Uma victoria assim !
Damas formosas,
De cabelleira astral aos ventos solta,
Arrancavam do seio cheirosas
Flores e rutilos collares,
Para atirar sobre a turba revolta,
Como o devoto o faz ante os altares.
Velhos e creanças,

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
T[illegible]

— Sonhos mortos e esperanças —
A cantar a Marselheza,
E as estrophes magicas e encantadas
Tinham mais fogo e mais belleza.
Delfins silvando para o ar
Fios rebeldes, rispidos, reluzentes,
Rapidos, retezados,
Pareciam querer apunhalar
Os Céos omnipotentes,
Os reinos constellados,
Por onde a Lua, desolada,
Anda a chorar o seu amor, perdida
Entre as nuvens, desprezada
E esquecida.
Pelos mares, pelas terras,
Nos arroios e nas serras,
Entre os ninhos e os moitaes,
Rompiam cantos e gritos,
Sons de clarins exquisitos,
Melodias de pardaes !
Todo o Universo vibrava
Sob aquella maravilha,
E a Imaginação voava
Rasgando a luminosa trilha
Do Invisivel e da Verdade.
A Gloria passava em pompa
Ante toda a Humanidade,
Soprava a Fama na trompa
O Hymno da Liberdade !
E a Deusa de tantos dons investida,
Cheia de Perdão e de Bondade,
Envolta nos respendores
Da Soberana Luz,
Olhava a aguia vencida,
Sem odios e sem rancores,
Serena como Jesus !"

. . . . . .

Foi assim que eu sonhei naquella noite,
Em que dormi serenamente,
Emquanto a chuva com feroz açoite
Cortava o espaço impenitentemente !
Foi assim que te vi, ó grande França,
No sonho dos meus sonhos o melhor !
Foi entre pompas, luzes e bonanças
Que eu te vi formosa vencedora !
Foi piedosa, sorrindo aos desgraçados,
Perdoando, esquecendo o desatino
Dos pobres tresloucados,
Fieis ao fatal destino
Cruel e irrevogavel,
Que eu ti vi formosa vencedora !
Nobre França, innegualavel !
Rainha ! Deusa ! Redemptora !

TH: VAZ

Manáos, — 1916.

ALCIDES FREITAS

Conferencia realizada na cidade de Campo-Maior, no 32.º dia do fallecimento de Alcides Freitas, occorrido, naquella cidade, a 6 de maio de 1913. Zito Baptista, autor desta conferencia, falleceu na capital federal, a 21 de outubro de 1926.

Para a alma mil vezes generosa da terra campo-maiorense, em cujo seio dorme o ultimo somno esse que ora apparece dentro da simplicidade destas paginas ditadas pelo mais alto sentimento de justiça.

ZITO BAPTISTA

Certo, minhas senhoras e meus senhores, ainda perdura, no coração em flor desta linda cidade, a impressão dolorosissima produzida pelo desapparecimento material de Alcides Freitas, cuja individualidade constituirá o suggestivo thema da palestra que ora pretendo realizar.

E nem de outra forma podia ser. Paira, ainda, a sombra uma grande saudade por sobre a pompa da natureza exuberante ica deste pedaço amado do Piauhy. E' a saudade pungente do que se foi, que se deixou levar, no alvorecer dos seus dias so- de victorias, para a tenebrosa noite do Nada, para a imper- quietude do Não-Sêr !

ie posso dar disso o meu testemunho insuspeito. Encon-

trei ainda, aqui, mesmo depois de decorridos os trinta e dois dias que já se succederam ao lutuoso acontecimento, qualquer coisa denunciadora do fundo abalo causado pela brutalidade desse Destino caprichoso que, indifferente ao rumor surdo de tantas preces e de tantos soluços, arrebatou ao nosso affecto e ao nosso carinho o vulto inconfundivel do joven e valoroso piauhyense. E isso porque, com a delicadeza de sentimentos que lhe é propria, o povo de Campomaior, representado pelo que ha, aqui, de mais nobre e selecto no caracter e na intelligencia, sentiu, vivamente, a morte prematura do poeta adoravel dos **Alexandrinos,** alma genuina e illuminada de sonhador, que tanto se fazia valer pelos arroubos de sua imaginação poderosissima, pela graça divina dos seus versos, pela harmonia suprema e estonteante das suas estrophes de oiro.

Meus senhores. Já houve quem me contasse como foi levado ao Campo-Santo, nessa data tragica de 6 de maio, o corpo muito fragil de Alcides Freitas. A' noite (uma noite tristissima, uma noite lugubre e sem luar), á noite mesmo, porque não era possivel retardar mais o enterramento do seu pobre cadaver, formou-se o cortejo rôxo; e a população de Campo-maior, quasi toda, compungida e torturada, sobraçando rosas e saudades, tomou parte nessa ultima demonstração de sympathia e estima pelas virtudes excelsas do morto querido. Era a sua ultima homenagem á memoria do vigoroso esthéta. Era a apotheose soberba de um povo inteiro em torno de um corpo inerte a que em vida animára o mais ardente espirito. Naquelle momento, Campo-maior era bem o Piauhy inteiro, a alma toda, o coração alanceado da patria, chorando a perda sensivel, enorme, incalculavel mesmo, que vinha de soffrer . . .

Não tentarei recompôr a scena tocante, cujo desenlace teve logar no cemiterio, ao som cavo das ultimas pás de terra dos coveiros indifferentes. Não quero reproduzir o quadro fortemente, profundamente impressionante a que alludo. Mas, evocarei o seu principal protagonista — Alcides Freitas, o poeta, mesmo nos seus ultimos instantes de agonia, e depois de morto,

. . . . . "**mãos em cruz, os pés juntos**", cre-

nessa attitude de esphinge a que elle proprio se refere nesta soracões

(Bibliot
T E

admiravel e impressionante, que eu releio, sempre, com a mais profunda emoção:

"Escuto: dobra um sino ! E é tão sentida a trova
Da canção que lhe sahe da rigida larynge,
Que, na estranha emoção que se me apossa e attinge,
Penso na Extrema-Uncção, na Cruz, na Vida Nova . . .

Vejo cirios a arder, e ouço até que se escova
A roupa para o enterro; e ouço o pranto que finge,
E cego, e surdo, e mudo, em attitude de esphinge
O coveiro a cavar sete palmos de cova . . .

"A minha alma de Bom, em desespero eterno,
Eu vejo, em chaga os pés e o rosto ensanguentado,
Torturada, a soffrer as torturas do Inferno . . .

"Sino ! lembras a morte em teus bronzeos gemidos !
E derramas, dobrando, o balsamo gelado
Que ha-de curar o mal que me fere os Sentidos ! . . ."

Vêde-o nos seus ultimos instantes, apenas com uns restos de vida na pupilla semi-apagada . . . Aquelles expressivos "olhos amarellos", que elle deixára perpetuados dentro da musica funeraria de quatorze versos soberbos, — os seus olhos de doente, — já nada mais revelam da sua clara intelligencia, da sua grande alma endolorada de tangedor de lyra . . . Pobre Alcides ! A Morte vai aos poucos cumprindo a sua eterna missão. O poeta já se vai, dolorosamente, desprendendo da vida, como que allucinado e cégo e surdo e mudo, no supremo estertor da infinita agonia que o aniquilára para todo o sempre . . .

Ha na these de doutoramento de Alcides Freitas, these que é, verdadeiramente, "um lindo poema em prosa", um trecho que bem define, ou melhor, que muito fielmente reproduz o quadro sombrio desse instante supremo, de allucinação e pavor, que precede, sempre, a entrada á porta mysteriosa que dá para o reino ...gusto do Nunca-Mais . . . E' o terceiro capitulo **da lagrima,** na ...dade. Ouçamol-o:

"E as ultimas lagrimas? Serão de dôr, de alegria ou de saudade ?

Talvez de saudade.

Quem morre deixa sobre a terra pae, mãe, noiva, irmãos ou amigos.

Agonia desgraçada deve ser a do que, **in-extremis**, sente fugir a ultima sombra de vida, e não deixa no mundo uma saudade . . .

No leito de morte, numa agonia lenta e dolorosa, embaciado o brilho penetrante e physiologico dos olhos, semi-cerrada a bocca, respiração difficil e torturante, o moribundo volta em torno de si as pupillas crepusculares . . .

Vê pae, mãe, noiva, irmãos ou amigos . . . Vai deixal-os por todo o sempre . . . Fecha sobre os olhos as palpebras meio-mortas e recorda, como num sonho veloz e inconsciente, todo o seu passado . . .

Depois afrouxa os braços, abandona as pernas, dobra a cabeça para traz, solta um gemido afogado, triste e cortante, e duas lagrimas, condensando toda a dôr de uma existencia, toda a saudade de uma vida que se apaga, rolam pesadas — opacas e frias . . .

Ultimas lagrimas ! Extrema-Uncção ! . . . "

Dolorosa pagina, sentida e emocionante, essa.

Pois, senhores, toda a producção literaria de Alcides Freitas, ou pelo menos a maior parte do que elle nos deixou, em prosa e verso, está impregnada desse mesmo rithmo dolente de funeral, desse mesmo tom agoureiro de coisas tristes . . .

Alcides era bem um pessimista na expressão legitima em que se emprega o vocabulo: um pessimista á maneira de Leopardi, de Beaudelaire, de Antonio Nobre, de Pereira da Silva. O seu corpo enfraquecido, minado por uma doença que resistiu a todos os esforços da sciencia alliados aos cuidados de uma familia extremosissima, lhe não permittia, mesmo, afastar para longe o pesado véo que lhe envolvia o incomprehendido e ardente coração de poeta.

Abdias Neves, num excellente artigo de critica que escreveu sobre Alcides Freitas, pergunta, depois de varias considerações

sobre o pessimismo absorvente da época: "E' falso o estado negativo do poeta que abre os **Alexandrinos** ? Devemos consideral-o sincero quando exclama:

Ah ! quem me dera a mim esta ventura ingente !
Ser surdo ! Ser feliz ! Ouvir, unicamente,
A singultosa voz da minha alma de surdo" ! . . . ?

E em outra pagina:

"Santa morte, eu sou teu ! Eu quero nos teus paços,
A' luz do teu olhar e ao canto do teu beijo,
Socegado dormir na rêde dos teus braços" ! ?

E responde:

"Não creio. Muitas vezes, repetindo-lhe os versos, cuja musica me encanta, sigo-o com os olhos, em salões de festas, observando-lhe a despreoccupação, vendo-lhe a serena irradiação da mocidade triumphante. Dansa, ri, conversa, muito outro do que os seus sonetos nos pintam. E, nessas occasiões, me convenço que a tristeza de seus versos é recurso de esthesia, não reflexo de idéas e sentimentos."

Mas, senhores, eu discordo de Abdias Neves neste particular. Enganou-se o erudito autor da **Psychologia do Christianismo.** Alcides era de uma sincera tristeza. Estava longe de tentar esse chamado **recurso de esthesia** a que se refere o mestre cujo nome aureolado acabo de declinar. Felizmente, porem, a sua tristeza não attingiu jámais a estructura mascula do seu verso. As suas estrophes são de uma impeccavel feitura artistica, de uma serena majestade de esthetica e de estylo.

A tristeza era bem o estado d'alma natural ao nosso inditoso poeta.

Sei de mais de um caso confirmador da affirmativa que ahi fica Entre elles, cito aquelle que mais me impressionou pelas suas circunstancias especiaes.

— Uma noite (23 de novembro do anno passado), ás 11 1/2, de volta do theatro, entendemos nós, eu e um grupo selecto de intellectuaes amigos, entendemos nós que deviamos solennizar, de qualquer fórma, o anniversario de Celso Pinheiro, a 24, ou melhor, dali a meia hora. Ficou logo combinado a realização de uma ceia lauta e animada no restaurante proximo. No

jardim, onde nos encontravamos, então, ficámos a esperar a primeira pancada do bronze annunciando a hora solenne, todos palestrando, rindo, numa deliciosa alegria de gente moça . . .

O grupo era escolhido: Antonio Chaves, Heli Castello Branco, Lucidio e Alcides Freitas, Oscar Couto, Alvaro Freire, Celso — o festejado, o autor humilde desta palestra e outros, de cujos nomes me não recordo agora.

Pois bem, — a ceia realizou-se, de facto, uma ceia esplendida, alegre e, sobretudo, uma legitima festa intellectual . . . Falou-se de versos, de musica, de coisas de arte, de amor . . . e de politica, tudo no meio do mais vivo enthusiasmo . . . Celso, o symbolista vibrante que eu tanto quero, teve que ouvir e agradecer para mais de dez brindes, calorosos, sinceros, eloquentes. Alvaro Freire, que é um bello temperamento de artista, arranjou um lindo ramalhete de flores naturaes, que offereceu, então, ao creador bizarro do **Poema dos Olhos,** por entre uma salva estridula de palmas prolongadas. Jonathas e Mario Baptista, que de nada sabiam, e sem que se soubesse como, fizeram apparecer por sobre a mesa um cartão, em que se desculpavam, justificando o seu não comparecimento á encantadora reunião.

O brinde de honra foi levantado ao Idéal, **ao Idéal que não morreu, que não morrerá nunca !** na phrase calorosa do orador . . . Uma festa de gente moça, afinal, uma festa alegre . . . E Alcides parecia confundir-se com os companheiros naquella mesma sincera e ruidosa expansão de jubilo. Mas, não tardou que se trahisse . . . Alguem lembrou que deviamos deixar, alli, qualquer coisa escripta, uns versos que assignalassem aquella noite adoravel, ou, por outra, o acontecimento que estavamos commemorando. Não podia haver duvida sobre aquillo. Nós eramos um grupo de poetas . . . Eu mesmo devia ser, então, um poeta, muito convencido do seu valor, naturalmente suggestionado por aquella convivencia deliciosa . . . E escrevemos um sonêto, alli mesmo, na mesa, uns alexandrinos em que collaborámos — eu, Antonio Chaves, Alcides e Lucidio Freitas.

Pois bem, senhores, no meio de toda aquella intensa alegria, no auge daquella festa excellente de vida e mocidade, Alcides revelava-se o mesmo homem profundamente triste e abatido

e nervoso, com idéas de morte, sempre com o phantasma tragico da Dor a lhe embaraçar o caminho aspero da vida . . . Vou recitar o soneto a que alludo. Nelle a idéa principal, assim como os versos que, sem previa combinação, constituem o que se póde chamar o seu verdadeiro **sentido**, pertencem ao poeta agoureiro que abre o volume victorioso dos **Alexandrinos:**

"Mais um anno cruel de tedio e de desgraça
Risca o lapis do tempo, e o papel é a tortura !
E eu sigo, e eu vou assim, rumo da sepultura,
— Desvairada visão que pela noite esvoaça . . .

"Qual Gerard de Nerval num lampeão de praça,
Hei-de a vida enforcar á corda da amargura !
E adeus sonhos de amor ! dias bons de ventura !
Que se foram pelo ar em ondas de fumaça . . .

"Morte, sombra do amor que os meus sonhos deslumbra !
Abre os braços a mim, velha caveira triste !
Que eu não fique por mais no horror desta penumbra . . .

"Ai ! no grande pezar da minha alma de monge,
A dor, sómente a dor, impassivel, persiste . . .
A dor de uma saudade . . . a Morte que vem longe ! . . . "

Depois, aqui está, na sua absoluta sinceridade, o trecho seguinte, de uma carta sua, datada da Bahia (3 de agosto de 1911) e dirigida a um dos seus mais distinctos confrades de Teresina: "Conheço-te ! E's um triste como — eu. A nossa tristeza não é de momento, nem de conveniencia. E' a tristeza natural; a tristeza intima; a tristeza do temperamento . . . Creio que não somos tristes como o Werther, de Goethe, nem como o Penseroso, de Azevedo, porque amam sómente . . . Eu, por mim, sou triste, porque sou triste ! A vida **é isto.** E a morte ? que será ?"

Meus senhores. Eu tive a honra insigne de ser um quasi intimo de Alcides Freitas. Conheci-o muito de perto. Pude, assim, fazer o julgamento sincero de sua individualidade, do seu **eu.** Alcides era um bom, um justo, um affectivo.

Sem vaidades, desprendido de qualquer preoccupação irrisoria de grandeza, encontrando um ridiculo sem termo no pedantismo em moda da gente sem valor, que procura crescer e subir pelo ar de sufficiencia que affecta em toda a parte, o malogrado intellectual patricio era de uma encantadora simplicidade. Tinha para todos o mesmo gesto de cavalheirismo, a mesma captivante delicadeza. Alma excellente de poeta, a sua. Incapaz de um acto que não reflectisse a rigidez do seu caracter e a belleza do seu espirito, o meu inditoso amigo pôde conquistar, por isso mesmo, um vasto circulo de affeições. Teresina toda tinha por elle uma justa e fervorosa admiração. Tambem na Bahia, onde Alcides fizera com brilhantismo o seu curso medico, as suas relações de amizade eram amplas e tiradas dentre os melhores elementos da sociedade de S. Salvador. No meio intellectual bahiano, o joven poeta piauhyense conseguiu uma posição de real destaque, tendo figurado, sempre, ao lado dos literatos ali mais em evidencia no momento.

Alcides esteve ainda no Rio, por duas vezes, a ultima numa ligeira viagem, já doente da molestia que o matou. Mas, mesmo assim, a sua passagem pela capital da Republica foi assignalada por novos triumphos. Os jornaes registraram, com elogios, a sua estadia no Rio. Dentre elles, **A Imprensa**, dirigida então por Alcindo Guanabara, que eu reputo o maior jornalista deste paiz, depois de Ruy Barbosa, salientou-se pelo ardor e enthusiasmo com que apresentou ao publico carioca, numa local bastante desenvolvida, a figura sympathica do festejado poeta do norte. A muita gente poderá parecer isso uma coisa sem significação, conhecida a facilidade com que, no sul, andam a nos impingir, todos os dias, pela imprensa, nomes que nada valem. Mas, é preciso lembrar que Alcides Freitas ia do norte, deste norte eternamente esquecido e desprezado, sem o oiro que tambem tem o poder de arrancar applausos a quem os não merece, e sem outra recommendação que não fosse o seu invejavel talento e o prestigio real do seu espirito privilegiado. Os seus versos publicados então na grande capital mereceram altos louvores. Mario Pederneiras, um grande mestre da Arte, disse delle, um dia, que **era assombroso no verso;** e ainda ha pouco José Verissimo, que é um dos nossos criticos mais sisudos, teve para os **Alexandrinos** os mais sinceros applausos.

O curso medico de Alcides, na Bahia, foi dos mais brilhantes. Ahi está, como documentação desta verdade incontestavel, a sua these — **Da lagrima,** lindo estudo de physio-psychologia.

Tem ella merecido os mais justos louvores por parte dos entendidos no assumpto. E eu, em tal caso, apenas posso concordar com a opinião dos competentes. Falta-me autoridade para estudar Alcides Freitas como medico. Dou-me por feliz, podendo julgal-o como homem e admiral-o, sinceramente, como poeta, que é o que elle foi por excellencia. Aliás, para fazer o julgamento, o elogio de Alcides Freitas, eu não preciso mais do que me dar ao delicioso trabalho de recitar-lhe os versos magnificos. Basta abrir os **Alexandrinos.** Basta folhear a collecção do **Diario do Piauhy,** em cujas paginas hão de ficar gravados, para sempre, os traços luminosissimos de sua preciosa collaboração. Além disso, elle deixou-nos ainda um novo livro, ainda inedito — **Nocturnos** — um punhado de producções perfeitas, escolhidas, mesmo, dentre as melhores e mais lindas arrancadas á sua lyra maravilhosa.

Vejamos, para exemplo, alguns dos excellentes versos de Alcides.

Seja a poesia — **Sê feliz,** — uma das mais inspiradas da sua collecção:

"Se queres ser feliz, afasta-te, Querida,
Da minha alma ! E, a sorrir, nem mais procura vêl-a !
Uma estrella — que é luz, deve unir-se, na vida,
Não á treva — o que sou, mas á luz — a outra estrella !

"Tão formosa e tão moça, affeita á brisa mansa
Das manhãs de sorriso e tardes de ventura,
Nem calculas a dor do esmar sem esperança,
Do tactear, como um cego, a noute da amargura . . .

"A alma, que conheceste, alegre e calma, outr'ora,
Como um trecho de sol embebido de canto,
Recorda, como vive, erma e calada, agora,
Um pedaço de abysmo encharcado de pranto . . .

"A ti tudo sorri ! Nem pensas no futuro !
E o pensar no futuro envenena o presente !
Se és tão nova e tão bella, e o teu ser é tão puro,
Ha-de te ser a vida um sonho alvinitente !

"A minha alma, Querida, é um sitio abandonado
Onde, em antigo tempo, houve trabalho e festa;
Um sitio claro e verde, harmonico e dourado,
Como um sonho de Flora e uma canção de Vesta . . .

"Hoje (nem podes vêr !): velho sitio saudoso,
Sem um braço a luctar, sem a pompa de um mastro !
Nem um ninho a cantar, nem um sopro cheiroso !
Tudo secco, a gemer . . . Nem som, nem flôr, nem astro ! . . .

"Ah ! Maria do Céo ! pudessem, como um fluido,
Os teus olhos em mim penetrar como o dia !
Verias tanto amor e tanta dor que, cuido,
Banharias chorando a minha alma sombria . . .

"Só o que vive a soffrer — sabe o que é o castigo !
Só o que vive de amor — sabe o que o amor nos diz !
Tu me amas talvez . . . Mas — attende ao que digo ! —
Afasta-te de mim, se queres ser feliz ! . . . "

Ou esta outra — **Supplice,** — escripta logo em seguida, e cuja belleza embriagadora chega a nos transmittir a nós outros o fundo sentimento real que a inspirou:

"Não te afastes de mim ! Aquillo que, outro dia,
Eu te disse, a chorar, foi acto de impacicencia !
Não me culpes, por Deus ! Culpa á minha agonia !
Não supponhas peccado a minha inconsciencia . . .

"Que farei neste mundo, entregue ao desconforto,
Sem teus olhos de santa a aquecer-me a desgraça ?
Sem sonho e sem futuro, astro apagado e morto,
Se me faltas tambem . . . Nem sei mesmo o que faça ! . . .

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA

"Approxima-te, sol ! Espanca esta negrura !
Faz rebentar em luz as pontas dos espinhos !
Abre a flôr dessa bocca encantadora e pura,
Que hão-de, rindo, cantar as aves nos caminhos !

"Enche de aroma e canto a minha alma em ruina,
Triste como um adeus, plangente como um chôro !
Se o teu riso me falla e o teu olhar me illumina
Me banho, a delirar, em claras chuvas de ouro . . .

"Doce eleita do Azul, como Nossa Senhora
Tão cheia de bondade e cheia de pureza,
Faz desse eterno poente uma perpetua aurora,
Muda em rosas de festa os goivos da tristeza . . .

"Ah ! Maria do Céo ! tu, tão linda e tão bôa
Como um beijo de mãi ungido de piedade,
Tem pena do Jesus que anda gemendo á tôa
— Alma presa do amor á sinistra orfandade . . .

"Eu bem sei que commigo ha-de te ser a vida
Um martyrio e um dever, um mal sem recompensa !
Como hoje, no porvir vejo a magua . . . Querida,
O amor não tem razão e o coração não pensa ! . . .

"Ah ! pudesse o meu amor fazer-te venturosa,
Ninguem mais do que tú, de certo, era feliz !
Desgraçado que sou ! . . . Mas — por Deus ! sê piedosa ! —
Anda a ser infeliz ao lado do infeliz ! "

Afinal, como elle proprio dissera de Alvares de Azevedo, numa conferencia magnifica sobre o immortal creador das paginas phantasticas da **A Noite na taverna,** — afinal, na poesia de Alcides Freitas, póde-se dizer que ha tambem de tudo: "um punhado de sonhos virgens, uma mancheia de phantasias palidas; silencios dourados que convidam, negruras amarguradas que fallam; pudores enrubecidos que apaixonam, desvairamentos lascivos que sacodem;

harmonias claras de piano, gemidos embaladores de violão; rithmar desencontrado de corações, apertos furtivos de mãos hystericas; segredos eloquentes de olhares demorados, arregaçar ligeiro de sorrisos tremulos; aromas leves de cabellos pretos, frúfrús de rendas sobre carnes roseas; brancura religiosa de açucenas brancas, rôxo dolorido de perpetuas rôxas; volupia de sentimentos,enlevo de emoções; esperanças vivas e palpitantes de aurora, evocações saudosas de poentes purpureos; queixumes cavos de sinos velhos, melancholia extasiante do Angelus; exilamentos vagos de Rodenbach, delirios geniaes de Wagner; tremulamentos amarellos de cirios, ardencias apaixonadas de pupillas negras; roçagar preguiçoso de cortinas niveas, ondulamentos tristes de crepes mortuarios; alegria e pezar; saudade e amor; vida e morte . . .

"**Foi poeta — sonhou —e amou na vida. —** "

Meus senhores. Por duas vezes eu tive a felicidade de ouvir a Alcides Freitas na tribuna das conferencias. Era o mesmo vigoroso espirito que resplandecia dentro da luminosidade das suas estrophes. Encantava. Prendia todo o auditorio com o poder suggestivo de uma palavra facil, sonora e sem nada de affectação. O seu todo risonho, com aquella pallidez de cêra do seu rosto de doente, irradiava uma infinita sympathia. Era um verdadeiro prazer ouvil-o. As suas conferencias — **Alvares de Azevedo** e a **Tesoura,** a primeira realizada a 14 de julho de 1912 e a ultima a 8 de dezembro do mesmo anno, são trabalhos de alto merecimento, feitos com arte e observação, trabalhos originaes e interessantissimos, com uns leves commentarios ironicos, cheios de um humorismo bom e sadio, transbordantes dessa graça, dessa maneira deliciosa de dizer, que é o segredo dos escriptores de valor.

E' que Alcides era tambem, e com vantagem, um prosador fino e scintillante. Além das conferencias a que já me referi, deixa-nos elle uma collecção bem regular de chronicas de arte, algumas firmadas com o pseudonymo de A. Moreno, e todas tecidas com as cores suaves de uma adjectivação attrahente e variada, dentro de uns periodos caprichosamente medidos e trabalhados no seu rithmo impressionante e original.

Mas, eu não me canço de repetir: o que havia em Alcides Freitas, por excellencia, era um poeta completo, moderno, compre-

hendendo bem os mysterios de sua arte e trabalhando, sempre e sempre, por alcançar esse eterno impossivel que é a Perfeição Suprema . . .

Ouçamol-o nesta gemedora **Canção do 13:**

"Eu sou o 13 — Superstição,
Agouro, Crime, Fatalidade . . .
Todo o segredo da Eternidade
Guardo commigo no coração . . .
Eu sou o 13 — Fatalidade . . .

"13 ! Perpetuas rôxas, fataes,
Do diadema frio da Morte . . .
Predigo a Vida, predigo a Sorte,
Sei dos mysterios do Nunca-Mais . . .
Caveira branca — pareço a Morte . . .

"13 ! Nos braços largos da Cruz,
Devem ter sido tantas as chagas
Que os inimigos, cuspindo pragas,
Lançaram rindo, sobre Jesus . . .
Ai ! pobre Christo ! Vermelhas chagas . . .

"13 ! Sinistros, cheios de horror,
Andam rezando por sobre as Covas,
Dos plenilunios ás luas — novas,
Os negros Môchos, irmãos da Dôr . . .
O Fogo-fatuo que sahe das Covas . . .

"13 ! Relembro, maldito, Job,
Dos pés á fronte, todo em feridas . . .
Traduzo as maguas desconhecidas . . .
Do desgraçado daquelle "Só" . . .
Othelo, Werther . . . almas feridas . . .

"13 ! Finados . . . A soluçar,
Sinos dobrando pelo Sol-posto . . .
Quanta tristeza, quanto desgosto,
Quanta saudade nesse dobrar
De velhos sinos pelo Sol-posto . . .

"Eu sou o 13 ! No padecer
Lembro os Poetas — irmãos do 13 . . .
Não ha desgraça que me despreze !
Eu nasci 13 ! 13 hei de ser !
E eternamente serei o 13 ! . . . "

Os versos que acabo de repetir têm a data de 1 de janeiro deste anno fatidico de 13 em que morreu o nosso poeta . . . Superstição ou qualquer outra coisa, eu tenho tambem o meu horror ao numero 13 . . .

Vejamos ainda esta dolorosisima elegia, que mais parece um grande soluço, um interminavel gemido:

"O meu vizinho, um magro e triste carpinteiro,
E' tisico ! Recorda um heliantho exangue . . .
Em cada hemoptyse,
Ai ! pobre Carpinteiro !
Parece derramar toda a existencia em sangue . . .

"Ouço-o tossir agora !
E bate o carpinteiro:
Tam, tem . . . Que cheiro bom de sentinella e sangue . . .
E prega o meu caixão . . .
Bemdito Carpinteiro !
Gritos bronzeos de rãs na miseria de um mangue . . .

" — Meu vizinho (a fallar
Pelo bom Carpinteiro
Diz o martello a rir), que gôzo estranho e langue
O de vomitar sangue ! —
E bate o carpinteiro . . .

" — Eu farei teu caixão ! — E num tom secco e exangue:
— E ha de morrer depois,
O feliz Carpinteiro !
A vida vomitando em poentes de sangue ! . . . — "

E ainda este sonêto, tragicamente bello:

"Não sei que estranha dor meu peito dilacera,
Que exquisito negror meu espirito ensombra !
Tenho sorrisos de anjo e arreganhos de fera !
Sinto chammas de inferno e frescuras de alfombras !

"Sou malvado e sou bom ! Minh'alma ora é sincera,
Ora de ser traidora ella propria se assombra !
Que clamores de inverno e paz de primavera . . .
Escarneço da morte e temo a minha sombra ! . . .

"Nervo a nervo, a vibrar, mysteriosa e vaga,
Anda-me o corpo todo a nevrose de um tedio,
Que dos pés á cabeça atrozmente me alaga . . .

"Onde um recurso ao mal que me banha e transborda ?
Minha dôr é sem fim ! Eu só tenho um remedio:
O suicidio — uma bala . . . um punhal . . . uma corda ! . . . "

E ainda este — **Ultima vez,** a sua ultima e sentida producção, o ultimo **canto do cysne,** docemente piedoso, intensamente sentido:

"Adeus ! A alma que segue sem carinho,
Sem teu amor angelico e sadio,
Vai casando o seu pranto, no caminho,
A's lagrimas fataes do inverno frio !

"A minha magua — um doloroso espinho
Que em mil outros em mim se repartio, —
Ha-de calar a musica do ninho
E o proprio sol encher de calafrio . . .

"Nem sei como seguir batendo a estrada,
Tão pesado que vou dessa tristeza,
Sem sorriso, sem luz, sem madrugada . . .

"Róga por mim á Virgem da Piedade !
Que, se cresce a Saudade que nos pesa,
Nosso amor vai crescendo com a Saudade ! . . . "

. . . E a doce Senhora da Piedade não ouviu, de certo, a supplica fervorosa da inspiradora do Poeta ! Não ouviu. Deixou-o morrer, tão longe, levando para a noite do tumulo a sua Saudade, os seus Sonhos, o seu Amôr ! Elle que tanto podia esperar dos seus 23 annos incompletos, que era moço e devia ter, portanto, maior direito de viver e de gosar a vida, dorme, hoje, o ultimo somno no seio maternal desta terra carinhosa e amiga.

E' que, como disse o meu eminente mestre dr. Clodoaldo Freitas, falando de João Alfredo, seu parente, morto tambem na flor dos annos, e igualmente outro grande piauhyense, que tanto valia pelo seu talento e pela sua illustração — "aquelle vigoroso espirito tinha um envolucro material enfermiço. Elle, que fôra um forte nos torneios da intelligencia, não recebeu da natureza armas de tempera rija, capazes de resistir a todos os choques no combate interminavel e quotidiano que sustentamos pela existencia."

Meus senhores. Ainda ha poucos dias dizia-me Lucidio Freitas, irmão de Alcides e tambem poeta, que a ultima carta deste, a elle dirigida, no Rio, terminava com a sua eterna obcessão de morte. "Eu, logo, morrerei, dizia. E accrescentava por outras palavras: "Salva do esquecimento o meu pobre nome; levanta-o do olvido em que elle por acaso possa vir a desapparecer ! . . . "

Mas, infundado receio, o seu ! Para honra nossa, para honra da nossa condição de povo civilizado, o nome de Alcides Freitas não desapparecerá, nunca, das paginas da nossa historia. Elle ha de figurar, e sempre, luminosissimo de gloria, dentro da nossa admiração fervorosa e justa !

Assim, possa eu contribuir, tambem, com o meu modesto

esforço, para que jámais se venham a apagar, do seio da terra piauhyense, os vestigios da passagem triumphante de Alcides Freitas no scenario das nossas letras.

Não teve outra intenção a minha palestra de hoje. E creio ter conseguido alguma coisa. Não, pela minha palavra e pelos meus conceitos, que nada valem, mas pelo brilho que emprestou a esta reunião a digna sociedade campo-maiorense, especialmente as gentis senhoras e senhoritas que aqui se encontram e cujas mãos eu, em signal de agradecimento, beijo respeitosamente.

Bibliographia

Recebemos, depois da circulação do ultimo numero desta revista, os seguintes trabalhos que, penhorados, registramos:

Impressões, de Amelia de Freitas Bevilaqua.

Luar de Himverno, do dr. Epiphanio da Fonseca Doria.

La Sangre del Justo, de Ernesto Pinto e **Viajando por Europa,** narraciones, de Nené Diaz de Bértola Ravera, donacion de la Bibliotheca Nacional de Montevidéo.

No Caminho da Espiritualidade, de Alexandre Dias.

Relampagos, de Arnaldo Nunes.

Mi Deslumbramento en el Amazonas, de Gaston Figueira.

A Successão de Coêlho Netto na Academia Brasileira de Letras, de Veiga Miranda.

Homem Novo e Terra Morena, de Gustavo Dale.

Martha, romance de Fernando do O'; **Pampa,** episodios regionalistas, de João Maia; **A Missão da Belesa,** de Marieta Mena Barreto; **Aguas e Liquens,** de Ribeiro Tacques; **Diluculos,** de José Pinós e **Memorias de José Garibaldi,** de Alexandre Dumas, offerta da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Codigo Eleitoral, Systemas Eleitoraes, Limitação da Usura nos Emprestimos Populares, Palimpsestos, poesias, **Reforma Orto-**

grafica, O Trabalho, de Leão Tolstoi,tradução; **Synthese do Problema Bancario no Brasil,** de João Chrysosthomo da Rocha Cabral, offerta do autor.

No Congresso Feminino, na Academia Carioca de Letras e no Centro Cearence, de Henriqueta Galeno, **O Problema do Mal,** de Lydio Machado Bandeira de Mello, **Escalada,** poesias de Arnaldo Nunes.

Revistas da Academia Brasileira de Letras e das Academias Maranhenses, Sergipana e do Rio Grande do Sul.